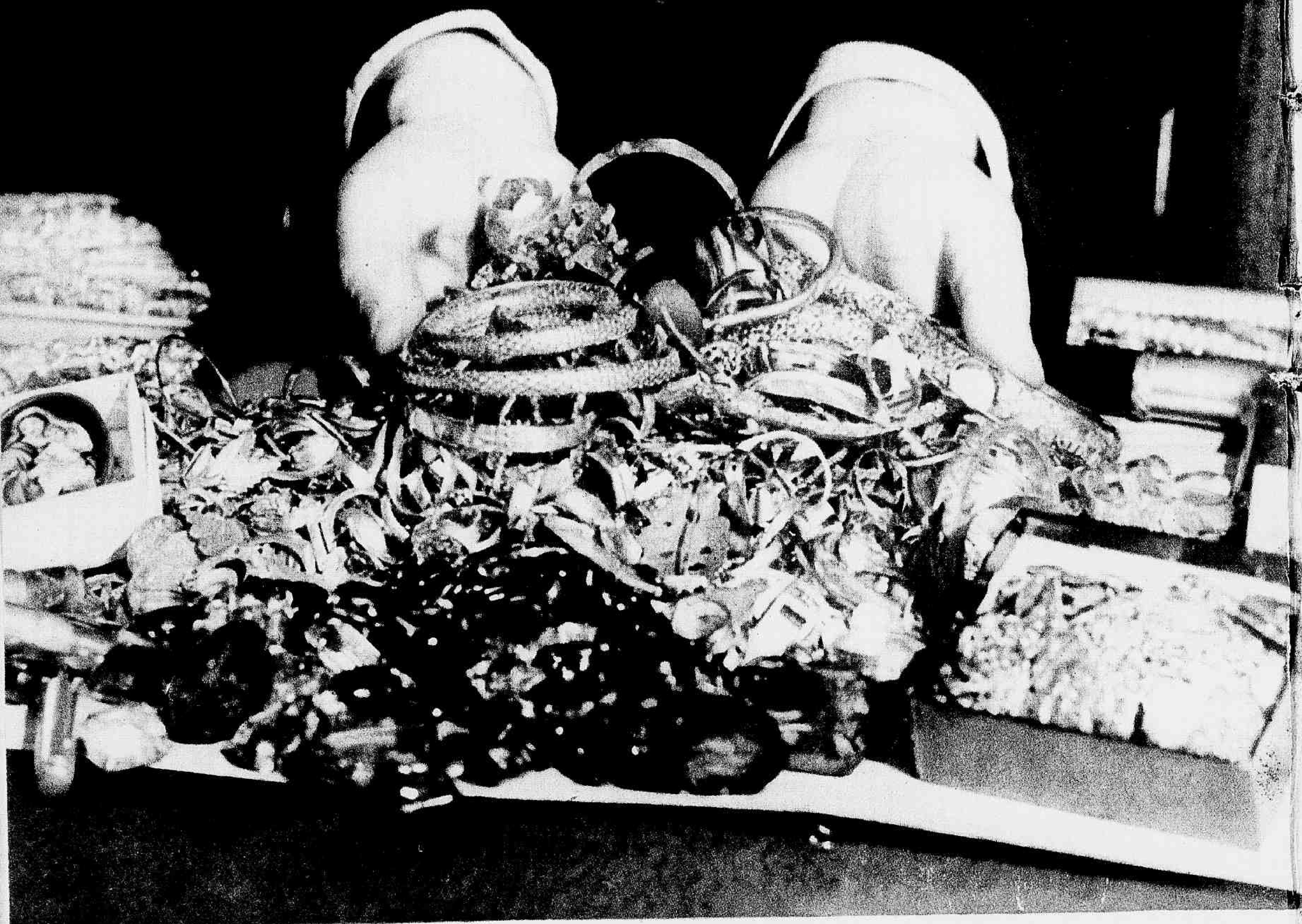
REVISTA DA SEMANA

N. 3 15-1-55 Cr$ 5,00 em todo o Brasil

IEMANJÁ — Rainha dos Cadillacs



Brilhantes, platina, ouro e esmeraldas, doados pelo povo carioca ao Congresso Eucarístico Internacional, para a feitura da Custódia, obra de arte cuja mão de obra custará dois milhões.

O TESOURO FABULOSO DO ANO EUCARÍSTICO

MILHARES DE PESSOAS ATENDEM AO PEDIDO DO CARDEAL D. JAIME CÂMARA, DOANDO OURO, PLATINA E PEDRAS PRECIOSAS PARA A FEITURA DA CUSTÓLIA DO CONGRESSO EUCARÍSTICO INTERNACIONAL ★ "REVISTA DA SEMANA" CONSEGUIU FOTOGRAFAR (COM EXCLUSIVIDADE) AS DOAÇÕES DOS BRASILEIROS CATÓLICOS •

Texto e fotos de VINICIUS LIMA

VINTE e três de dezembro de 1954. Faz 5 horas que o repórter se acha no interior de um velho casarão, fotografando ouro, pérolas, prata e pedras preciosas. A fim de obter licença para tais fotografias, havia empenhado a palavra no sentido de não revelar, por medida de precaução, o local em que estavam sendo feitas as fotos.

Havia de tudo! Chuveiros com incrustações de pérolas raras e colares pelos quais muitas mulheres dariam a metade de suas vidas. Num canto da enorme mesa, um diadema com 3 quilos de ouro maciço e nas extremidades da mesma, cêrca de 200 brilhantes de vários tamanhos e brilhos. Também 960 alianças ali se achavam. Do lado oposto, um milhar de pequenos anéis de brilhantes, e ao lado dêles, milhares de pedras preciosas sôltas; broches de platina, abotoaduras e cordões de ouro de todos os tamanhos.

O repórter, sòzinho, contemplava aquela fabulosa fortuna ainda não catalogada.

Era 23 de dezembro — repetimos — e ali estava uma fortuna igual ou maior àquela imaginada por Robert Louis Stivenson (A Ilha do Tesouro), que se transformara numa das mais apreciadas histórias de ficção do século XIX.

Parecia também uma das histrias de Marco Pólo reproduzida em realidade. Histórias de Marco Pólo que não tinha máquina fotográfica (por não existir na época) e que, por não poder provar muito do que dizia, ficou sendo conhecido como o maior mentiroso de Veneza.

O padre Ângelo Rebaudengo (que acompanhava o jornalista) voltou à sala. Conduzia uma caixa de 20 quilos cheia de objetos de arte trabalhados em prata e ouro. Aquilo fêz o repórter deixar de lado a introspecção e ajudar o pároco a carregar as demais caixas contendo outros objetos de grande valor.

Seguimos o padre e o ajudamos a conduzir uma caixa de 16 quilos de moedas, e outro caixote de 25 quilos de castiçais, bôlsas de prata e ouro, e, finalmente, a última caixa, com 40 quilos, também repleta dos mais variados objetos.

Aquilo já estava parecendo filme americano, de tão absurdo, e o leitor certamente deve estar impaciente para saber a origem dêsse mundo de jóias, seu valor e o destino que lhes será dado...

SÃO AS JÓIAS DO CONGRESSO EUCARÍSTICO

Inegàvelmente a igreja Católica ainda é uma fôrça ponderável, pois se não o fôsse, como iria conseguir em tão pouco tempo reunir tão fabulosa fortuna? Aquelas jóias eram o resultado de sermões feitos nas igrejas pelos padres, nos quais foram pedidas pela igreja jóias para a feitura da Custódia do Congresso Eucarístico Internacional, ora em realização no Rio de Janeiro. Fato idêntico sòmente verificou-se em São Paulo, em 1932, durante a Revolução Constitucionalista, quando as mulheres trocaram seus brincos, anéis e pulseiras por fuzis e metralhadoras, a fim de fazer frente às fôrças legalistas do «Govêrno Provisório» de Getúlio Vargas.

O PREÇO DA CRENÇA RELIGIOSA

Conversando com o padre sacramentino José Carlos Macedo, que muito auxiliou ao repórter, soubemos que aquelas contribuições em ouro, prata e pedras preciosas, eram das mais variadas origens. Por exemplo, d. Celina Guinle de Paula Machado deu para a igreja 121 pedras de tamanho comum, (ametistas, topázios, águas-marinhas, esmeraldas, rubis, brilhantes, etc.), além de um berilo azul-esverdeado com o pêso de 790 gramas. Essa pedra rara e de valor incalculável, será colocada no pé da Custódia. E como falamos na doação de pessoa rica, citemos agora aquêles cujas contribuições constituíram sacrifícios:



Êste magnífico trabalho a ouro, platina e brilhantes (além de topázios e opalas), pesa mais de três quilos e foi oferta de um anônimo do Rio.



Parte da coleção de gemas raríssimas, oferecidas por d. Celina Guinle de Paula Machado. Essa conhecida dama deu para o congresso 120 pedras.

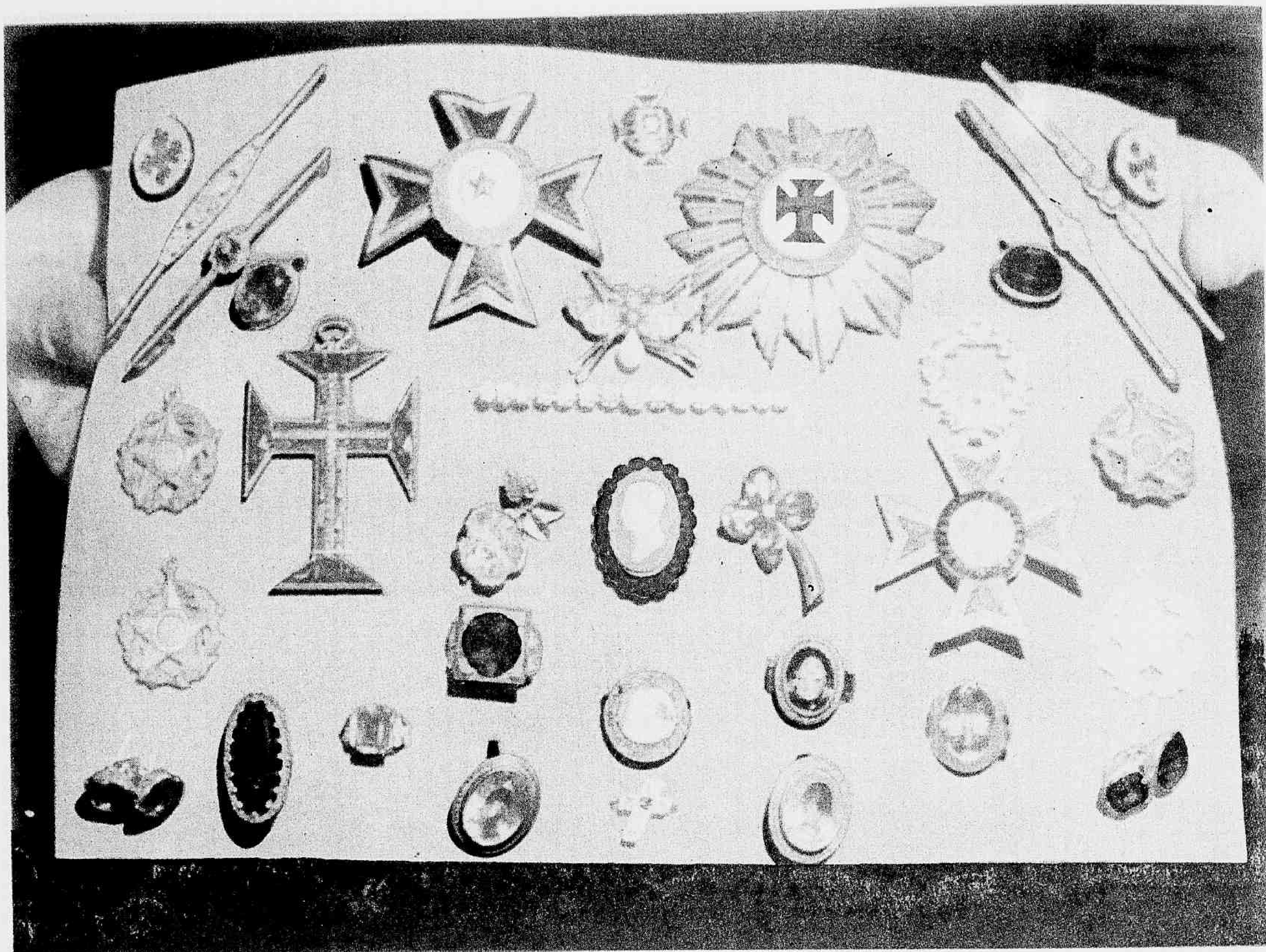
D. Maria da Conceição, residente no Méier, não se envergonhou de pedir esmolas sòmente para dar um anel de brilhantes para a Custódia. Uma d. Gabriela Amaral, deu a sua aliança de desquitada, presente bastante significativo em se tratando de doação à igreja. Outra pessoa que se identifica pelas iniciais C.P., enviou para a secretaria do Congresso, uma libra esterlina cujo valor estimativo êle próprio descreve: «Foi o primeiro dinheiro que ganhei na minha vida, numa época em que um homem vivia bem com dois mil réis diários».

Inúmeros outros casos pitorescos foram registados pelos padres. Algumas pessoas, ao invés de jóias, preferiram oferecer dinheiro (Cr$ 120.000,00, até o momento) porque o Congresso terá que pagar, sòmente ao artista que está confeccionando as duas Custódias (uma pequena e outra grande), cêrca de dois milhões de cruzeiros pelo seu trabalho. E a Custódia principal vai consumir mais de 100 quilos de ouro, além de milhares de pedras preciosas, pérolas e platina.

Em conversa com diversos sacerdotes, soubemos que além das jóias fotografadas, existem outras que seguiram para o Rio Grande do Sul, após ter sido o ouro e a platina (22 quilos de ouro e 120 de prata) fundidos na Casa da Moeda. Além disso, seguiram para as mãos do artista, as seguintes jóias já catalogadas e que não foram fotografadas agora: 603 cordões, 861 alianças, 583 anéis, 97 caixas de relógios, 1022 medalhas, 544 brincos, 145 broches, 64 alfinetes, 20 cabos, 173 pulseiras, 217 botões, 77 crucifixos, 545 dentaduras 375 peças de outro ligado com platina e 2.000 gramas de miùdezas em ouro.

Todo material enumerado, e que não faz parte da presente reportagem, é de ouro. Pena que não nos tenha sido fornecida a lista de pedras preciosas. Mas, eis o que foi doado em prata para o Congresso Eucarístico, e que também não faz parte do material agora fotografado: 130 alianças e anéis, 42 copos, 170 bôlsas, 108

O TESOURO FABULOSO...

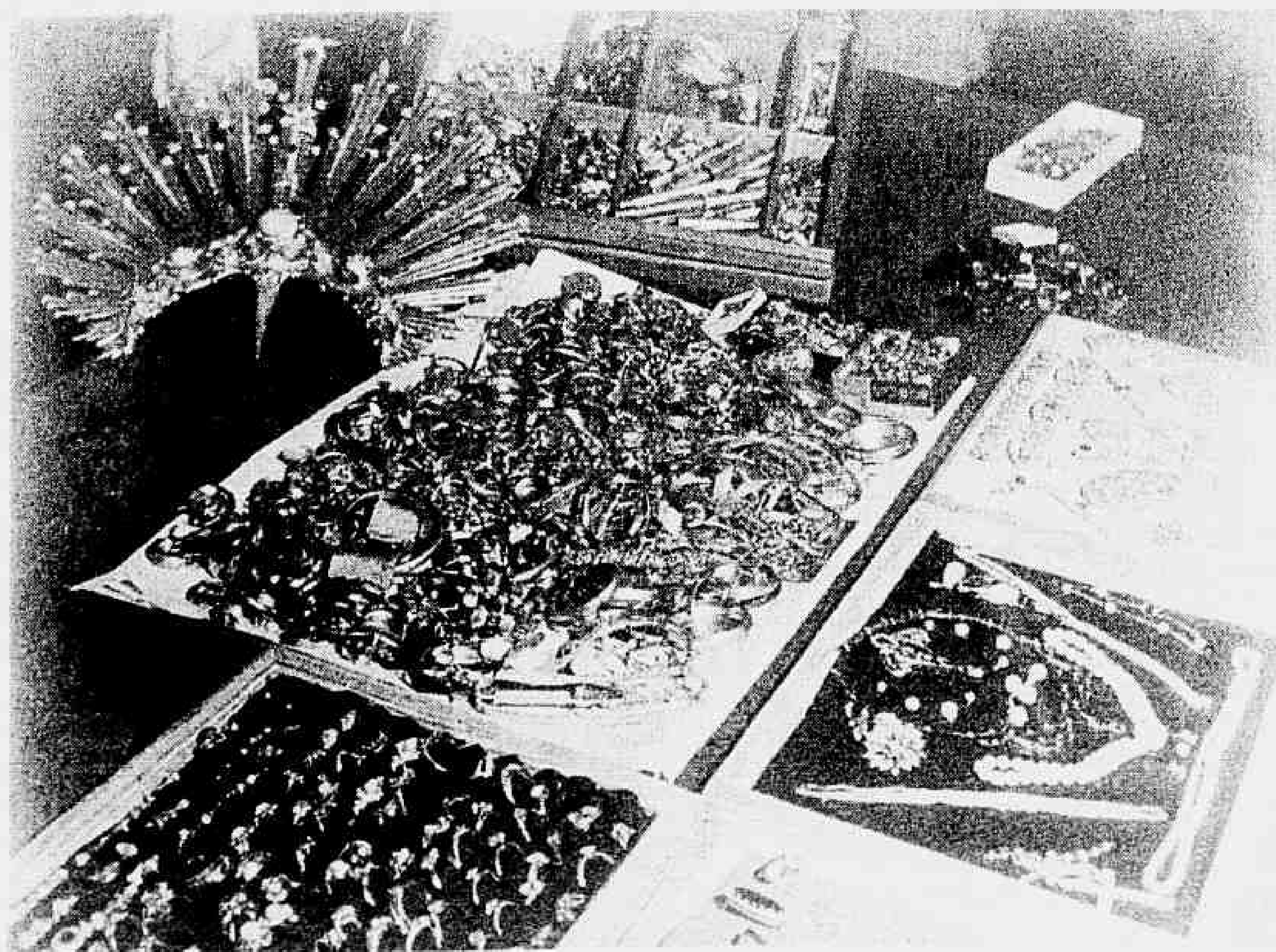


Outra coleção de jóias raras, de grande valor material, porém, o mais interessante é que a maioria das jóias ofertadas, eram jóias de família portanto, de apreciável valor estimativo.

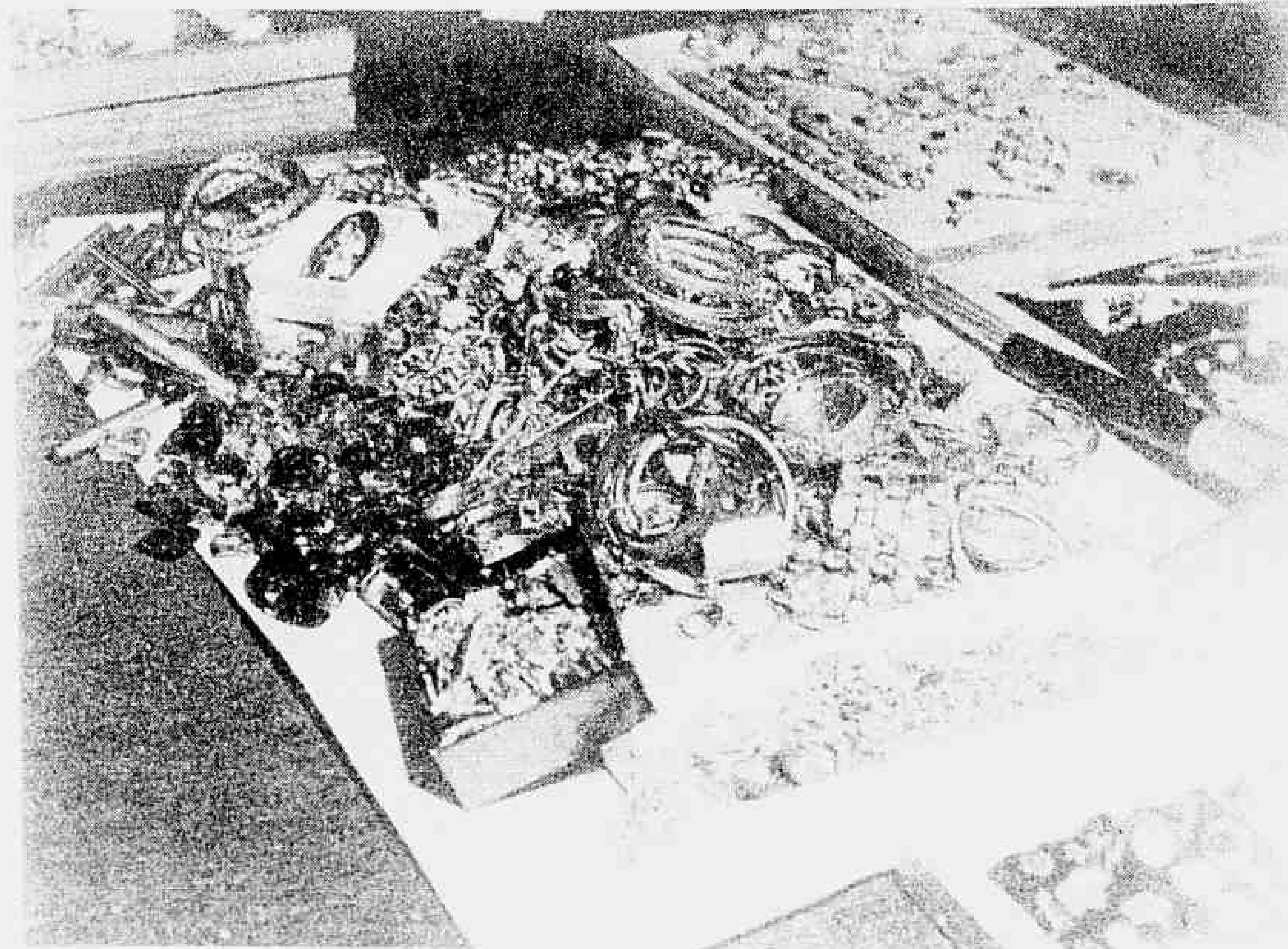
argolas, 105 cordões, 270 colheres, 65 garfos, 115 cabos de facas, 12.000 moedas num total de 80 quilos.

O VALOR TOTAL DAS JÓIAS

Na opinião do padre Rebaudengo, muitas das jóias não deverão ser fundidas, tal o seu valor como trabalho de artesanato. Certos chuveiros cujos brilhantes não podem valer mais de ... 100.000 cruzeiros; como jóias, poderiam dar em leilão pelo menos o dôbro de seu valor real em pedras e platina. O mesmo acontece com relação a muitas jóias de famílias ilustres que não permitiram a publicação de seus nomes. Sabe-se apenas que a coleção de d. Celina Guinle vale pelo menos, 6 milhões de cruzeiros, isto sem incluir a pedra de 790 gramas que deve valer uma fortuna pelo seu tamanho e beleza. E para concluir: Na modesta opinião dêste repórter, sòmente o que foi visto e examinado, deve valer pelo menos UM BILIÃO de cruzeiros, conforme o leitor poderá ter uma idéia, pela farta ilustração desta reportagem.



As jóias do Congresso, pesavam ao todo cêrca de 300 quilos. Na foto, detalhe de anéis, pulseiras e colares.



Detalhe de jóias confeccionadas com brilhantes, ouro e platina. Calcula-se em um bilião as jóias ofertadas.

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 3 — Rio de Janeiro — 15-1-55

REDATOR-CHEFE .... Celestino Silveira
PAGINAÇÃO .... Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Octavio de Faria, Lúcio Cardoso, Peter Müller, Grande Otelo, Paulo de Andrade Lima, Hélio Abreu, Sérgio Silveira, Milton Salles, Aôr Ribeiro, Aldeny Peixoto, Demóstenes Varela e Samuel Averbach.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón, Fortuna, Darel e Maria Teresa.
FOTÓGRAFOS — Arnaldo Vieira, Alberto Ferreira Lima e N. Viana.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

O Tesouro Fabuloso do Congresso Eucarístico 2/4
O Noturno da Morte 6/8
Como sofrem os cronistas sociais. . 12/14
Iemanjá — Rainha do Mar e dos Cadillacs 42/45
Marlene vai filmar em Hollywood. . 26/29
O cinema brasileiro vai a Marte.... 50/51
Sonho de Morineau 18/19

SEÇÕES

Canção do Asfalto 9
Semana Astrológica 10
Champanhota 11
Flash Paulista 16
Teatro e Música 17
Show 22
Literatura 41
Último Flash 52
A Figura em Foco 53
Por êsse mundo de Deus 34/35
Feminina 32/33

LITERATURA

Entrevista de um escritor (Adalgisa Nery) 5
Os pecados de Maria Quitéria (Maria W. Menezes) 24/25
Maria 30/31

HUMORISMO

O Riso dos Outros 49
Fortuna 54/55

CAPA

Marlene (foto Alberto Ferreira)

Êste número consta de 56 páginas



Desenho de MARIA TERESA

Entrevista de um escritor

● Pelas respostas do escritor às perguntas de uma entrevista estou de posse das suas aspirações e dos seus sonhos e vejo que os seus ideais são modestos e que ainda não começou a viver apesar de contar, imagino eu, mais de cinqüenta anos.

● O lugar do mundo onde gostaria de viver é em Nice. O que irá acontecer brevemente, conforme declaração do escritor. Não tem heróis de romance preferidos. Isso «depende das disposições da cozinheira e do bom ou mau funcionamento das minhas glândulas.» A heroina de ficção é a do último livro que leu. Terá lido X-9? A maior figura da literatura nacional êle prefere ser «banal e dizer que é Machado de Assis». O maior romance de todos os tempos — «Inocência» de Taunay. A sua ocupação predileta é «escrever nem que sejam bobagens». Os pintores da sua predileção... «não há pintores, há quadros. Entre os modernos? Vá lá, Picasso... para não ficar mal com os rapazes. E algumas telas de Portinari o empolgam». Beethoven e Vila Lôbos têm, com muito esfôrço, conseguido fazê-lo eufórico. Penso que o escritor não sabe aplicar bem a palavra euforia.

● As qualidades que deseja no homem — bravura e generosidade. Depois das suas declarações há uma grande necessidade de bravura e contar com uma ilimitada generosidade das criaturas.

As últimas respostas têm um sabor especial. Perguntando o que desejaria ser, responde que êle mesmo, dentro do quadro esboçado na pergunta seguinte que é, como desejaria viver. «Fazendo algo pelo Brasil para que o país seja realmente um grande país. Mas não me deixam fazer nada!»

● Aqui no Brasil, às vêzes as perseguições dão bons resultados. Imaginemos se deixasse êsse senhor fazer o que deseja com o teste da entrevista!

● Indagado como desejaria morrer, esclareceu que atualmente está preocupado em como viver. Mais tarde êle verá como pode ou como deseja morrer.

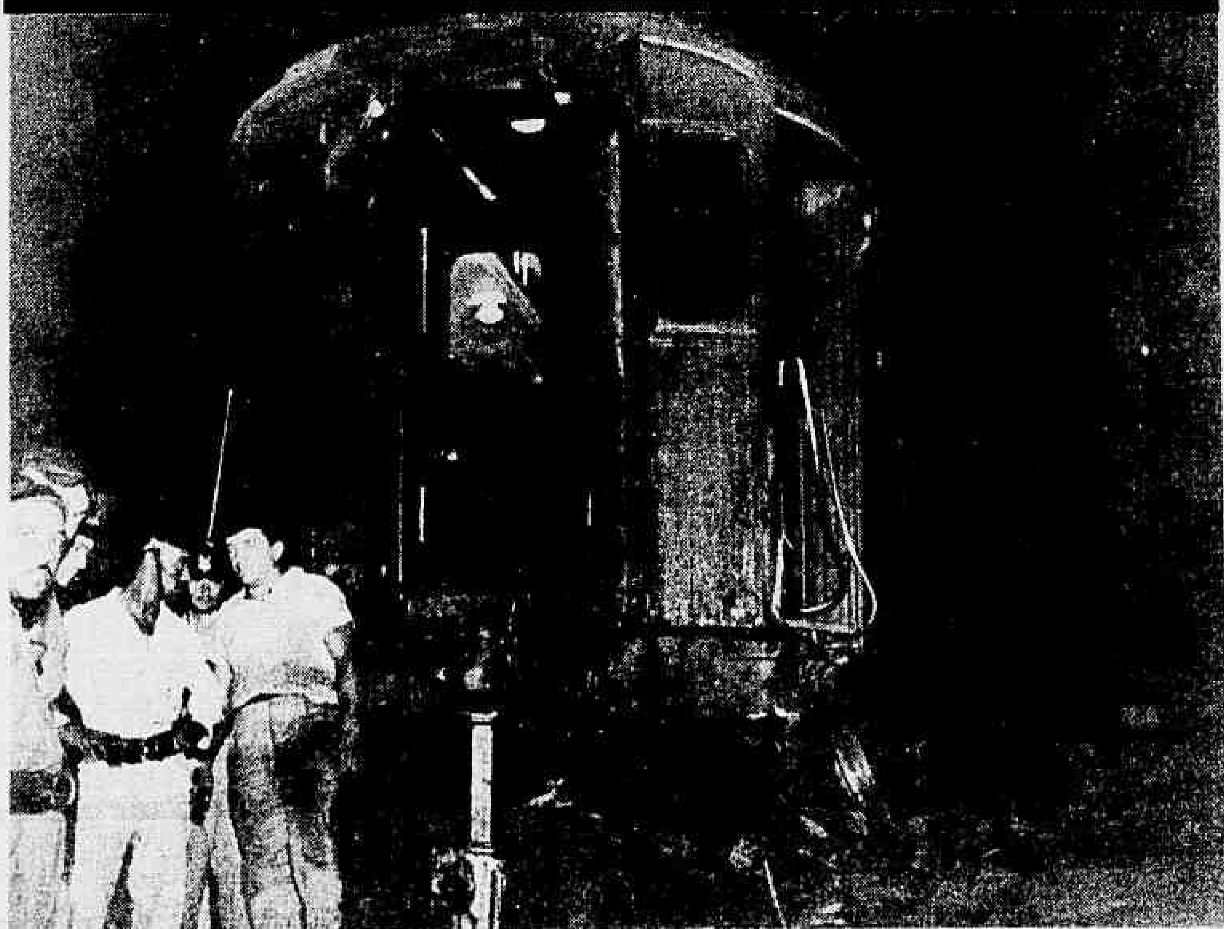
● E dizer que há tanto homem jovem, inteligente, com reservas extraordinárias para ser um grande escritor mas impossibilitado de enriquecer a literatura nacional pela compressão dos que não são escritores!

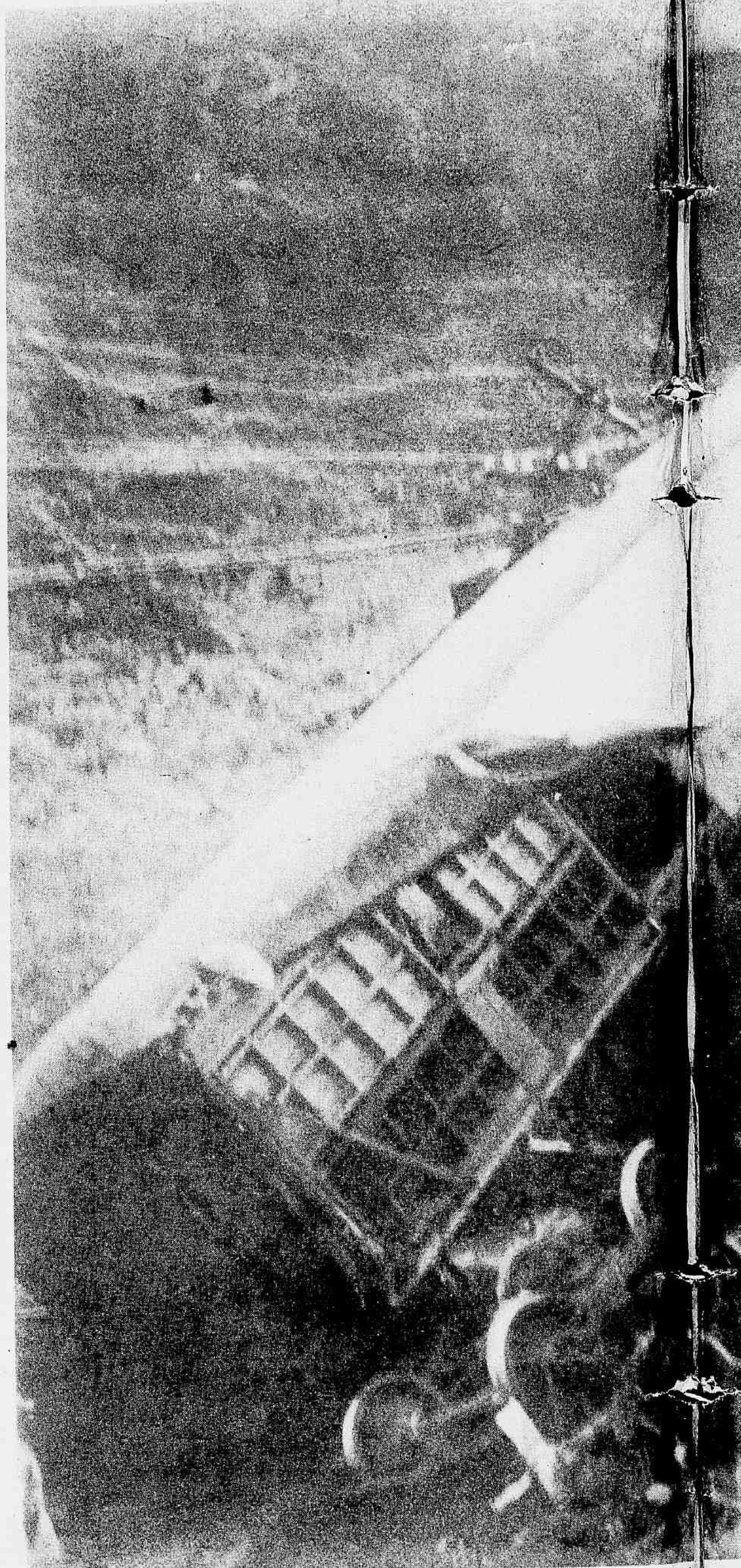


Outra vítima e seu filhinho, que felizmente saiu ileso sofrendo apenas um susto que a chupeta acalmou.

Vagões destroçados rolaram pelo abismo na Serra do Mar — Cinco mortos e mais de sessenta feridos no primeiro grande desastre do ano, e suas proporções.

Um dos poucos vagões que resistiram ao violento impacto do choque, conservando-se sôbre a linha intransitável durante mais de 24 horas.





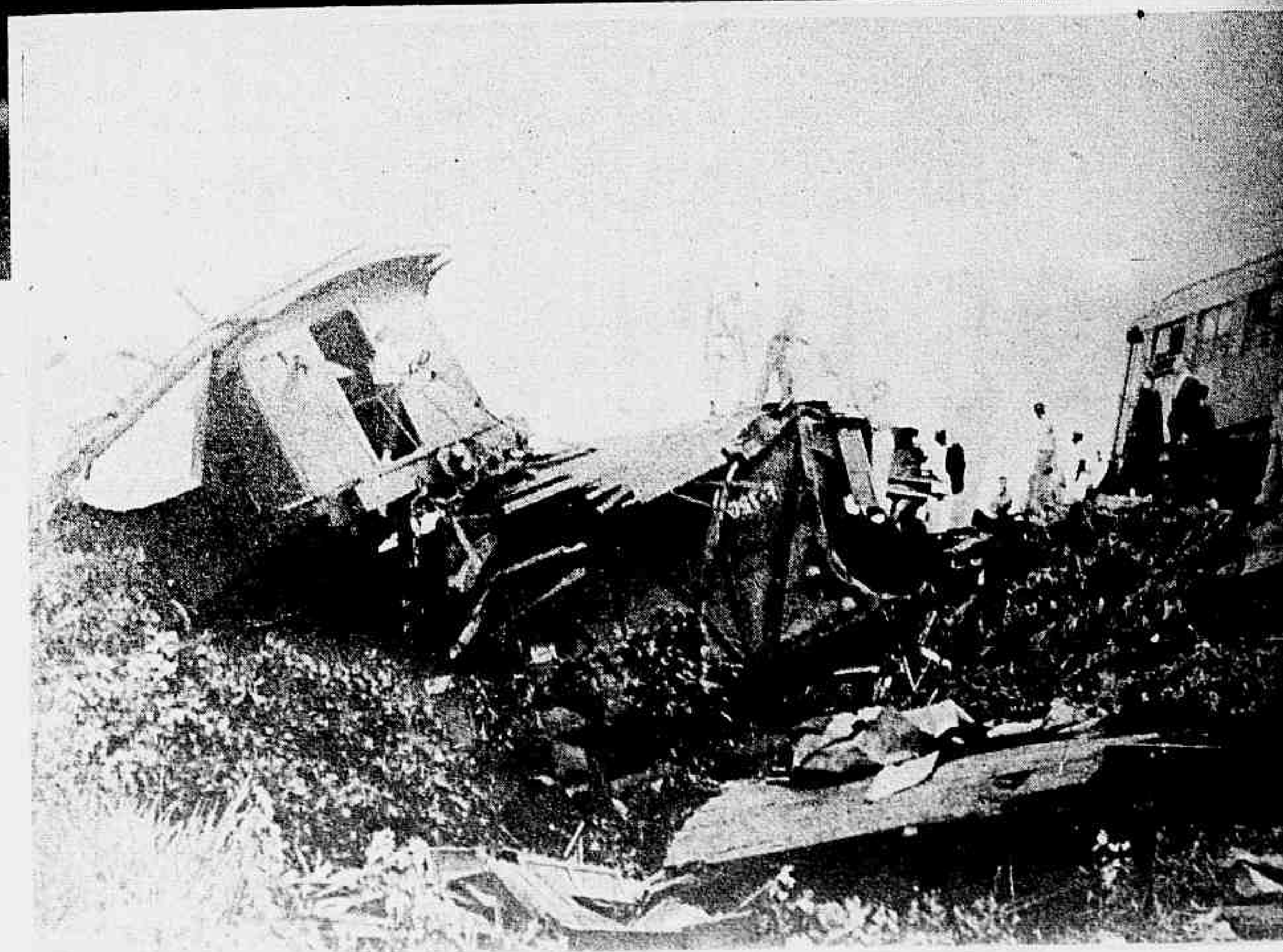
1955

PARA COMÊÇO DE CONVERSA:

O NOTURNO



DA MORTE





Outro flagrante impressionante do desastre mostra mais dois vagões totalmente destruídos do R-2 procedente de Belo Horizonte com destino ao Rio, onde não chegaram os seus passageiros.

Um cofre com 2 milhões de cruzeiros ficou intacto — Grande velocidade e mau estado das linhas foram as causas do sinistro.

UM trem noturno procedente de Belo Horizonte com destino a esta Capital ao aproximar-se da estação de Santana da Barra, na Serra do Mar, saltou espetacularmente dos trilhos, chocando-se com outro de carga parado no local. Da violenta colisão ficaram destroçados quatro vagões que se precipitaram ao abismo, causando a morte de 5 pessoas e ferindo mais de sessenta outras, proporcionando um espetáculo sinistro, que assinalou o primeiro desastre ferroviário de 1955.

MOBILIZAÇÃO DE SOCORROS

Para socorrer as vítimas que se espalhavam em desespêro entre ferragens retorcidas e pedaços de madeira dos vagões destroçados, acorreram ao local os Bombeiros da Usina de Volta Redonda, cujos trabalhos, iniciados logo após o desastre, prolongaram-se até à manhã do dia seguinte. Foi um trabalho penoso dentro da escuridão da noite, cortada de gemidos que ecoavam pelas escarpas da Serra do Mar, por onde rolou o noturno da morte.

Equipes de médicos com recursos de emergência foram imediatamente enviados ao local, onde numerosos operários da Central do Brasil, com auxílio de voluntários, se empenharam na tarefa de socorrer as vítimas.

DOIS MILHÕES SALVOS

Entre os vagões destroçados estava o carro chefe com um cofre contendo dois milhões de cruzeiros, que ficaram intactos apesar da grande confusão reinante na escuridão da noite. Também um vagão de carga e o carro dos correios ficaram bastante danificados, prejudicando considerável quantidade de bagagem e correspondência.

HOSPITALIZAÇÃO DAS VÍTIMAS

Vários ônibus e caminhões fôram logo mobilizados pelas autoridades de Barra do Piraí para o transporte de feridos às cidades vizinhas a fim de serem dedicados.

Na Santa Casa de Barra do Piraí foram internados alguns feridos e numerosos outros transportados para o Pronto Socorro desta Capital, onde muitos ficaram internados em estado grave.

AS CAUSAS DO SINISTRO

Ao mau estado das linhas e à grande velocidade do noturno R-2 mineiro estão sendo atribuídas as causas do primeiro sinistro de 1955, em que foram sacrificadas cinco vidas, além de consideráveis prejuízos materiais sofridos pela principal ferrovia do Brasil.

Durante a noite e o dia subseqüente ao desastre ficou interrompido o tráfego entre o Rio, São Paulo e Belo Horizonte, pois o local em que se verificou o sinistro está situado antes de Barra do Piraí, entroncamento divisório das linhas dos dois ramais.

Portanto, todo o transporte de passageiros e cargas entre os três grandes centros, por via ferroviária, ficou totalmente paralisado, com enormes prejuízos para a economia do país.

Esse homem de sobrancelhas à Monteiro Lobato está resignado, é resistente, mas saiu bastante ferido.



No leito do hospital outra vítima do desastre repousa ao lado de sua filhinha.



NOTICIÁRIO

Voltei ao rádio novamente e desta vez para ficar definitivamente se Deus quiser.

★

Dorival Caími não anda muito satisfeito com o Clube da Chave. Diz o moço Caími que já tem muita coisa pra pagar na valentia e que há muito tempo não sabe o que é capoeiragem...

★

Fernando Lôbo, o que fatura mais do que os outros, tava de «brequedaun»! O papai aqui também já teve com isso. É muito chato.

★

Recebi os votos de boas festas do ótimo rapaz aquêle que é o Manoel de Nóbrega. Lá em São Paulo o moço é o maior, obrigado outro tanto e salve êle!

★

Êsse rapaz Bill Farr ainda é o mesmo Antônio Medeiros que o papai conheceu modesto e bom no hotel Quitandinha. É o caso que o moço trabalhava com a orquestra Ferreira Filho quando o maestro era vivo. Agora que o maestro já não existe mais, continua fazendo a freguesia com a mesma boa vontade e vai ver que nas mesmas condições. Muito bem, seu Bill!

★

A moça Iara Sales parece que vai ganhar êste ano a medalha de melhor animadora de auditório. Arre!

★

O Zé Trindade não foi feliz com a marcha que gravou para o carnaval. É pena porque o colega bem merecia fazer sucesso. Em compensação a marcha do Chico Anísio vai de vento em pôpa. Isto é a vida...

★

O moço Válter de Melo é antigo lá na censura. Me lembro dêle ainda no tempo do dr. Monte Arrqes. Quando o dr. queria arrasar a gente, o moço Válter de Melo não deixava. Agora o moço Válter de Melo resolveu arrasar os programas da gente lá da Rádio Mayrink Veiga. O que é que há, moço Válter? Si a gente tá errado há de se dar um jeito, mas tem dó...

★

Decididamente tem muito troço errado neste ambiente radiofônico... É o negócio do compositor-cantor. Minha avó já dizia que ninguém pode chupar cana e assobiar ao mesmo tempo... A velha tava certa. O Geraldo Pereira tentou isto e se deu mal... Agora o Mansueto, o bom Mansueto. Aquêle que disse suave que a fonte secou vai pelo mesmo caminho... Até a volta Mansueto...

★

O Luís Vassalo de parceria com o Germano Mengo vai reabrir a buate do Plaza Copacabana agora com o nome de Favela. Dizem êles que lá só vai dar crioléo. Gostei da idéia e tomara que o negócio dê certo.

GRANDE OTELO



Iara Sales



Zé Trindade



Dorival Caími



Bill Farr

Estou chorando com o senhor, Doutor Pessoa...

● **Estou sim, porque não compreenderam a grandeza da idéia do senhor. A boa vontade magnífica do seu coração cheio de esperança.**

A Humanidade marchando em direção à estrêla!

A estrêla de esperança no caos das nossas desilusões quotidianas.

A gente fica triste sabe, doutor Pessoa. Fica triste, chora, e tem pena da incompreensão suicida, de um povo sem líderes, caminhando desordenadamente sem olhar para o céu...

Devo confessar, que fazendo parte dêste povo sem líderes, também, no primeiro instante não compreendi a magnitude da idéia do senhor. Foi preciso parar, (e quando parei, alguém passou na minha frente) coordenar idéias, olhar a estrêla, olhar aquelas caras de horrorosa humanidade e por isso mesmo humanas, que a humanidade nunca foi tão feia, como agora, nos esgares de mêdo pânico, ninguém sabe de que, e todos sabem que é da própria alma sem Deus, foi preciso doutor Pessoa, voltar aos bancos do Liceu do Sagrado Coração de Jesus, para compreender a expressão de fé e esperança da idéia do senhor. E então foi que resolvi, assim, daqui, da modéstia da minha «Canção do Asfalto», chorar com o senhor, por todos os nossos irmãos...

Mas porém, Doutor Pessoa, no meio das lágrimas que junto às suas, começo a pensar e sinto que foi muito de golpe a realização da idéia que chamo de — A humanidade em marcha para a estrêla — Porque do alto de seus púlpitos, os párocos não fizeram prédicas preparatórias, os cronistas da cidade que são católicos, a maioria creio, pois que o catolicismo é a base da nossa educação, não escreveram nos jornais, não leram aos microfones, crônicas preparatórias do lançamento do conjunto — A humanidade em marcha para a estrêla? — Foi uma falha doutor Pessoa, desculpe que lhe diga, mas foi. No momento, tudo tem que ser preparado e o senhor sabe disso, de vez que preparou o Carnaval, prepara as festas juninas e ùltimamente preparou as festas da Penha..

Eu estou chorando com o senhor doutor Pessoa, mas que houve um êrro técnico, houve.

Andamos hoje em dia muito preocupados. É preciso fazer barulho para acordar a religião da nossa infância dentro de nós, para que lembremos que devemos caminhar para a estrêla de Belém, porque lá é que estão as nossas últimas esperanças...

Muitos já lhe deram telegramas de solidariedade doutor Pessoa. Eu lhe dou mais. Dou-lhe as minhas lágrimas, porque, muito respeitosamente, pelo nosso povo que não tem tempo pra ter esperança, eu estou chorando com o senhor, doutor Pessoa!

Do patrício amigo,

BASTIÃO PRATA.



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* **Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* **Gesteira**.

A acção que o *Regulador* **Gesteira** exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* **Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos paises, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

Já saiu o ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1955, o livro mais completo sôbre o ano.
O ALMANAQUE EU SEI TUDO está em todos os jornaleiros. Pedidos à Cia. Editôra Americana — Rua Visconde de Maranguape n. 15 — Rio de Janeiro.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME....................

RUA.............. Nº.....

CIDADE..................

ESTADO..................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

Academia de Acordeon

MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453

São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja Tel.: 37-5679

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 15 E 21 DE JANEIRO DE 1955 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O novo período será bem melhor do que o anterior. A favorabilidade dos astros atingirá o setor profissional e a vida doméstica. O leitor terá facilidades e oportunidades as mais proveitosas.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Uma sensível modificação será operada no influxo dos astros que o influenciarão na vigência da semana, de modo desfavorável, felizmente. Nenhum dos seus objetivos será atingido. Será em pura perda o esfôrço que fizer.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Os dias 16 e 18 serão totalmente desfavoráveis aos seus empreendimentos, às suas iniciativas. Os restantes poderão ser aproveitados para alguma coisa. As viagens estão desaconselhadas, no seu caso.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — O clima astral da semana passada continuará, podendo, assim, o leitor, desfrutar um novo período de favorabilidades bem pronunciadas. Os insucessos continuam riscados de sua lista. Aproveite bem a chance.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — O ambiente da semana será propício aos entendimentos e às reconsiderações. O leitor bem poderá **emendar a mão**, como se diz e recuperar o que houver perdido. Os melhores dias para qualquer reconciliação serão 15, 17 e 21.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — A atenuação do influxo planetário, no curso da semana, alterara sua posição em face do céu emissor. Não confie demasiado nem resolva nada de plano. Há possibilidade de erros e de enganos os mais prejudiciais.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — O novo período será muito bom para as iniciativas e para os negócios novos. Não force, porém, o andamento dos que estiverem em pauta esperando solução. E' melhor aguardar uma ambiência astral mais segura.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Os influxos planetários reinantes na terceira casa do seu horóscopo, o indisporão com os parentes e com as pessoas mais íntimas. Haverá incompatibilidades no próprio meio doméstico. Controle-se.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Não faça solicitações de qualquer natureza. Evitará, assim, possíveis humilhações e desilusões acerbas. No curso da semana conte apenas consigo mesmo.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — O ambiente o fará impulsivo e lhe dará um toque de neurastenia, uma impaciência sem justificação. Resista ao desejo de dar solução aos negócios, sem o necessário exame, pois estará sujeito a prejuízos.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Um ambiente calmo, uma situação segura e uma sequência de acontecimentos favoráveis, eis a promessa dos astros para a semana em pauta. Uma coisa lhe recomendamos: Não tente a sorte, não se aventure em jôgo.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — O ambiente astral predisporá o leitor à boêmia. Resista às tentações, recuse os convites, pois além de escândalos, estará sujeito à privação da própria liberdade. Está avisado em tempo útil.

OS NOMES DA SEMANA

Janeiro,	15	—	Eduardo	—	Eveline
"	16	—	Marcelo	—	Estefânia
"	17	—	Atílio	—	Leonilde
"	18	—	Leonardo	—	Margarida
"	19	—	Canuto	—	Marta
"	20	—	Clemente	—	Luciana
"	21	—	Epifânio	—	Inês

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Janeiro,	15	—	24º - 34' - 2"	(Signo do Capricórnio)
"	16	—	25º - 35' - 8"	(" " ")
"	17	—	26º - 36' - 15"	(" " ")
"	18	—	27º - 37' - 21"	(" " ")
"	19	—	28º - 38' - 27"	(" " ")
"	20	—	29º - 39' - 32"	(" " ")
"	21	—	00º - 40' - 37"	(Signo do Aquário)

1955 COMEÇOU MUITO BOM

PETER

● *O novo ano começou bem. Várias festas seguidas, algumas antecipadas, em face da decisão do Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara de não fazer mais a missa campal que se esperava. E nem bem o fígado dera conta das repetidas taças de "champagne", entremeadas de "whisky", e surgiram as primeiras feijoadas do ano: do sr. e sra. Osvaldo Schuback e do sr. Carlos Peixoto.*

Mas, antes disso houve a meia-noite do "Happy New Year", em casa do sr. e sra. Eugênio Lage (ela, com um belíssimo vestido vermelho) e que contou com a presença de quatro da "lista das 10 mais elegantes". Compareceram à festa, patrocinada por diversas senhoras de nossa sociedade, os casais Jorge Guinle, João Saavedra, Osvaldo Schuback, Carlos Guinle, Álvaro Catão, Valder Sarmanho, Carlos Eduardo de Souza Campos, Alfredo Tomé, sras. Ivonne Monteiro (elegantíssima), Izabel Leitão da Cunha, Nicole Hime e os srs. Fernando Ferreira, Harry Stone, Valter Quadros, Jacinto de Thormes, Ibrahim Sued e Tony Mairink Veiga. A mansão da rua Dona Mariana teve uma grande noite que foi esticada para o "Sacha's" e "Vogue".

● **CINCINATO ANIVERSARIA** — Um grupo de amigos do sr. Cincinato Braga, por ocasião de seu aniversário, promoveu uma reunião em casa da sra. Rosa Khoury, tendo comparecido o sr. e sra. João Fonseca, Francisco Elísio Pinheiro Guimarães, sra. Ruth Silveira, srtas. Lourdes Lessa, Marli Jardim, e srs. Fernando Ferreira, brigadeiro Clóvis Costa, Gilberto Rocha Faria. Nesta noite, o sr. Murilo de Almeida, orientado por Paulinho Soledade cantou e brilhou a mais não poder.

● **VIAGEM A EUROPA** — Estão de viagem para o Velho Mundo, o casal Joaquim Monteiro de Carvalho. A família vai completa, isto é, com todos os filhos.

● **GRITO DE CARNAVAL** — Dia 8, em Corrêas, a srta. Jane Hime deu um grito de Carnaval à fantasia, em sua residência. Todos elogiaram muito a sua fantasia de «balisa», obra do costureiro Joãozinho Miranda.

● **ENTREVISTA DO SR. JORGE GUINLE** — A REVISTA DA SEMANA publicará uma entrevista «Pin-Pong» que fiz com o sr. Jorge Guinle, sôbre música, especialmente a moderna, «jazz», «be-bop», Hollywood e seus artistas. Muito interessante as respostas.

● **QUATRO EMBAIXADORES** — O «Bife de Ouro» deixou de ser apenas um ponto de reunião de gente elegante, políticos e diplomatas, para ser um lugar de freqüência obrigatória para todo aquêle que deseje estar bem informado. É um termômetro político, social, financeiro, funcionando sob a direção simpática do «maitre» Ferri. Presidentes da República, pessoas do nosso «Café Society», o economista Humberto Bastos e o poeta Augusto Frederico Schimdt. Voltando ao título, num mesmo almôço, constatei a presença de quatro embaixadores: da Bolívia, Paquistão, Estados Unidos e Holanda.

● **DEZ ANOS DE CASADOS** — Organizado por um grupo de amigos, houve o jantar de comemoração dos 10 anos de casados do sr. e sra. Gastão Veiga. Já começaram as obras da piscina, no sítio onde moram, enquanto não fica pronta a casa da Lagoa.

● **DIRCEU, O PIANO E CARIBÉ** — O sr. Dirceu Fontoura é famoso pregador de peças. Está sempre pronto a fazer uma brincadeira com alguém. Dizem que uma vez, há alguns anos, colocou num dos nossos jornais anúncio, vendendo, pela metade do preço, os pianos do Copacabana. E deu o número do telefone do sr. Caribé da Rocha, diretor artístico daquela casa. Não é preciso dizer que, por vários dias, Caribé não descansou, atendendo o aparelho.



Num jantar, as sras. Herbert Moses, José Jobim e os srs. Ministro Alencastro Guimarães e General A. Correa Leal.

● **DECORAÇÃO** — Ficou bonita a decoração do apartamento onde mora o decorador Ênio Moreira. Usando elementos modernos e antigos, conseguiu um ambiente moderno, equilibrado, capaz de transmitir sensação de aconchego. Dá vontade de não sair mais.

● **DIVERSAS** — Mais uma revista sôbre Sociedade «Café Society». Miguelzinho Faria faz progressos no tênis. Sílvio Túlio Cardoso lançou o «Anuário Cinematográfico de 1955». Jantar íntimo em casa do sr. e sra. Valder Sarmanho. O sr. Café Filho recebe para almôço os Ministros do Supremo Tribunal. O sr. e sra. Alfredo Tomé recebe com perfeição: jantar. O casal Souza Campos faz sucesso mesmo de roupa de banho. O «Sacha's» tem estado cheio, cheíssimo.

● **COMEMORAÇÃO DE NATAL** — A srta. Mária Dolabela reuniu vários amigos para festejar o Natal. Entre êles, destacamos as srtas. Nininha Nabuco, Gilda Rangel, Regina Goulart de Andrade, e os srs. Pedro Lago, Oscar Seráfico e Fábio Carvalho.

● **AS 10 MAIS ELEGANTES** — Nos primeiros minutos de 1955, foi ao ar, através das Rádios Mayrink Veiga e Nacional, a lista das 10 mulheres mais elegantes, escolhidas por Jacinto de Thormes. São elas: Nicole Hime, Ernest G. Fontes, Paulo Paranaguá, Nelson Caldeira, Carlos Eduardo de Souza Campos, Alvaro Catão, Joel Monteiro, Antônio Carlos Conceição, Hélio Muniz e Maria Luiza Melo. Tôdas elas estão de parabéns.

● **ARTISTAS PARA PUNTA DEL LESTE** — Da lista (ainda incerta) de artistas norte-americanos que comparecerão ao Festival de Cinema de Punta Del Este, o Copacabana Palace pretende convidar alguns para passar alguns dias no Rio de Janeiro, uma vez terminado o Festival. O Copa está esperando as presenças em carne e ôsso para, então, determinar quem convidará.

● **DE VIAGEM** — Dia 25 de janeiro, deverá retornar ao seu país o embaixador Kemper. O ex-tesoureiro do partido político que elegeu o atual presidente americano e homem de negócios será substituído por um diplomata de carreira com serviços prestados em Roma e Paris. Espera-se um homem de grande prática diplomática.

● **«REVEILLON» NO COPA** — O Copacabana ganhou com a transferência da missa. De 31 para primeiro, teve noite boa, com «Fantasia & Fantasias». De um para dois, casa cheia com gravata prêta e, digamos, um segundo Ano Novo.

O sr. Paulo Machado faz as honras da casa.



★ CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA ★

COMO SOFREM OS

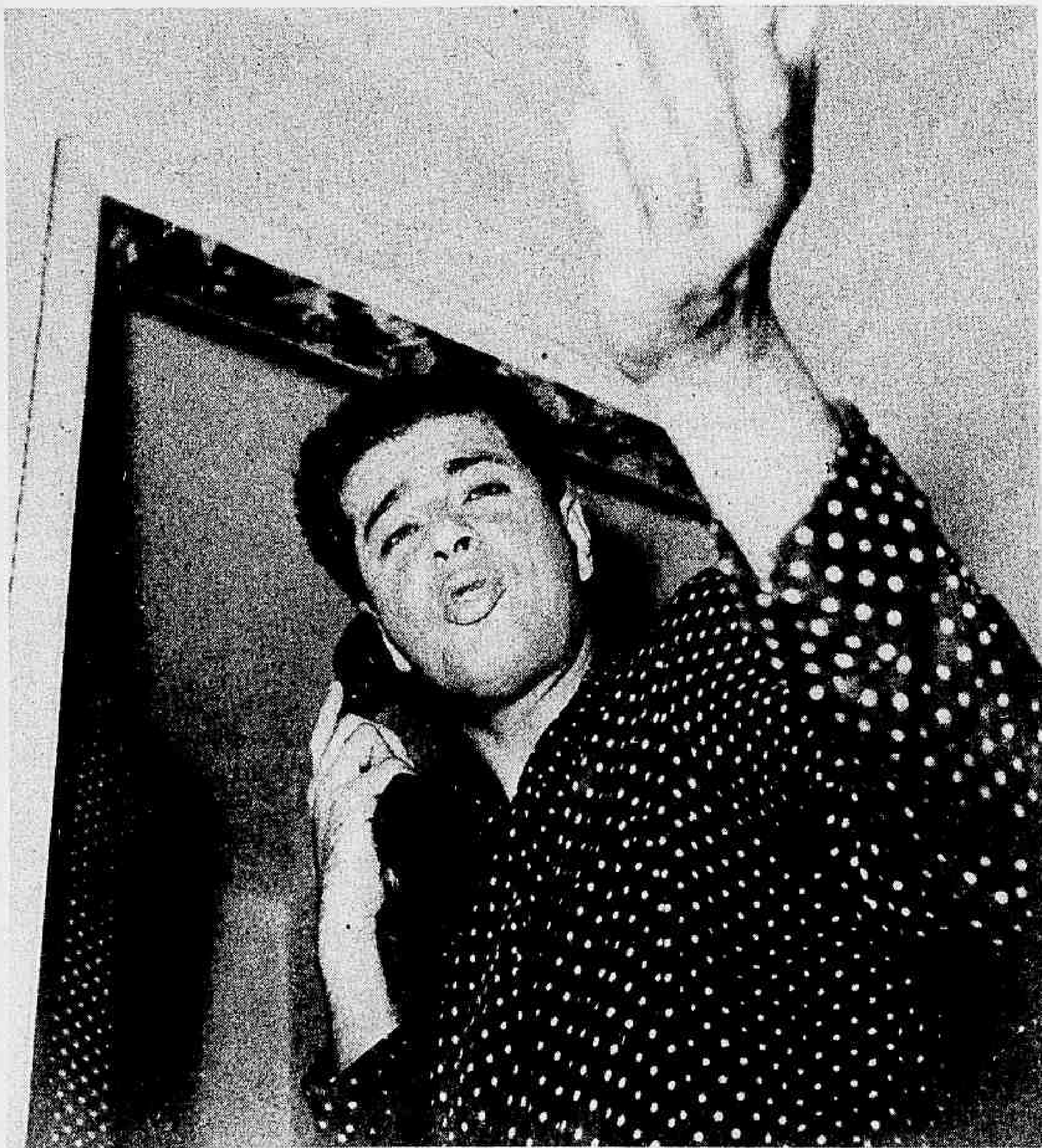
CRONISTAS SOCIAIS!

UMA INCURSÃO À VIDA ÍNTIMA DOS COLUNISTAS DA GRAVATA BORBOLETA ★ AUTÊNTICOS MORCEGOS: POUCO VÊEM A LUZ DO DIA ★ BEBENDO MAIS DO QUE COMENDO, E DORMINDO POR CONTA-GÔTAS ★ ICTERÍCIA, INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA & CIA. ILIMITADA...

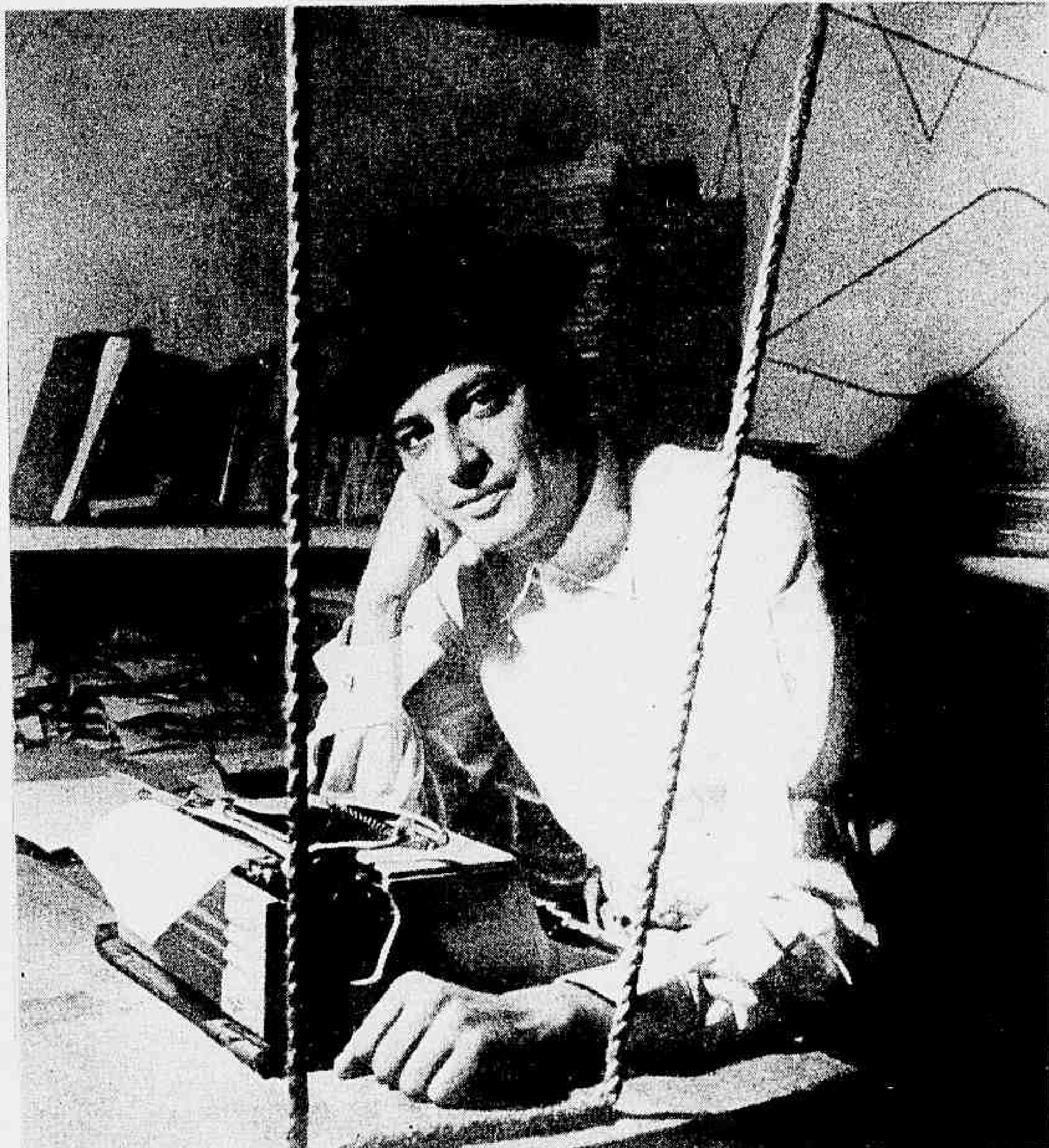
Reportagem de SAMUEL AVERBACH

Fotos de ALBERTO FERREIRA LIMA

MUITA GENTE julga que, pelo fato de ser colunista social, o jornalista pode levar uma vida folgada, em meio aos coquetéis, jantares e recepções a que comparece. Uma praiazinha, um bom sono, cinema, teatro e outras diversões nas horas de lazer, que devem ser muitas. Engano. Puro engano. Os pobres dos cronistas de sociedade comem o pão que o diabo amassou. Não acreditam? Pois então passemos os olhos no que quatro dos mais prestigiosos dêsses escravos da gravata borboleta nos confiaram, de suas vidas atribuladas e da constante luta que travam contra o sono, o cansaço e as afecções hepáticas que vivem a espreitá-los. Façamos a apresentação dos quatro citados "gentlemen": Jacinto de Thormes, João da Ega, Ibrahim Sued e ainda Peter. E depois digam se ainda gostariam de tomar o lugar de algum dêles...



Gostaria de arranjar uma «boa» secretária, só para atender o telefone! Será que Papai Noel me ajuda?



Pronto para sair. Queria almoçar, mas precisava redigir uma nota, sôbre gente bem. E a inspiração?...

IBRAHIM SUED

● Fui batizado Manuel Bernardez Müller. Conto 31 anos e nasci aqui mesmo, em Copacabana; sou desquitado e não tenho noivado em vista. Houve, de fato, meu romance com Jane Powell. Somos bons amigos e trocamos correspondência com assiduidade. Já pratiquei vários esportes, um pouco de tudo mas, principalmente, o futebol. Quando tenho oportunidade, vou à praia, matar as saudades do mar e da bola. Bebo moderadamente e aprecio o uísque. Esta profissão não teria graça, sem um bom drinque. Fumo cachimbo, e só cachimbo. Iniciei-me na vida por obrigação, pois detesto trabalhar. Comecei como sócio da Casa Quincas (loja de roupas para homens). Como jornalista, e como cronista social, meu primeiro emprêgo foi na «Fôlha Carioca»; nessa época, a profissão era um autêntico «hobby». Tive sorte e progredi, auxiliado

pelos conhecimentos que já contava, na sociedade. Passei a usar os métodos dos colunistas norte-americanos e tenho me dado bem. Sou cronista social há dez anos.

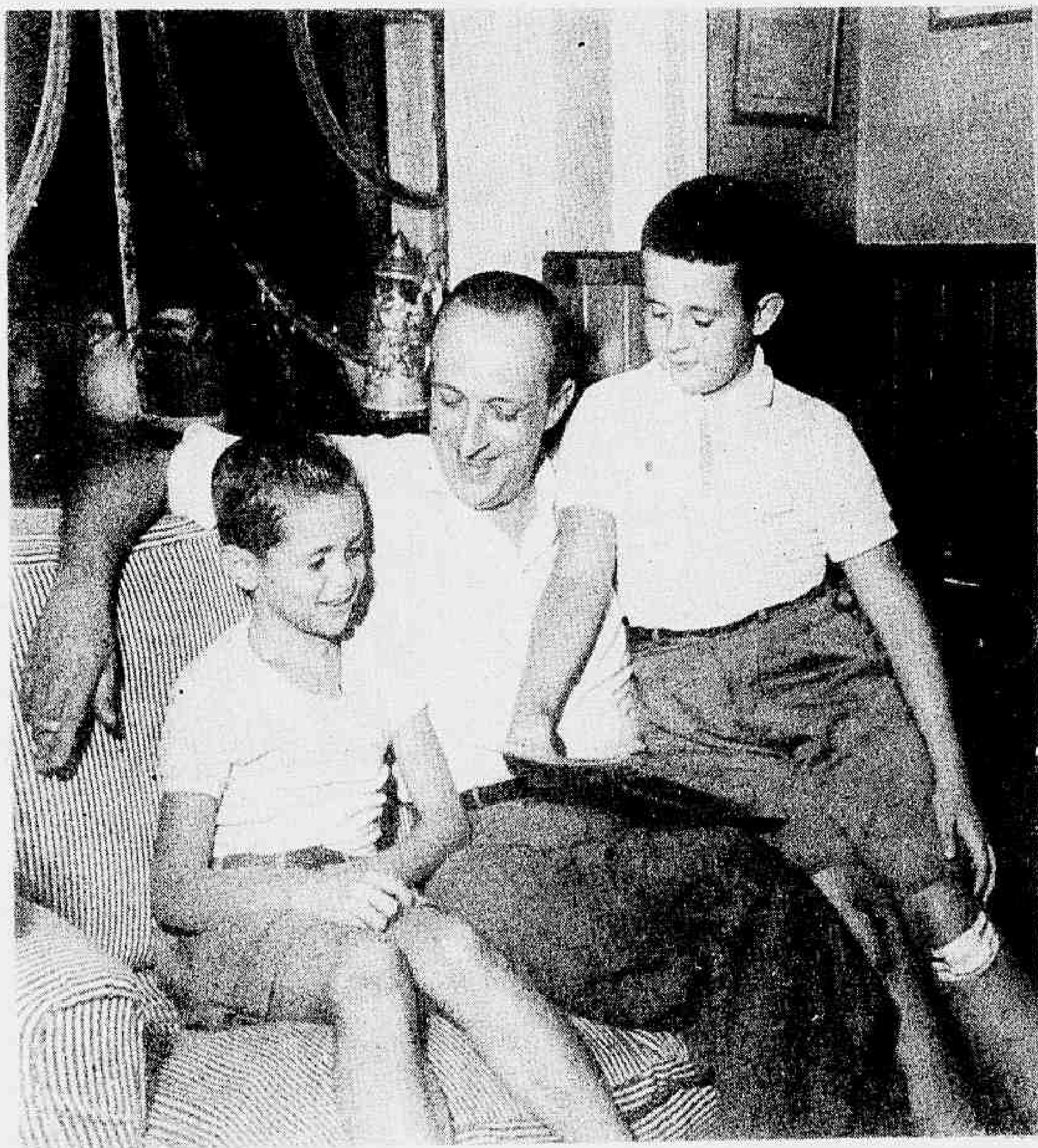
— Escrevo uma seção cotidiana no «Diário Carioca», que é a espinha dorsal de minhas atividades. Faço outra coluna diária, **esportiva**, intitulada «E agora, José?» no «Jornal dos Sports». Escrevo também para a revista «Sombra» e, às vêzes, colaboro no «O Cruzeiro». Atualmente, estou escrevendo um livro de contos e, de parceria com Silveira Sampaio, preparo uma peça intitulada «A Dama de Negro». Além disso, faço um programa de rádio, «Nós, os Gatos», na Mayrink Veiga. Quando não acordo com dor de cabeça, levanto às dez horas. Leio jornais, ouço as notícias do rádio e vou para a cidade. Até 13,30, dou uma série de telefonemas. Almoço em algum restaurante, às vêzes no «Bife de Ouro». Vou ao Jóquei Clube, ao Clube Internacional, e volto para a redação. Escrevo as duas crônicas diárias, sigo para a redação da «Sombra», onde recebo e dou novos telefonemas. À noite, começam os coquetéis e jantares, que se estendem até alta madrugada. Às vêzes, dou uma fugida para casa, a fim de ler, ouvir discos e aprimorar os meus conhecimentos. De dois em dois anos faço uma viagem das grandes porque, pequenas, faço-as com freqüência.

— Acho que a noite conta com boas figuras. Se Carlos Machado e o Barão Von Stuckart parassem de brigar e fizessem um arranjo, secreto ou não, tomariam conta da noite e ganhariam muito mais dinheiro. Não reconheço realeza para ninguém; a noite tem, isto sim, muitos príncipes e princesas. Dos príncipes que conheço, o que mais fala é Fernando Ferreira. O que mais engorda é Antônio Maria. O que mais conta histórias é Waldemar Schiller. Agora, uma princesa: Elizete Cardoso, cantora que aprecio. Os dois casais de maior sucesso na sociedade, são, em minha opinião: Didu e Teresa Sousa Campos — sem dúvida, o casal mais elegante (êle chega ao ponto de usar culote rasgado, ocasionalmente); Robert e Célia Singery — têm a particularidade de receber muito bem. Quanto aos meus colegas de crônica, Carlos de Laet (o João da Ega) é um bom cronista; poderia ser ainda melhor, em minha opinião, se não se sentisse obrigado a fazer graça. Possui duas grandes qualidades: fala o francês muito bem, e tem a tradição e a inteligência do velho Laet. Sôbre Ibrahim Sued, considero-me um pouco responsável pelo seu lançamento como cronista, e êle mesmo admite isso. É um rapaz de valor, sem a menor dúvida, trabalhador, mas falta-lhe alguma experiência das coisas normais e diárias da vida. Sôbre meu primo... bem, sou suspeito para falar...

— Falo o português com sotaque, o inglês, não tão bem quanto penso, entendo e falo muito mal o francês, e regularmente o espanhol. Gostaria de mudar de profissão, mas não sei fazer mais nada. Não sou um «gourmet». Gosto de pratos por gostar como, por exemplo, um **risotto à milanesa**. Já viajei muito. Estive em buates da Europa, Ásia, África e América do Sul. Devo dizer que jamais vi uma buate (no sentido verdadeiro da palavra) tão bem organizada como o Vogue, onde, às cinco da manhã, se pode comer tão bem.

— Durmo de cinco a sete horas por dia; nunca mais do que isso. E olhe que gosto de dormir! Reportagens a meu respeito? Muitas. Os que escreveram melhor foram Rubem Braga, Antônio Maria e Joel Silveira. E quem escreveu pior foi Edmar Morel, que me considerou um monumento de imbecilidade nacional.

— O segrêdo de um colunista é contar menos do que sabe e mais do que os outros gostariam que contasse. Gosto bastante de animais. Willie, meu cão, é como um membro da família. Ah, o meu pijama listado? Está lavando.



O cidadão Carlos Mafra de Laet, advogado da Prefeitura, em companhia dos dois filhos... Que boa vida! — diríamos.



Smoking, camisa, gravatinha. O que falta mais? Paciência, muita paciência, para passar as noites em claro.

JOÃO DA EGA

● Nasci Carlos Rocha Mafra de Laet, carioca, conto 54 anos, sou casado e tenho dois filhos. Comecei minha vida liberal como advogado, tendo me formado em 1932. Atualmente, escrevo sòmente em «Última Hora», jornal em que trabalho desde a fundação. Tornei-me cronista social por experiência. Freqüentava muito os «parties» e resolvi começar a escrever a respeito. A idéia de minha seção «Black Tie» veio do próprio Samuel Wainer. Trabalhei também no «Flan», fazendo a página social e fiz crônicas de teatro sob o pseudônimo de Pigmalião. Colaborei ainda no «Rio Magazine» por algum tempo. Desempenho-me dessas funções jornalísticas a contento. Tanto assim, que ainda me sobra bastante tempo para a família e para a advocacia. Sou advogado da Prefeitura, há um ano. Esta e o jornal absorvem tôdas as minhas atividades profissionais.

— Bebo por fôrça da profissão; gosto, de fato, de um bom uísque. Fumo pouco e não jogo. Tenho automóvel, marca Ford. Falo português, inglês e, mal, o castelhano. O segrêdo de um cronista é freqüentar muito as reuniões sociais e nunca dizer a verdade. É melhor mentir para o bem. Meu programa diário depende da véspera. Se acabei a noite muito tarde, começo o dia tarde. Acordo geralmente às 9 horas, faço minha crônica e vou para o jornal. Eu mesmo desenho meus bonequinhos, auxiliado muitas vêzes pelo Nássara. Do meio-dia às 18 horas, tra-

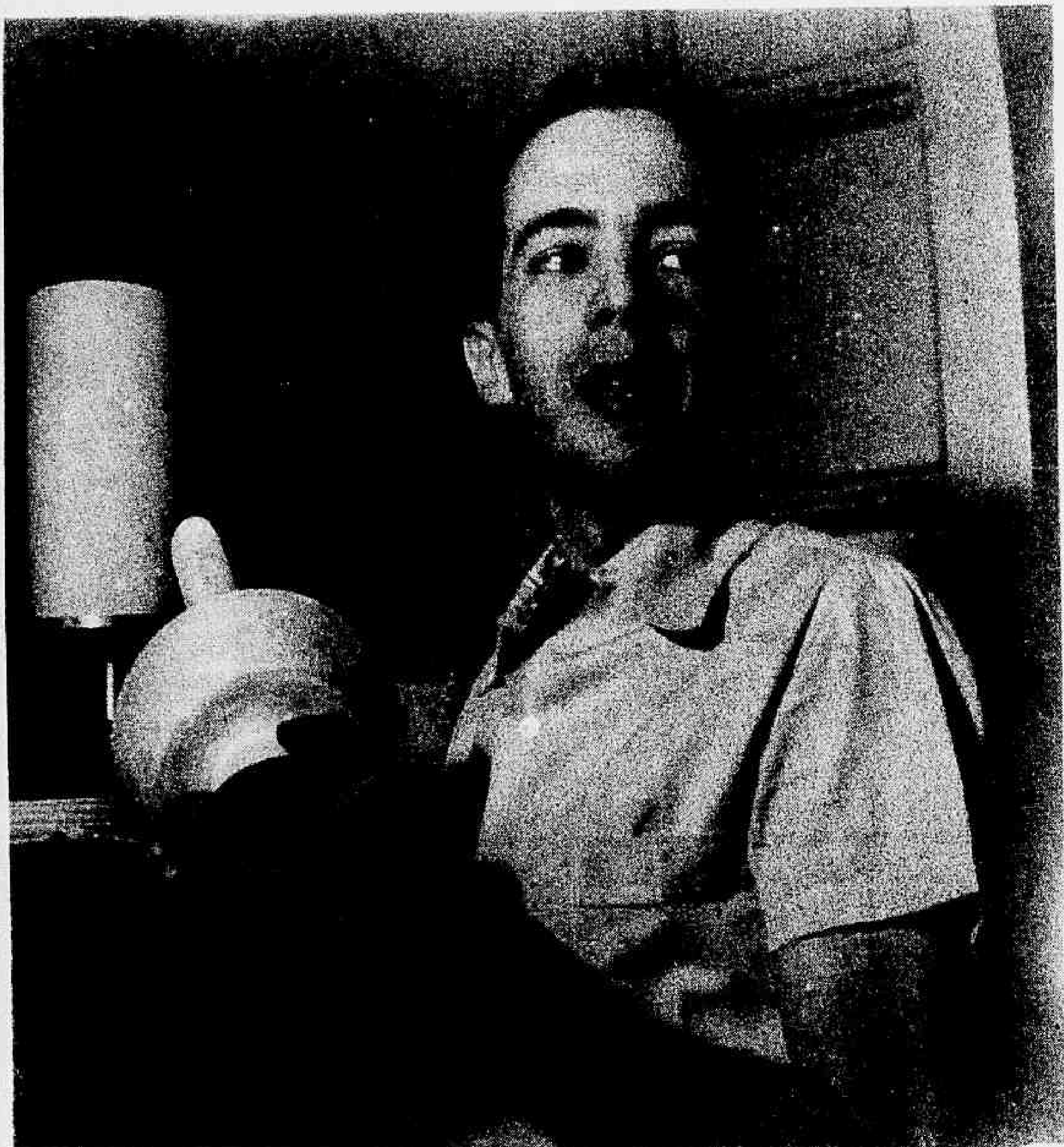
CRONISTAS SOCIAIS

balho na Prefeitura, e olhe que o serviço não é sopa! Volto para casa, janto, e inicio minhas atividades noturnas, que vão pela noite a fora.

— A vida noturna atual está muito melhor do que há quinze anos, e mostra-se superior à de Buenos Aires. O rei da noite, para mim, é Ricardo Fasanelo, que bebe pouco e bate papo durante tôda a noite. Da sociedade, destaco o casal Otacílio Gualberto como o que mais se faz notar. A propósito, gostei dos americanos de Hollywood, que nos visitaram durante o Carnaval. Cada um dêles, desde Walter Pidgeon até June Haver, era um embaixador dos Estados Unidos, e um tipo diferente.

— Apesar de minhas atividades, como com regularidade, e gosto muito de comer. Prefiro o «Bife de Ouro», ou o Bar Recreio. Meu fígado, felizmente, mostra-se em forma, até agora. Não gosto de buates, e destaco o Beguin, como a buate do momento. Durmo cinco horas por dia e detesto a rotina. Reportagens a meu respeito, já foram feitas pela REVISTA DA SEMANA e «Manchete».

— Sôbre meus colegas de crônica? Somos todos amigos e não há rivalidade entre-nós. Sinto-me satisfeito como advogado e, no «hobby» social, só lamento que na máquina de escrever não haja uma tecla marcada com um «Sr.» e «Sra.» Pinto de vez em quando, nas poucas horas vagas, e acredito que existam os discos-voadores, mas julgo não serem naves interplanetárias. O que mais me agradaria neste fim de ano? Ver o Morro de Sto. Antônio na Baía de Guanabara.»



Para o fígado, nada melhor que leite e água filtrada. Portanto, é cuidar sempre da saúde, para resistir ao «train» diário.



O colunista social tem um grande segrêdo: manter-se vivo, comendo fora de horas e sem dormir

PETER

● Sou Pedro de Carvalho Müller, nasci na Tijuca, conto 27 anos, solteiro. Antes que me pergunte, esclareço que sou primo de Jacinto de Thormes. Comecei minha vida de trabalho no Senado, há 6 anos, como oficial legislativo; atualmente, sou chefe da Comissão de Legislação Social. No jornalismo, iniciei-me no Diário Carioca, fazendo uma seção política, 5 anos atrás, por sugestão e influência de meu primo. Durante êstes 5 anos, fiz colunas de noticiário político, em diversos jornais. No setor de sociedade, passei a escrever no ano passado, na REVISTA DA SEMANA e, agora, tenho também uma coluna na Tribuna da Imprensa.

— Dos esportes que me agradam prefiro a natação e o tênis de mesa. Não fumo, bebo leite e, de vez em quando, uísque. Estou com a bandeira livre: nada de casamento. Falo o português, o inglês, um pouco menos o francês e arranho o castelhano. Gosto de minha profissão e, se viesse a mudar, preferia ser «cow-boy». Monto bem, mas sem o estilo comum aos que praticam a equitação.

— Meu programa diário resume-se no seguinte: acordo às 9,30 horas, vou à Faculdade de Filosofia (estudo jornalismo). Almoço, sigo para o Senado e, dali, vou para a Tribuna. Durante a tarde faço meus contactos e vou cavando notícias. Volto à casa às 21 horas para jantar, troco de roupa e, quase sempre, vou satisfazer a um dos compromissos sociais. Como vê, durmo pouco, e mal me sobra tempo para ler algum livro ou qualquer outra distração. Meu prato predileto é uma entrada, melão com presunto cru. Não observo regularidade em minhas refeições: às vêzes não almoço, outras vêzes não janto.

— Sôbre a noite, posso dizer que está caríssima; as casas noturnas, ao invés de procurarem agradar os freqüentadores, passam o tempo a se guerrearem mùtuamente, de modo obtuso. Não existe pròpriamente um rei da noite; existem os reis das praças — Válter Pinto na Praça Independência, Carlos Machado na Praia Vermelha e o Barão Von Stuckart no Leme. A rai-

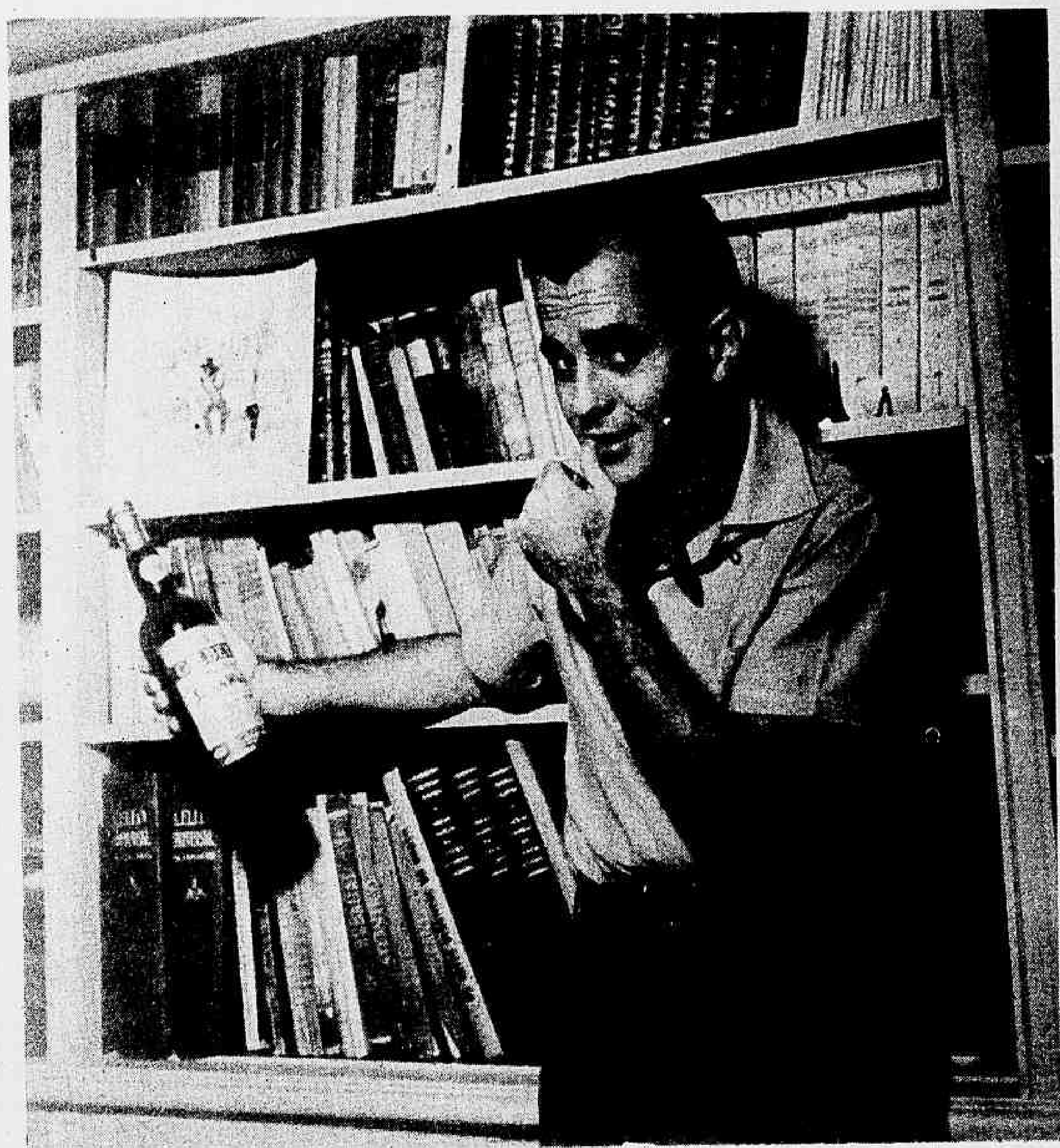
nha da noite, para mim, é Ângela Maria. Já na sociedade, é muito grande o número de casais que se destacam por esta ou aquela particularidade. Às vêzes, o marido é a melhor peça do casal, outras vêzes é a espôsa. O ambiente mais acolhedor é, sem dúvida, a buate Meia-Noite, do Copacabana.

— Quanto a meus colegas, é suficiente dizer que temos uma guerra pública e uma amizade particular. O colunista de sociedade tem um grande segrêdo: manter-se vivo comendo fora de horas e sem dormir, e trabalhando 15 horas por dia. Sou novo na profissão e, portanto, poucas vêzes fui alvo da imprensa falada e escrita: por duas vêzes me entrevistaram no rádio e por duas vêzes fizeram reportagens a meu respeito. Posso dizer que sou caçula dos cronistas sociais diários. Dos discos-voadores pouco sei; acredito piamente nas declarações do Cel. Adil à imprensa e vou esperar para ver como se precipitam os acontecimentos. Quanto a êste fim de ano, o que mais me agradaria seria continuar meu programa de vida sem interrupção.

Está satisfeito? Então até logo, pois vou à Faculdade. Não podemos parar!»



Um cronista social precisa ler de tudo, sôbre todos, no país e no estrangeiro, para não bater sempre na mesma tecla.



Que vontade de tomar um uísque! Mas o fígado andou se manifestando, e o médico disse não. E agora?...

JACINTO DE THORMES

● Meu nome é êste mesmo, sou carioca, tenho 28 anos, solteiro, não penso em casamento por enquanto. Vou à praia quase todos os dias e gosto da natação. Fumo muito e bebo moderadamente, preferindo o uísque e a champanha. Comecei a vida como fotógrafo, fui mudando de ramo, passei a escrever sôbre política, e acabei misturando isso com assuntos sociais. Sempre morei em Copacabana e conhecia já o «grand monde». Daí a efetivar-me nesta função, não demorou muito. Dizem que sou o colunista mais lido. Dizem... Trabalho apenas nesse setor, e escrevo para «O Globo», «Manchete», «Revista Rio» e «Querida».

— Por que deixei o «Diário da Noite?» Porque recebi melhor oferta. Meu programa diário é o seguinte: durmo a manhã tôda (cêrca de seis horas por dia). Almoço e trabalho em casa, à tarde. Às 17 horas, inicio as atividades sociais, catando os elementos para minhas colunas. Apesar de ser o cronista mais noticioso, não tenho secretária, escrevo sòzinho as minhas cartas e sou bastente desorganizado, em casa.

— A vida noturna do Rio anda mais fraca do que há quatro anos. Os preços dos «night-clubs» concorrem diretamente para a diminuição dêsse movimento. Em Copacabana, principalmente, quem monta uma buate ou bar, fá-lo com a idéia de enriquecer depressa. O rei da noite? Waldemar Schiller. Raínha? Não há. No setor da sociedade, são muitos os casais extremamente simpáticos; posso citar um grupo, formado por Jorge e Dolores Guinle, Didu e Teresa Souza Campos, Álvaro e Lourdes Catão, Joaquim e Candinha Guilherme da Silveira, Joaquim e Eva Monteiro de Carvalho.

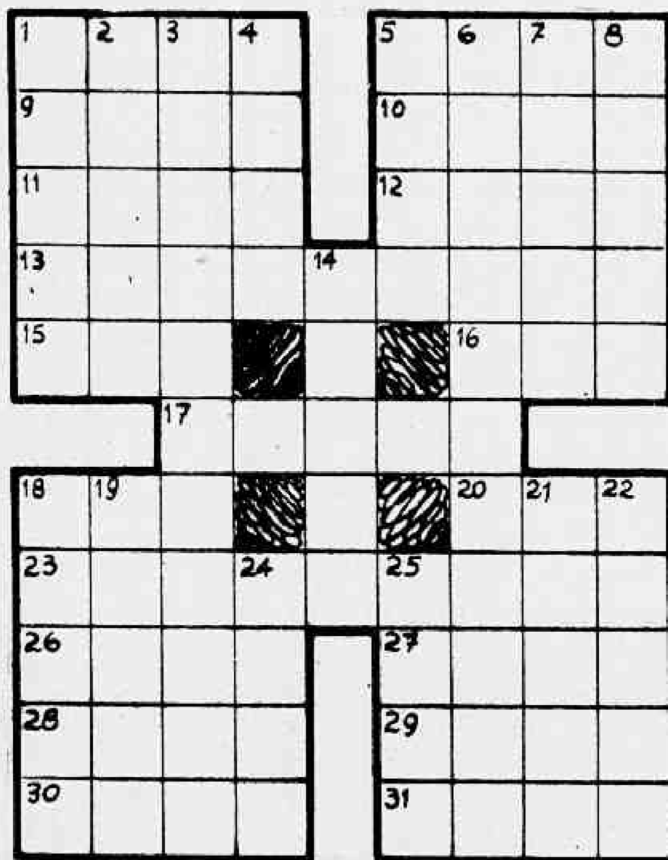
— Meu segrêdo de cronista não pode ser revelado, por causa dos competidores. Sôbre meus colegas de crônica? Dão-me estímulo para furá-los diàriamente. Não gostaria de mudar de profissão. Falo o português, e entendo um pouco de inglês e francês. Gosto de comer, especialmente na casa dos outros. Observo regularidade apenas para o jantar, em hora certa. Reportagens a meu respeito, já fizeram muitas, das quais poucas foram favoráveis. Às desfavoráveis, respondo com o meu trabalho.

— Para mim, os ambientes mais acolhedores da vida noturna são o Copacabana e o Vogue. Discos-voadores? Só acredito nas coisas que vejo. E como ainda não vi nenhum dêles...

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 49

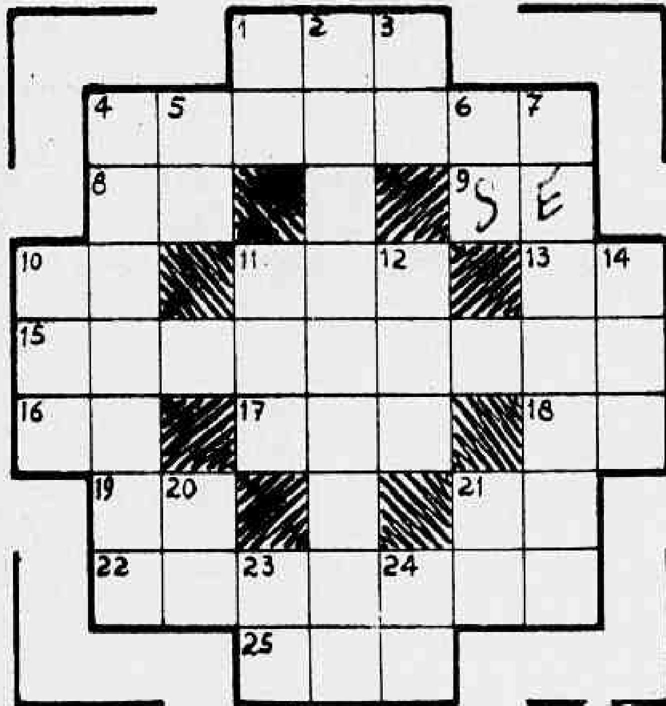
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Leite coalhado e azedado, muito em uso na Índia. — 5. Obstina-se — 9. Elemento latino que significa fogo — 10. Antiga medida francesa de pêso — 11. Puerilidade — 12. Última parte do intestino delgado — 13. Sonolento — 15. Patriarca bíblico — 16. Cinto — 17. Mistura ordinária de parati — 18. Cem metros quadrados — 20. Terra natal — 23. Alvo — 26. Desinência peculiar a alguns adjetivos numerais cardinais — 27. Leve — 28. Arrastar com o rôdo o sal nas marinhas — 29. Gênero de plantas da família das Santaláceas — 30. Serra de Portugal, em Évora — 31. Rio da França, afluente do Mosela.

VERTICAIS: — 1. Cidade da França — 2. Discuto uma questão com veemência — 3. Disparatados — 4. Soltar miados — 5. Planta umbelífera, semelhante à cenoura — 6. Tratado acêrca dos moluscos — 7. Ardor — 8. O latir do cão (pl.) — 14. Apaixonado — 18. Molusco desprovido de tentáculos — 19. Ladrões do mar — 21. Gênero de insetos coleópteros heterómeros — 22. Falar com meiguice — 24. Cidade do Sudão oriental — 25. Jôgo de cartas de origem britânica.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Quer bem — 4. Submeter uma substância sólida à maceração — 8. Seguia — 9. Igreja episcopal — 10. Prefixo que denota movimento para dentro — 11. Gemidos — 13. Perversa — 15. Demonstrar gratidão. 16. Filho de égua e jumento — 17. Grande porção — 18. Basta! — 19. Outra coisa — 21. Conceda — 22. Mexer muitas vêzes — 25. Membro de ave.

VERTICAIS: — 1. Antes de Cristo — 2. Aquêles que medem — 3. Brisa — 4. Tornar-se menor; diminuir — 5. Em partes iguais — 6. Artigo feminino plural — 7. Enviar — 10. Andavam — 11. Rio da Suíça — 12. Criatura, ente — 14. Pedra do altar — 20. Estuda — 21. Preposição — 23. Ruim — 24. Título do soberano da Pérsia.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 48

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Rato — rima — Omar — Ural — má — aca — vá — Ari — Aar — matar — rio — ôco — ir — era — A.C. — Caim — rema — orla — arar.

VERTICAIS: — Roma — amar — ta — ora — rua — ir — maca — alar — catar — imo — aro — rico — irar — cama — ocar — ema — ara — Il — er.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Ops — poluira — ei — ir — rã — Ach — ac — mirim — aborigene — macis — or — roa — ué — ie — um — astomia — Asa.

VERTICAIS: — Ol — pulcrícomos — si — peã — oi — ri — Ara — ruano — airar — Higia — crepe — mom — mês — ria — uma — es — ui — ta — ma.

Flash Paulista

HÉLIO ABREU



Paulo de Carvalho Barbosa, Henry B. Wilson, diretores da Esso, e o senhor Tibor Kessler.

«MARRETEMOS OS CUSTOS!». Êsse o «slogan» escolhido para inaugurar a 10ª reunião de dirigentes da **Esso Standard do Brasil, Inc.** realizada em Santos em dezembro p.p. «Marretemos os Custos e Aumentemos as Vendas» tem sido, desde há muito, o lema adotado pela **Esso** em todo o mundo. Ao importante conclave compareceram alguns dos mais credenciados componentes da família Esso do Brasil, entre os quais os senhores Paulo de Carvalho Barbosa, C. E. Nabuco de Araújo e Henry B. Wilson, diretores da companhia; H. D. Galloway, gerente-geral de Vendas, H. L. D. Wheately, gerente do Departamento de Operações, T. H. O Newman, gerente de Vendas, Tibor Kessler e outras importantes figuras da emprêsa. A reunião de Santos foi, no dizer da imprensa, uma das mais importantes jamais levadas a efeito por brasileiros e americanos que juntos porfiam na credenciada companhia, e os resultados obtidos excederam a tôda e qualquer expectativa. Um belo e cordial conclave de homens que pensam e agem no bom sentido.

GARCEZ RESPONDE A GUDIN — Servindo-se do rádio e da televisão, o Governador Lucas Nogueira Garcez refutou as alegações do Ministro, a respeito de São Paulo em face da inflação que asfixia o país. «Bastaria — disse Garcez — que o govêrno federal desse aos bancos paulistas aquilo que êles têm em depósito para que se normalizasse a situação das casas de crédito de S. Paulo, sem a necessidade da emissão de um só cruzeiro.»

JANIO, CANDIDATO de qualquer maneira, é o que afirma (aos amigos) o sr. Castilho Cabral, companheiro do governador eleito de São Paulo no pleito de outubro e uma das poucas pessoas que têm autoridade para falar em seu nome.

«JUSCELINO VEM AÍ» — Corre no PSD de São Paulo que, caso não seja o sr. Lucas Garcez o vice da chapa Juscelino, em seu lugar irá o sr. Cunha Bueno.

NADA DE VIÚVAS — Falando a êste repórter, disse o sr. Paulo Marzagão (PTB, ala democrática) que em São Paulo não existem as chamadas «viúvas» de Getúlio. «Por aqui o que há é orfandade, e orfandade em grande estilo: com miséria e tudo...»

LINO NÃO RENUNCIARA para dar lugar a Ademar. Não procede a notícia de que o sr. Lino de Matos, senador eleito por S. Paulo, renunciaria o mandato a fim de permitir a eleição do sr. Ademar de Barros ao Monroe. Lino assumirá em janeiro, sem mais delongas, é o que informa fonte do próprio PSP.

NENHUM AUMENTO NO PREÇO DO AÇÚCAR, foi o que nos informou o sr. Fúlviu Morgânti. A notícia não deixa de ser importante, neste momento em que tudo sobe vertiginosamente.



C. E. Nabuco de Araújo, diretor, e os srs. H. L. D. Whately, H. D. Galloway e T. H. O. Newman.

BAILADOS NO MUNICIPAL

BRUTUS PEDREIRA

● Sempre fui avêsso a bailados que contam histórias. Desde menino. Não saberia dizer por quê. É claro que essa ojeriza não tinha origem em postulados estéticos, nem era consequência de meditações sôbre a essência das artes e suas relações mútuas. Graças a Deus, naquela idade, tais problemas ainda eram terra por descobrir. O caso é que não gostava dêles, talvez por já sentir-lhes a puerilidade dos enredos que, além do mais, não viessem contados nos programas, ninguém entenderia senão a meio. A primeira dançarina que vi, em minha vida — como poderão verificar, não me afogo em pouca água — foi a estupendíssima Ana Pavlova. Entretanto, seus bailados de conjunto pareceram-me o apogeu da chatice. Lembra-me, com maior nitidez, um, cujo título não recordo. Tratava duma cigana, apaixonada por certo galã que, um belo dia, com três passinhos de valsa, dá-lhe adeuzinho e some. A cigana sai-lhe no encalço e, chegada à cidade, através duma grade de jardim, contempla um faustoso casamento, que acontece ser o do dito galã, filho do Rei, nem mais nem menos, em vias de casar com uma bela princesa. A pobre cigana, diante de tamanho desamor, é prêsa de tremeliques, dá-lhe um faniquito, estrebucha e morre. Apesar de Ana Pavlova interpretar o papel da cigana, o enrêdo pareceu-me dum convencionalismo e duma tolice de fazerem dó. E não esqueçamos que eu ainda era um rapazelho — já um tanto ou quanto metidinho a bêsta, diga-se a verdade, mas, em todo caso, criançola. Quando, porém, a sra. Pavlova executava um solo ou um «divertissement», o caso mudava de figura. Os olhos se me escancaravam e caía-me o queixo, porque a egrégia dama, com a maior segurança e sem-cerimônia, driblava tôdas as leis da lógica e da gravidade, como se na organização do universo, em parágrafo à parte, houvessem criado leis especialíssimas, para seu uso pessoal. Vários dançarinos e coreógrafos, conhecedores abalizados da técnica da Dança, explicaram-me os meios empregados por Ana Pavlova para conseguir tais efeitos. Em resumo: era a técnica levada a um grau de perfeição não mais atingido. Quanto à dança, define-a bem a frase dum escritor francês, ao referir-se à Pavlova: «c'est la danse de toujours, dansée comme jamais». Êsse «jamais» vale até hoje. Com o andar do tempo, não modifique minha opinião sôbre o bailado de argumento. Ao contrário: firmei-a. Não compreendo a dança como arte narrativa. O contar histórias é próprio do Romance, do Conto, da Novela, da Epopéia, do Teatro, do Cinema, das artes, enfim, cuja essência é descrever, analisar, interpretar a criatura humana em ação, física ou psíquica, enquanto à dança só posso concebê-la como arte abstrata, por tal entendendo a que exprime idéias ou sentimentos em linguagem de pura forma, a que exprime o que a palavra, por seu conteúdo ideológico, não é capaz de revelar. Para mim, a dança é o corpo humano livre no espaço, traduzindo, em movimento e atitude, as emoções em estado puro. Quem não teve ocasião de verificar, diante dum bailado sem pretensão de contar história, que o dançarino ou os dançarinos transmitem, visualmente, a émoção que a música nos dá, auditivamente? Passam, com um pouco de boa vontade, os bailados que, mais que a história, contam as emoções, decorrentes da histórias, sentidas pelos personagens. Nêste caso, o bailado cai no risco, dificilmente evitável, de transformar-se em pantomina com acompanhamento musical, não raro, desnecessário. Estas matutações e outras várias vieram-se à cachola devido à inflação de bailados no Municipal, êste fim de ano. Assisti, apenas, porque de mais tempo livre não dispus, aos da Companhia de José Limón e aos do Ballet do IV Centenário de São Paulo. José Limón, dançarino de renome internacional, perfeitamente integrado nas correntes estéticas contemporâneas que se insurgem contra o convencionalismo formal e técnico da dança clássica, deu-nos mostras de dança pura de grande beleza em «Ode à Dança», «Variações e conclusão da «Nova Dança», «Concêrto Grosso». Como bailados de linha expressionista, tivemos «A Pavana do Mouro», «Cassandra», «Noturno». Na parte de bailado descritivo, deu-nos «Ritmo Jondo», «Ruínas e Visões», «La Malinche», «Um Dia na Terra», «Sátiros» e «História da Humanidade», êstes dois últimos, cômicos. Em todo caso, a liberação dos estreitos cânones da técnica da dança clássica, reduzida quase que a um virtuosismo de movimento de pernas, dá aos dançarinos de tendências atuais capacidade expressiva maior e mais forte. As histórias por êles contadas, com emprêgo total do corpo e da máscara, não escapam ao perigo de caírem na pantomima, o que é, de muito, preferível às contadas por meio do uso predominante das pernas. O Ballet do IV Centenário, se bem nos tenha trazido bailados de diversas escolas e tendências, pendeu para o lado do ballet clássico. A monotonia que poderíamos esperar em empreendimento de tal magnitude confiado a um único coreógrafo, evitou-a Aurélio Milloss, dando-nos, em quatro recitais, uma espécie de curso abreviado da evolução da Dança, com bailados clássicos, expressionistas, outros que lembravam produções da aliança Rolf de Maré — Jean Borlin, outros, ainda, realistas, de inspiração folclórica. O trabalho de Aurélio Milloss é, sem dúvida, merecedor de encômios. Touxe-nos um corpo de baile disciplinado, com elementos de real valor, e valeu-se, em suas realizações, de nossos maiores pintores, o que é obra altamente meritória. As apresentações do Ballet do IV Centenário não desmereceram da proximidade duma companhia de classe como a de José Limón, que o precedeu no palco do Municipal. E isso nos faz criar novas esperanças de que a dança, entre nós, vingue e consiga firmar-se cada vez mais, apesar dos entraves e percalços que as entidades administrativas encarregadas de amparála lhe semeia no caminho.

NOTICIÁRIO

Com «Sinhá Moça Chorou», de Ernani Fornari, Sérgio Cardoso encerrou sua temporada de peças nacionais, no Leopoldo Fróis, de São Paulo. Sòmente em fevereiro ou março vindouros, reaparecerão Sérgio e seu conjunto, dessa vez em seu próprio teatro, o Espéria, atualmente em adiantada fase de remodelação.

★

Em número anterior desta revista, noticiamos que haviam chegado a bom têrmo os entendimentos entre os Artistas Unidos e Flaminio Bolini, que seria o diretor dos espetáculos da companhia liderada por Mme. Morineau, em 1955. Consta-nos, agora, que Bolini só dirigirá uma peça, para aquêle conjunto, e que já acertou entendimentos com Luiz Iglesias, para dirigir Eva e seus Artistas. Com Iglesias ou com Carlos Brandt, Bolini será ótima aquisição para o teatro carioca.

★

Está em ensaios, no «Teatro Permanente das Segundas-Feiras», sob direção de Ruggero Jacobbi, «Teako», tragédia japonêsa do século XVIII, de Takada Izumo. A protagonista será Ivone Hirata, tradutora do original japonês, que terá a seu lado Walmor Chagas, Raymundo Duprat e Italo Rossi.



JOSÉ LIMÓN, BETTY JONES e RUTH CURRIER, em «Ode à Dança», sôbre o Concêrto Capricórnio, de Samuel Barber; coreografia de José Limón, cenário de Paul Trautvetter e figurinos de Pauline Lawrence. Um dos mais belos bailados apresentados no Rio.

O sonho de Morineau:

UMA ESCOLA DE TEATRO

Henriette Morineau — Ordem do Cruzeiro do Sul — atende com franqueza e sem «vedetismo», as perguntas «Ping-Pong»:

Ping — Quantos anos tem de teatro?

Pong — Quase trinta. Até parece ontem, que comecei...

Ping — Em quantas peças já trabalhou?

Pong — Cêrca de sessenta. E cada uma exigiu terrível dedicação!

Ping — Que achou do teatro brasileiro, em 1954?

Pong — Normalmente, o artista de teatro não tem quase tempo de assistir a outras peças, além das que representa. Mas o teatro brasileiro atravessa um período de forte crise. Com exceção do Teatro Brasileiro De Comédia (companhia de grandes recursos, tanto financeira como artisticamente), os demais conjuntos teatrais têm que lutar para manter-se à tona. O meu desejo e o de todos os que se dedicam à arte teatral, é conseguir alcançar o nível do TBC. Assim, teremos ganho a batalha do palco.

Ping — Como surgiram os Artistas Unidos?

Pong — Isto era um ideal do sr. Carlos Brant, meu sócio. Êle esperava a oportunidade de ter um teatro onde eu pudesse atuar, falando português. E isto se deu em 1946, quando Dulcina rumou a Buenos Aires. Pudemos então estrear nossa companhia.

Ping — Qual o melhor ator e a melhor atriz de teatro no Brasil?

Pong — Existem vários excelentes atores, de ambos os sexos, mas não vejo superioridade de algum sôbre os demais. Mesmo porque, a interpretação de um artista varia de peça para peça.

Ping — Qual o melhor autor nacional?

Pong — Não tenho uma predileção exata. Gostei, por exemplo, das peças de Agostinho Olavo e Guilherme Figueiredo.

TRINTA ANOS DE ATUAÇÃO, SESSENTA PEÇAS REPRESENTADAS ★ OS ARTISTAS UNIDOS E O TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA ★ O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, FÃ DE MADAME

Entrevista de FRANKIE MILO
Fotos de ARNALDO VIEIRA

O teatro é algo muito complexo e, mesmo o autor, ainda que renomado, está sujeito a certos decréscimos quando escreve uma obra.

Ping — Qual o seu sonho, dentro da profissão?

Pong — Montar uma grande escola de teatro, onde formaria atores de calibre. Naturalmente, tenho dado oportunidades a elementos que julgo com capacidade para o palco, mas meu ensino não é em caráter oficial. E creio que só poderei formar uma escola, deixando de atuar.

Ping — Por quantos anos ainda pretende apresentar-se ao público?

Pong — Nunca se sabe. Um ator depende do repertório. A questão de envelhecer, por exemplo, é relativa. Não há limites de idade, para quem gosta do palco. Basta apenas adaptar a idade aos personagens das peças.

Ping — Qual a comparação que estabeleceria entre os teatros brasileiro, inglês, americano, francês e italiano?

Pong — Está aí algo difícil de responder. Os latinos — franceses, brasileiros e italianos — podem compreender-se muito bem, pois pensam de maneira semelhante. De um modo geral, as peças estrangeiras são bem acolhidas no Brasil, desde que se trate de assuntos universais. Quando o roteiro assenta em bases nacionalistas, é muito difícil de comparar. Resumindo, posso dizer que há peças brasileiras que podem ser representadas em qualquer país.

Ping — Gostaria de apresentar-se no exterior?

Pong — Bem que me agradaria levar a Companhia a Portugal mas, ali, a censura é severa, e minhas peças são um pouco fortes (impróprias para menores até 18...).

Ping — O ano que passou foi favorável, para os Artistas Unidos?

Pong — Não, não fomos muito felizes, nem pudemos chegar a grandes realizações. Desde o incêndio do Teatro Copacabana, tivemos uma série de desgostos — muito trabalho e pouco resultado.

Ping — Cite um elemento promissor, dos palcos brasileiros.

Pong — Terezinha Amayo. Se essa jovem quiser se dedicar de corpo e alma à carreira que abraçou, irá muito longe.

Ping — Gosta de futebol? Qual o seu clube?

Pong — Não entendo coisa alguma de futebol. Portanto, não tenho clube.

Ping — Entre o cinema, o rádio e a televisão, qual o melhor?

Pong — Não gosto de cinema. Vou assistir a um filme apenas duas ou três vêzes por ano. Adoro o rádio, quando se trata de música clássica. Aliás, devo di-

«O teatro brasileiro atravessa um período de forte crise, com excepção do Teatro Brasileiro de Comédia, os demais conjuntos teatrais têm que lutar pa-







zer que minha cultura musical é muito superior à teatral. Estudei piano durante vários anos. Quanto à TV, tenho trabalhado numa das estações de São Paulo e muito me agradam tais espetáculos. Basta dizer que chego a sentir a mesma emoção na televisão, que no palco de um teatro. Posso frizar que a TV representa um sério concorrente para o teatro. Fatalmente êste será derrotado, como ocorreu com o cinema, nos Estados Unidos.

Ping — Qual o seu partido, na política?

Pong — **Sou estrangeira e, portanto, me abstenho de falar. Posso dizer, em contrapêso, que gosto muito do Brasil e levo uma existência feliz, aqui.**

Ping — Fale então algo do govêrno do Presidente Café Filho.

Pong — **Quem sou eu para criticar um govêrno? O que posso dizer, a respeito do sr. Café Filho, é que tive grande satisfação em saber que êle assistiu a tôdas as representações dos Artistas Unidos, no Teatro Copacabana.**

Ping — E' supersticiosa? Religiosa?

Pong — **Não tenho a menor superstição. Gatos pretos, escadas... Não ligo para isso. Professo a religião católica. E é só.**

Ping — Quem será o futuro Presidente da República?

Pong — **Não tenho a mínima idéia. Gostaria apenas que fôsse um pai das artes.**

Ping — Acredita na existência dos discos voadores?

Pong — **Tudo é possível, na época em que vivemos. Os cientistas não demorarão a nos esclarecer o assunto.**

Ping — Dedica-se a outra coisa, além do teatro? Gosta de ler?

Pong — **Saio muito pouco. Leio bastante, adoro a música e, sempre que posso, fico em contato íntimo com a natureza, por meio do mar, o meu grande amigo. Detesto as multidões e os ruídos da cidade.**

Ping — Quantas horas diárias dedica ao teatro?

Pong — **Às vêzes, doze horas. Ensaio sempre que é preciso e, assim, vão vivendo os Artistas Unidos.**

Ping — Quais os seus planos para 1955?

Pong — **Os de tôda gente: entrar com o pé direito no ano novo. E, logo que o Teatro Copacabana estiver pronto, voltar para lá, onde espero, juntamente com meus companheiros, recuperar o terreno perdido neste ano infeliz que tivemos.**

ra se manterem à tona», disse Morineau.





● Madame Henriette Morineua é um nome tradicional no teatro brasileiro. Apesar de francesa, o público a considera como um autêntico expoente da arte teatral do país, pois que tôdas as suas peças são faladas em nosso idioma e, apesar de carregar no «r», conseqüência do sotaque que jamais poderá perder, Morineau (chamemo-la assim) sabe representar os tipos mais diversos, lembrando a versatilidade dos artistas latinos que, afinal, brasileiros e gauleses, são quase irmãos em língua.

Morineau nasceu numa cidadezinha do interior, próxima a Bordéus, onde o pai (francês, como a espôsa) era médico. Está há vinte e dois anos no Brasil e orgulha-se de ter uma filha brasileira, que conta justamente 22 anos de idade. A notável atriz iniciou-se no palco aos 15 anos, no próprio país de origem, trabalhando em grandes teatros franceses como o Odeon, o Antoine. Durante 6 anos, efetuou longas «tornées» em companhia de Albert Lambert, o famoso ator da «Comédie Française». Foi durante uma dessas viagens, que conheceu o primeiro espôso, em Orleans. Casaram-se no Brasil, em 1931. Há dez anos, Morineau divorciou-se e, mais recentemente, tornou a casar com Delorges Caminha, que agora trabalha ao seu lado, no elenco dos Artistas Unidos.



Neste flagrante vê-se Ana Cristina, cuja candidata está em 3º lugar no concurso para eleição da Rainha das Costureiras, ao lado de Graciette Sant'Ana, produtora dos ESPETÁCULOS TRIUNFANTE, e da jornalista Sandra.

OS ESPETÁCULOS "TRIUNFANTE" BATEM RECORDE NA CORRESPONDÊNCIA DA RÁDIO MUNDIAL

COROADO DE ÊXITO O PROGRAMA DE GRACIETTE SANT'ANNA A RÁDIO-ATRIZ MEDALHA DE OURO DE 53 ★ EMILINHA BORBA E ARNALDO AMARAL ESTÃO CONTENTES COM O SUCESSO DOS «ESPETÁCULOS TRIUNFANTE»

A Rádio Mundial acaba de lançar um interessante programa da mais nova produtora radiofônica Graciette Sant'Anna, que vem batendo recorde na correspondência; trata-se dos «Espetáculos Triunfante», uma audição semanal que vem sendo coroada de êxito. O programa apresenta na sua primeira parte uma peça completa, radiofonizada por Graciette Sant'Anna, baseada num conto enviado pelo ouvinte, que é premiado com um corte de tecido no valor de trezentos cruzeiros. No meio da audição, é lançado um facílimo concurso para que os ouvintes adivinhem de quem é a voz mistério dos «Espetáculos Triunfante». A jovem que faz essa locução foi lançada por Graciette Sant'Anna na Mundial e é muito conhecida do público. No final dos Espetáculos Triunfante é que está o maior êxito dêsse programa que lançou o concurso empolgante para se eleger «A Rainha Das Costureiras». Diversas estrêlas são entrevistadas ao microfone da A-3 para lançarem suas candidatas. Assim sendo, Emilinha Borba lançou no certame o nome de sua modista Madame Isabel; Marlene lançou o de Aidée, sua




À esquerda: Aspecto colhido no momento da irradiação da peça SONHO DE NATAL, vendo-se os redatores exclusivos da Rádio Mundial, Elza Martins, Sargentelle, Telmo Avelar, Graciette Sant'Ana e Lúcia Delor. À direita: Na técnica, logo após o espetáculo TRIUNFANTE, vemos Graciette Sant'Ana atendendo, pelo telefone, a um ouvinte, tendo ao lado a jornalista Sandra, o compositor Nilt~ Legey e Anunciata que acompanha com interêsse o trabalho de Urgel de Castro.

simpática costureira, com esperança de ganhar o concurso; Ana Cristina lançou o nome de Rosina Fleury que está sendo muito bem votada; Belinha Silva deu o nome de Madame Luna da Costa; Adelaide Chiozzo lançou o nome de Lêda Lea Matos; Ivete Garcia, o nome de Ducila Reis da Fonseca. Entre muitas outras estrêlas se encontram na frente as candidatas de Ruth Amaral, estrêla da rádio Mayrink Veiga, com cinqüenta mil votos e Marlene, candidata de Graciette Sant'Anna, com 20 mil votos. A coroação da «Rainha das Costureiras» do Distrito Federal, será feita num grande teatro da cidade, numa maravilhosa festa, com reportagens em jornais, revistas e filmagens para serem exibidas nos principais cinemas da cidade.

Graciette Sant'Anna comunica a tôdas as senhoras e senhoritas que qualquer costureira pode se candidatar, bastando ouvir as facílimas bases dêsse certame, através do seu programa tôdas as quintas-feiras às 17,20 horas: Os prêmios são de dez mil cruzeiros e distribuição de cinqüenta maravilhosos cortes de tecidos, além de uma grande divulgação em tôrno do nome de cada candidata, através dos jornais, revistas e cinemas, pois de vez em quando seu programa é filmado e exibido, nas telas dos principais cines da cidade, como Plaza, Ritz, Rivoli, Olinda, etc... etc... Os filmes serão exibidos nos jornais cinematográficos. O microfone da Rádio Mundial está à disposição de qualquer costureira que desejar, através dos «Espetáculos Triunfante» tôdas as quintas-feiras, fazer sua publicidade, inteiramente grátis. Basta procurar na A-3, Av. Rio Branco 181, 3º andar, Graciette Sant'Anna.

Emilinha Borba e Arnaldo Amaral, declararam a nossa reportagem que estão muito contentes com o sucesso dessa audição da A-3, da qual são padrinhos e admiradores. Entre muitos outros programas da mais nova emissora, vêm sobressaindo os «Espetáculos Triunfante», um programa de futuro no rádio carioca.



Na interpretação dos mais variados papéis aparecem nesta foto: Lúcia Delor, Graciette Sant'Ana e Elza Martins, três das principais estrêlas da Rádio Mundial.

VIDA NOVA

PAULO SOLEDADE

● Com a passagem do ano, grandes são as esperanças de que tudo melhore. E deve melhorar. E' com esta convicção que me proponho a deixar em paz as pessoas que vêm fazendo da noite o seu meio de vida. Certo de que as falhas aqui ventiladas não serão repetidas. Que as injustiças cometidas serão remediadas e que produtores, artistas, público, cada qual procurando atender melhor suas respectivas condições farão dos espetáculos desta linda cidade, motivo da mais justa vaidade para todos nós. Assim publico hoje uma carta que me foi endereçada por êste excelente comediante Grande Otelo justificando uma passagem que achei por bem comentar em uma das sessões desta página.

Rio, hoje, 14 de Dezembro de 1954

Caro Soledade

Um abraço

Pois é. O meu Lux jornal, às vêzes atrasa, de maneira que só hoje li a tua crônica falando da tristeza do dia do meu aniversário.

Foi bom relembrar o tempo em que eu era ponta esquerda...

Na realidade eu nunca abandonei a "pelada". Se antigamente era na praia, hoje, é no time do Machado, treinador duro às vêzes, porém, inteligentemente cheio de boa vontade na preparação do time.

Daquele dia 18 de 10 de 54 p'ra depois, aconteceram coisas, Paulinho, e você raciocinando talvez precipitadamente — que a trepidação da vida, hoje, não nos permite às vêzes profundas análises — interpretou noticiário apócrifo, como se tivesse partido da fidalguia cavalheiresca do Carlos Machado. Posso afiançar que não foi, meu amigo. Naquela situação o Machado estou certo, esqueceu até que era empresário, para agir apenas como amigo, ouvindo a voz ponderada e caridosa, daquele anjo que é a senhora Gisela Machado, porquanto no momento em que alguém quis praticar uma selvageria com êste teu amigo, ela aconselhou com o coração, que eu fôsse internado numa clínica de repouso para a necessária recuperação.

No teu "fizeram escândalo", compreende-se que foi o Machado quem acionou a máquina para encobrir o possível fracasso do Carlos Gomes. Não foi tal, Paulinho. Êle não poderia fazer isto, quando mais não fôsse, porque dali há pouco mais de uma semana precisava do artista para o novo "show" que deveria estrear, como de fato estreou e, se o artista estivesse desmoralizado, não lhe serviria de nada.

Nesta carta, que não tem caráter particular, e que eu peço seja publicada para sossêgo do meu espírito, já por demais atribulado, quero deixar patente a você, que tenho as minhas restrições ao produtor da Praia Vermelha, dentro da independência de pensamento que sempre me caracterizou, como por exemplo, no caso de "Esta vida é um carnaval" no Teatro Carlos Gomes.

Na minha opinião faltou equipe, para dirigir lá na Praça Tiradentes, um espetáculo daquela envergadura e com aquela heterogeneidade de elementos.

Não houve ainda na história do "show-business" brasileiro outro exemplo de organização, e você, que é um observador constante do "métier", não pode negar isto, Paulinho.

Por outro lado, sou de opinião que o Carlos Machado, sofre do mesmo mal do sempre lembrado Joaquim Rolla. Ouve muitas opiniões de fregueses, desprezando às vêzes a cooperação de profissionais, interessados no sucesso do espetáculo, òbviamente interessados humanamente na própria estabilidade, como acredito foi o caso da Praça Tiradentes.

Muitas vêzes tive oportunidade de alertar o meu empresário para a publicidade falha que foi feita naquele teatro. Numa das vêzes, êle me disse que gastara sob a responsabilidade de um conhecido crítico teatral a quantia de duzentos mil cruzeiros para o lançamento do negócio. Mais não disse, porquanto, como você há de convir, eu sou apenas um contratado, não me cabendo orientar o empresário no que deve ou não deve fazer.

Terminando, quero dizer a você, que o muito que se falou e se escreveu, sôbre os lamentáveis acontecimentos dos quais fui o centro, não passou de tempestade em copo dágua, transformando acontecimento corriqueiro em caso de manchete.

Aqui entre nós, na primeira oportunidade haveremos de conversar e quem sabe você, com a autoridade da sua posição, não de cronista ou de "show-man", porém de cidadão, eleitor e contribuinte, possa me dar algumas opiniões sôbre a vida, dentro da vida.

Vai daqui um abraço grande e um, que Deus guarde você e à sua família, dêste eterno Zé Boa fé, que é um seu velho e incondicional admirador.

GRANDE OTHELO



Íris Del Mar, entre Consuelo Leandro e Noélia Noel, no Club da Ferradura, vendo-se um dos diretores daquela organização segundo-ferina, ao fundo. Estão por certo as duas vedetes no espetáculo a se efetuar em Homenagem àquela atriz.

Não posso deixar de reconhecer a boa vontade com que diretores das casas de diversões do Rio e São Paulo, buates e teatros, receberam as críticas e comentários aqui expostos, a assistência que me prestaram fornecendo informações e facilitando-me meios a fim de que pudesse manter o público desta página bem informado, pela qual sinto-me imensamente reconhecido.

NOTÍCIA

● Dia 17 do corrente haverá um espetáculo organizado com o propósito de angariar fundos para o tratamento da vedeta Íris Del Mar, recentemente acidentada quando saía do Clube de Cinema, na célebre esquina da Av. Copacabana com Princesa Isabel.

Grande número de artistas comparecerá ao espetáculo a fim de emprestar sua solidariedade à simpática estrêla.



O grande cômico Mesquitinha, que na nova super-produção de Válter Pinto «Eu Quero Me Badalar» se destaca de maneira marcante, comandando o espetáculo com a sua graça e sua brilhante interpretação.

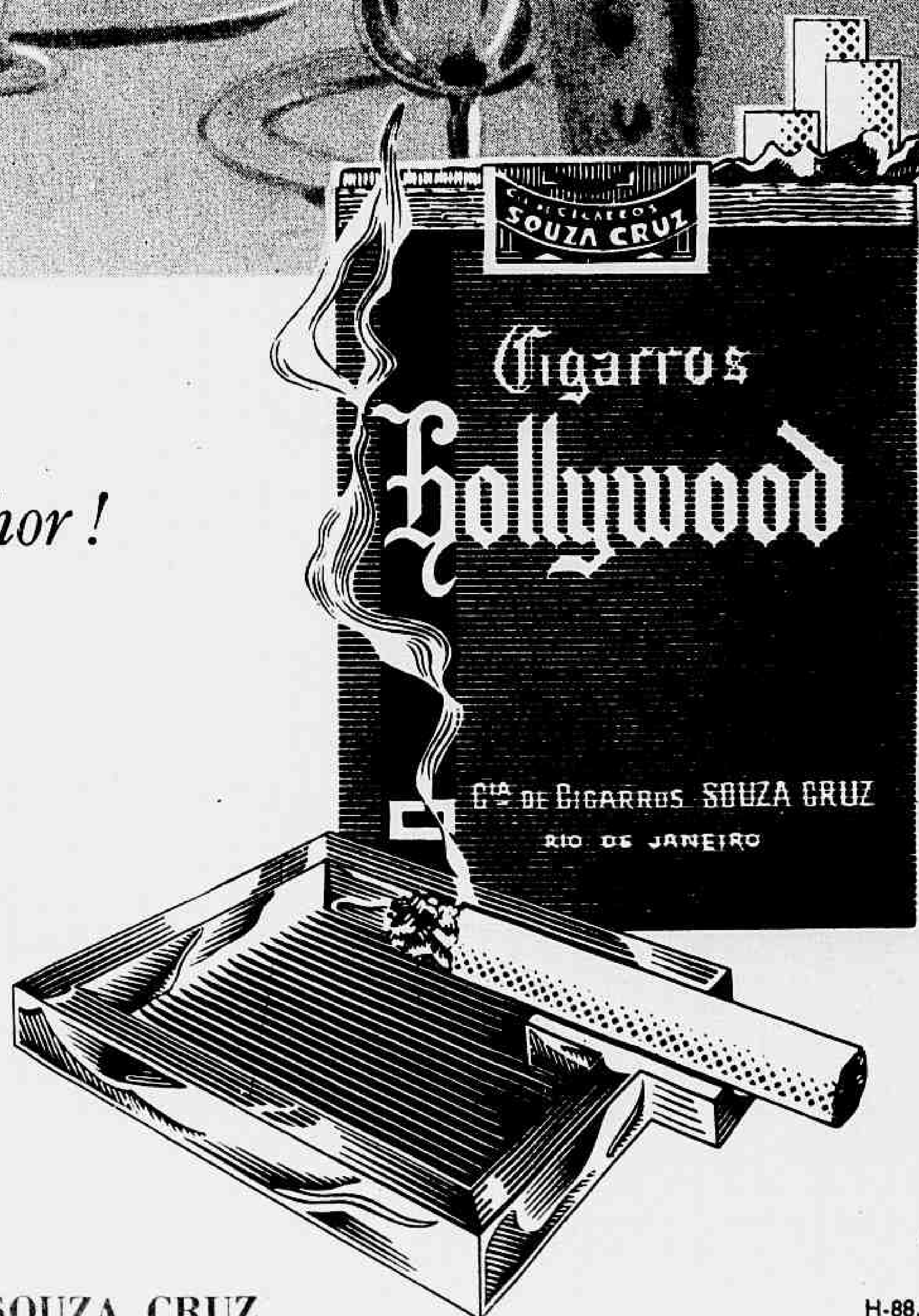


Eu também mudei...
Hollywood é realmente melhor!

Cada vez mais pessoas estão mudando para

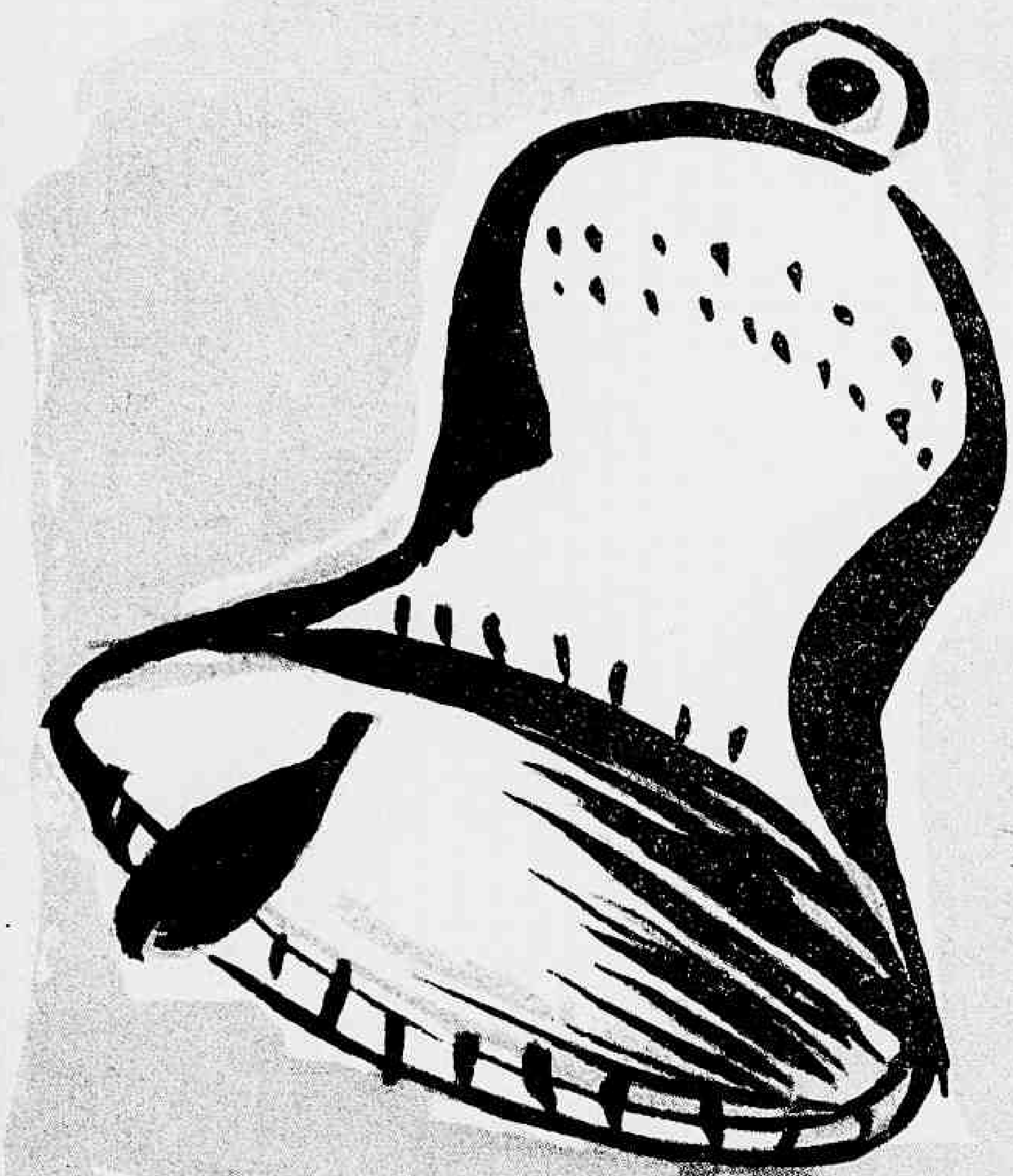
hollywood

uma tradição de bom gôsto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.286



Os pecados de Maria Quitéria

Conto de **MARIA WANDERLEY MENEZES**

Desenho de **DAREL**

A febre subia, destruindo o corpo já enfraquecido da velha, mas animando-lhe o rosto com um rosado vivo, que à meia-luz o tornava quase bonito. As rugas profundas, como que desapareciam, banhadas na côr que nimbava a criatura, cujos olhos cheios de brilho febril, pareciam ter readquirido o fulgor da mocidade. Nas paredes de barro escuro do casebre sombras dançavam, iam e vinham, cresciam e tornavam-se pequenas, — bailarinas notívagas num cenário triste — criadas pela chama indecisa do candieiro de querozene. Num banco, ao lado da cama, uma vela branca aguardava o momento em que as mãos moribundas a segurassem, crispadas num assomo de vida, para depois a afrouxarem na realidade da morte. Nas esteiras, ao fundo do quarto, confundidas na sombra, Sinhá Angélica e Nhá Emídia entremeavam os cochilos com as palavras das «ave-marias», que iam desfiando nas contas do rosário, palavras que perdiam o significado, mas que elas faziam questão de repetir maquinalmente, como se uma fôrça maior as impelisse. Se parassem de resar o silêncio cairia tão pesado, que elas próprias ficariam asfixiadas.

Enquanto isso, Maria Quitéria agonizava. O corpo magro, que a vida ia aos poucos abandonando, já não tinha movimentos. Só os olhos se abriam de vez em quando, passeiavam em tôrno lentamente e depois se fixavam na gravura de Nossa Senhora do Carmo pregada na parede fronteira à cama, ansiosos e indagadores, como se perguntassem o que viria no momento seguinte: se ainda um resto de vida ou a completa rigidez da morte. O depois... o depois não inquietava Maria Quitéria. A firmeza de uma crença simples e sincera, que fôra sua, durante mais de setenta anos, não enfraquecia nos derradeiros instantes. À tarde, «Seu Vigário» viera dar a extrema unção. Confessara-se... e «todos os seus pecados lhe haviam sido perdoados». Os «pecados» de Maria Quitéria... Ela os recordava um a um, arrependida e sem indagar se seriam realmente «pecados». E perscrutava o horizonte de sua vida, vasto na quantidade de anos vividos, mas tão limitado pela simplicidade que enchera seus dias. A meninice passada ali mesmo, no sertão, meninice de gente pobre, sem direitos a melindres e a futilidades, tendo como bonecas os irmãozinhos menores, que ficavam ao seu cuidado, quando o pai ia para a «roça» e a mãe lavar roupa no rio, meninice responsável e cheia de trabalho, dias e dias iguais, cuja sequência, era quebrada pelo domingo. Maria Quitéria aguardava anciosa o instante em que o sino chamasse para a missa. A mãe insinara-lhe que as badaladas eram um convite, aos fiéis para adoração do seu Deus e que elas não eram vazias de sentido. Queriam dizer: «Vem... vem... vem...» E os pecados... E as mentirinhas que às vêzes dizia para não ser castigada.

Depois, a adolescência e com ela o acréscimo de obrigações. Agora, acompanhava a mãe, com a trouxa de roupa equilibrada à cabeça. O rio era cheio de vida e das risadas das lavadeiras. Ali se falava de tudo e de todos. E quando travou conhecimento com as camisas de sêda e renda das mulheres ricas, Maria Quitéria soube também que aquelas sêdas e aquelas rendas não bastavam a felicidade de suas donas. As lavadeiras «que sabiam de tudo», iam maliciando, em cochichos, enredos e histórias.

E foi numa tarde, quando voltava com a roupa, que conheceu Chico Romão. Êle tangia as vacas para o curral. Olharam-se. O mulato se deteve à margem da estrada. Ela passou, brejeira, trincando nos dentes alvos uma goiaba madura, apanhada à beira do açude. E um não se esqueceu do outro. Agora, tôdas as tardes, à mesma hora, lá estava o Chico, esperando. Maria Quitéria, vinha vindo, ondulante, faceira, bem mulher para sentir-se vaidosa com o interêsse que despertara. Um dia riu. Riram os dois. E Chico que tinha pensado em tanta coisa bonita para dizer, saiu-se com a pergunta mais banal, a primeira que lhe veio na cabeça:

— «Vasmicê apreceia munto goiaba, não é?»

A cabocla parou, enrubescendo.

— «Apreceio...»

— «Pois amanhã eu lhe trago um cesto cheiinho...»

Ela riu enleiada e satisfeita.

— «Ora, não percisa... Dá muito trabaio...»

— «Não, não é trabaio nenhum... Tenho gôsto de apanhar prá Vasnicê...»

E o namôro prosseguiu. Nunca houve palavras supérfluas, mas o sentimento ia-se firmando, lá dentro das almas, com raízes profundas e firmes, tão profundas e firmes quanto as das árvores que formavam o cenário e que nem a sêca conseguia fazer morrer. Numa tarde de maio, foram à igreja casar. Tôda vestida de branco, simples e casta como no dia em que ali comparecera para fazer sua primeira comunhão, Maria Quitéria julgou vislumbrar, nas badaladas do sino que tocava, anunciando a novena de Nossa Senhora, um mundo de promessas e de alegrias. E os «pecados?...» — Talvez... — quem sabe?... — o desgôsto que sentira por não poder comprar uma colcha de renda para sua cama de noivado.

Os dias seguiram. Na cazinha de barro, naquela mesma, onde as sombras agora dançavam, espreitando a morte, vidas surgiram, nascidas de duas vidas entrelaçadas. Riso e chôro de crianças espalharam-se por todos os cantos. Chico não queria que a mulher trabalhasse fora. Êle, sim era o homem. Maria Quitéria que cuidasse da casa, dos meninos. Ajudava a plantar também a roça, ao redor. Compraram a terrinha. Cada uma daquelas árvores era tão filha do casal, como as crianças que se sentavam à sua sombra. Dezesseis filhos. Seis foram «para o céu», pequeninos ainda... e dos dez restantes, um morrera já rapaz, mordido de cascavel. Os outros, homens e mulheres andavam espalhados pelo mundo, cada um vivendo uma vida, alguns até sem darem notícias. E os pecados? Com certeza as impaciências que às vêzes sentia, quando os meninos não lhe permitiam descanço, ou então, o grande desgôsto que tivera, quando seu velho morrera. Chico se fôra antes dela e Maria Quitéria com as rugas e o mais da velhice, ficara sòzinha no casebre deserto. Só as árvores amigas restavam ali e vendo-as em volta, não se sentia tão isolada.

Agora chegara sua vez. Abriu de novo os olhos. A luz se havia mudado dentro do quarto. A claridade do dia tentava expungir a chama amarela do candieiro. Encostadas uma à outra, as duas velhas haviam adormecido, As «ave-marias» de há muito não se escutavam. Maria Quitéria sentiu uma fraqueza maior e dos lábios contraídos saiu um estertor mais forte. Nhá Emídia acordou assùstada. Aproximou-se da cama.

— «Qué arguma coisa, cumade?»

— «A...a...água...»

O diálogo despertou sinhá Angélica que se levantou gemendo (sofria de reumatismo, estava quase entrevada) e dirigiu-se a Emídia:

— «Qui é muié? Ela tá pió?»

— «Acho qui apiorou. Quaje num fala mai... — E mostrando o caneco de fôlha — Nem póde bebê a água...»

Clareava, alguns vizinhos vieram chegando, acercavam-se da cama, olhavam a moribunda. E à luz do dia o rosto de Maria Quitéria já não dava ilusão de vida. Pelejava esverdeando-se, a sombra da morte cobria-o todo. Súbito um badalar chamando para a missa. O dia que vinha amanhecendo, era domingo. Maria Quitéria ouviu: «Vem...vem...vem...» Nunca faltara ao convite do sino. Arquejou mais forte, arregalando os olhos esgazeados. Mas já não via nada, já nem podia pensar. O passado e o presente confundiam-se esbatidos na penumbra que lhe tomava conta da vida. Alguém falou:

— Ela tá morreno».



Uma voz desafinada de mulher elevou-se numa toada fúnebre:

«A morte vem vindo
Calada e sòzinha
Vem logo dizendo
Esta hora é minha».

Todos se ajoelharam. A vela foi acesa, nas mãos trêmulas. O canto prosseguiu:

«Quitéra tu istas
assustada já
Fartando teu fôrgo
Sem podê falá».

Lamentoso o côro das outras vozes repetiu:

«sem podê falá».

Para Maria Quitéria nada mais existia. Só os ouvidos escutavam, lá longe, as misteriosas badaladas: «Vem... vem... vem...»

O vozerio fúnebre ia enchendo a casa, misturando-se com a chama do sino.

«Vai com Deus, muié... Vai com Deus, Quitéra...»

E quando o som já quase não se ouvia, perdido entre as árvores mais distantes, a alma de Maria Quitéria, num derradeiro e supremo extertor ausentou-se do casebre e lá se foi, sem mácula de pecado, acompanhando o sino que a chamava.

MARLENE VAI FILMAR EM HOLLYWOOD

GANHOU 500 MIL CRUZEIROS PARA FAZER UM FILME NA ARGENTINA E VAI GANHAR UMA PEQUENA FORTUNA PARA PERCORRER AS AMÉRICAS ★ QUER VOLTAR AO PALCO E NÃO ENCONTRA UM TEATRO ★ A MONSTRUOSA RECEPÇÃO DOS SEUS FÃS

Reportagem de MILTON SALLES **Fotos de ALBERTO FERREIRA**

QUANDO, nos meados do ano passado, foi procurada por um cavalheiro de fala castelhana que lhe propunha filmar na Argentina, Marlene não deu muito crédito à proposta. E não levou o convite a sério por dois motivos: não julgava que o seu renome artístico tivesse ultrapassado nossas fronteiras e nem acreditava que a indústria cinematográfica argentina (que no momento atravessa uma fase de invejável prestígio artístico e financeiro) se interessasse pelo seu concurso. Por isso, quando o cidadão de fala castelhana insistiu na proposta, Marlene, para dar um tiro na questão, pediu 500 mil cruzeiros para fazer um filme no espaço de pouco menos de dois meses.

— Mas, qual não foi a minha surprêsa (conta a atriz-cantora) quando o insistente cavalheiro apareceu diante de mim com um contrato da Taquari Filmes prontinho para receber minha assinatura!

Marlene faz uma pausa, acaricia mansamente o pêlo macio do «Dondon», seu cãozinho de estimação, como que matando as saudades de uma separação quase de sessenta dias, e prossegue:

— Passei dias maravilhosos em Buenos Aires, durante as filmagens de «Adiós, problemas». Enrique Muiño, um ator de 75 anos, o maior da Argentina e, possìvelmente, da América Latina, que filmou comigo, é uma criatura formidável. Também a atriz Amélia Sanchez, uma senhora de 60 anos, que vive um dos mais destacados papéis da película, foi de uma gentileza a tôda prova, tornando-se uma de minhas melhores amigas. O galã do filme, o jovem Alberto Berco, também não ficou atrás em cavalheirismo e distinção. O diretor Kurt Land, austríaco, merece igualmente louvores pelas atenções que me dispensou. Para encurtar a conversa, não tenho uma só queixa de ninguém, desde o mais humilde empregado do estúdio até o mais graduado. Todos deixaram-me imorredouras lembranças.

— Qual é o papel que você interpreta em «Adeus, problemas?»

— Vivo «Marlene», estrêla de uma companhia de revistas. Além de interpretar, canto três números: «Lamento negro», «Tome polca» e «Diguilin do baião», êste com uma parte em português e outra em castelhano. Interessante é que a minha parte, no filme, não foi dublada. Falo castelhano durante tôda a fita. Aliás, para melhor me familiarizar com o idioma, só falava em castelhano com o Delfino — que me obrigava a isso — no hotel, nas ruas e em todos os lugares onde quer que fôssemos. Mas, graças a Deus, o esfôrço valeu a pena, pois saiu tudo certinho.



Que bom! Novamente em casa! Vamos ver o que êles dizem a nosso respeito, querida...



E o bom humor de Luís Delfino sofre o primeiro arranhão: algo, no jornal, não lhe agradou!



1955 SERÁ O ANO DAS GRANDES REALIZAÇÕES PARA MARLENE: EXCURSÃO TRIUNFAL PELAS AMÉRICAS E DEPOIS... HOLLYWOOD!

Depois, Marlene informa ao repórter que, apesar dos convites que recebeu, não pôde cantar em buates nem em emissoras, em face do ritmo acelerado dos trabalhos de filmagem, que não lhe davam tempo nem para se coçar.

— Passei quarenta e cinco dias numa roda viva. Acordando cedo e dormindo tarde para dar conta do recado. Mas, em setembro dêste ano, quando voltar a Buenos Aires para fazer um novo filme para a Taquari, deverei, então, aceitar tôdas as propostas para realizar exibições em buates e estações de rádio. Antes, porém, no mês de março próximo, farei outra película para a mesma emprêsa, da qual agora sou contratada exclusiva, não podendo tomar parte em nenhuma fita para outra qualquer companhia. Para a realização dêsse celulóide, virão ao Brasil diversos atores argentinos. No intervalo entre março e setembro, tudo indica que realizarei uma viagem pelas Américas, pois o mesmo empresário que me levou para filmar na Argentina quer patrocinar a excursão. Se tudo der certo, começarei no Uruguai, depois irei ao Chile, Venezuela e Guatemala, terminando em Cuba, onde deverei atuar na televisão.

— E depois?

— Bem, de Cuba deverei seguir para os Estados Unidos para atuar em buates e «night-clubs» devendo, possìvelmente, aparecer numa película. Como a excursão já está quase assentada, dependendo de pequenos detalhes financeiros, já estou me preparando, estudando carinhosamente o idioma inglês.

— Quanto deverá ganhar com isso, Marlene?

— Até agora, não sei ao certo. Mas se ganhei 500 mil cruzeiros para fazer um filme em menos de dois meses, você já pode fazer um cálculo aproximado da importância que perceberei para realizar uma excursão tão demorada...

A palestra toma outro rumo. Delfino focaliza o assunto teatro. Quisemos saber, então, quais eram os planos teatrais de Marlene para o ano corrente.

— Se não fôssem os compromissos que já assumi para a temporada de 55 (esclarece a estrêla), assim mesmo eu não poderia pensar em voltar ao palco. Motivo? A falta de casa de espetáculos. Não encontro uma à minha disposição e as que porventura existem são alugadas por preço proibitivos.

MARLENE



Teatro, êste ano, não será possível diante dos inúmeros compromissos seríssimos no exterior. Agora, sòmente trabalhará na televisão e cinema!



Meio milhão de cruzeiros foi quanto recebi para fazer êste filme em Buenos Aires. Quanto irei receber dos produtores em Hollywood?

Luís Delfino aproveita a ocasião para uma deixa oportuna:

— Como, infelizmente, o teatro é uma coisa problemática no Brasil, tornei-me sócio de uma companhia imobiliária. Por isso, estou loteando minha granja em Pedro do Rio, um local magnífico, pertinho de Petrópolis...

Todos riem, após o que Marlene volta a falar:

— Não pensem que é brincadeira. Tenho em mãos uma porção de originais para levar à cena, mas a falta de teatros **não permite minha** volta à ribalta. Por isso, assim que puder, comprarei uma casa de espetáculos, de preferência na zona sul, para uso exclusivo de minha companhia. Quando isso acontecer, deverei tentar o gênero revista, embora o considere mais cansativo.

A entrevista é interrompida momentâneamente. O fotógrafo reclama de Marlene uma chapa com o vestido com que ela aparece em «Adeus, problemas». A estrêla prontamente acede ao pedido e exibe para os olhos extasiados do repórter um belíssimo alvo com bordados prateados, feito de tela importada da França e executado por Mary Angélica. Num assomo lírico muito justo diante de tanta beleza, o repórter comparou o custoso modêlo («Não sei qual o seu preço, pois ainda não paguei, mas deve ultrapassar a casa dos cinqüenta mil cruzeiros») a um poema de tela e prata. Em abril, quando o filme «Adeus, problemas» fôr lançado no Rio, as leitoras poderão dizer melhor da comparação feita pelo repórter. Ou agora mesmo, admirando uma das belas fotografias que ilustram estas linhas.

Já novamente exibindo um dos belos trajes esportivos, enquanto seu marido acaricia-lhe docemente a cabeleira vermelho-rosa (tonalidade esquisita com que um «peluqueiro» de Buenos Aires tingiu-lhe os cabelos castanhos e que algumas fãs já estão imitando, numa evidente prova da popularidade da atriz-cantora), Marlene volta a falar:

— Não sei como vou ficar longe tanto tempo dessa gente boa que são os meus fãs. Imagine que êles são tão dedicados que me prestaram grandes homenagens na minha volta de Buenos Aires. Veja só o que ganhei quando regressei.

Lá estavam, prontos para serem encaixotados, a fim de serem remetidos para a residência de Petrópolis da estrêla, aparelhos do mais puro cristal, jôgo de cama e caríssimo linha feito à mão, poncheira de cristal, porta-jóias de prata, jôgo para penteadeira de ouro do melhor quilate, aparelho de sorvete de ouro e prata, casaco da mais pura sêda, jôgo de bôlsa, cinto e sapato e mais uma infinidade de objetos, desde o broche de fantasia dado por uma admiradora de condição modesta até o relógio de ouro com brilhantes presenteado por uma fã de maiores posses.

— É comovente, não é? (pergunta Marlene). Por isso, ao pensar que vou ficar tantos meses afastada das minhas fãs, sinto vontade de desfazer tudo e ficar por aqui mesmo, com os meus programas na Rádio Nacional e minhas excursões pelo Brasil.

Fêz uma pausa e encerrou a entrevista:

— Mas, infelizmente, preciso pensar no dia de amanhã. Preciso aproveitar muito bem os dias de fastígio artístico para preparar um futuro sem preocupações. Não quero que se repita comigo a fábula da cigarra e da formiga.

A nova Marlene, atriz internacional, com o destino traçado: cinema norte-americano. Outra Carmem Miranda nos estúdios de Hollywood?



NÃO creia nisto. Quantas horas são?

— Três, dentro em pouco.

— Não estou cansada. Daqui a pouco amanhecerá. Durma você enquanto isto, e se fôr necessário, mandarei chamá-la. Como estão os pés?

— Ah, muito frios..

— Deixa que eu o substitua aí durante um momento, e depois me retirarei.

— Está bem, respondeu levantando-se com cuidado a fim de não fazer o menor rumor.

Logo que tomei seu lugar, disse-me:

— Não é senão um momento, enquanto vou ver o que acontece a Juan, e já volto.

O menino havia desertado e chamava, estranhando não vê-la pelos arredores. Ouviu-se depois a voz de Maria que dizia ternuras a Juan, para conseguir que êste não se levantasse, e o ruído dos beijos com que o acariciava. Não tardou muito e o relógio bateu as três horas. Maria voltou a reclamar seu lugar.

— E' hora de dar o remédio? — perguntei.

— Creio que sim.

— Pergunte à minha mãe.

Levando ela a poção, e eu a luz, aproximamo-nos do leito. A nossos chamados meu pai abriu os olhos, notàvelmente injetados, e procurou fazer-lhes sombra com uma das mãos, ferido pela luz. Instou-se para que êle tomasse a bebida. Voltou a queixar-se de dor nas costas e, depois de examinar com olhar incerto as pessoas que o rodeavam, disse algumas palavras, entre as quais se percebeu «sêde».

— Isto a acalmará, observou minha mãe, apresentando-lhe o copo.

Êle deixou-se cair sôbre as almofadas, dizendo enquanto levava as mãos ao cérebro:

— Aqui!

Logramos de novo que fizesse um esfôrço para levantar-se — porém inùtilmente.

O semblante de minha mãe deixava transparecer o quanto aquela prostração a amedrontava.

Sentando-se Maria na beira da cama, e apoiada às almofadas, disse o enfêrmo com sua voz mais carinhosa:

— Papai, procure levantar-se para tomar isto Vou ajudá-lo.

— Vejamos, filho, contestou com voz débil.

Ela conseguiu recostá-lo contra seu peito, enquanto o sustinha pela espádua com o braço esquerdo. As negras tranças de Maria sombrearam aquela cabeça coberta de cãs, a quem ternamente ela oferecia seu seio como apoio.

Uma vez tomada a poção, minha mãe entregou-me o copo e Maria voltou a colocar suavemente meu pai sôbre as almofadas.

— Ai, Jesus! Como está prostrado! — disse-me em voz muito baixa, logo que nos achamos perto da mesa onde havia colocado a luz.

— Essa bebida é narcótico — indiquei para tranqüilizá-la.

— E o delírio não é mais tão constante... Ouve, são três e meia. Eu despertarei Ema para que me acompanhe e você conseguirá que mamãe também descanse um pouco.

— Você ficou muito pálida. Isto vai lhe causar muitíssimo dano.

Ela se achava defronte do espelho do toucador de minha mãe, e olhou-se, enquanto concertava os cabelos.

— Não estou tão pálida assim, disse. Verá como não se nota nada.

— Se descansar um pouco, agora, pode ser. Eu a chamarei assim que amanhecer.

Consegui que as três me deixassem só, e sentei-me à cabeceira.

O sonho do enfêrmo continuou intranqüilo, e às vêzes era possível perceber-lhe palavras mal articuladas do delírio.

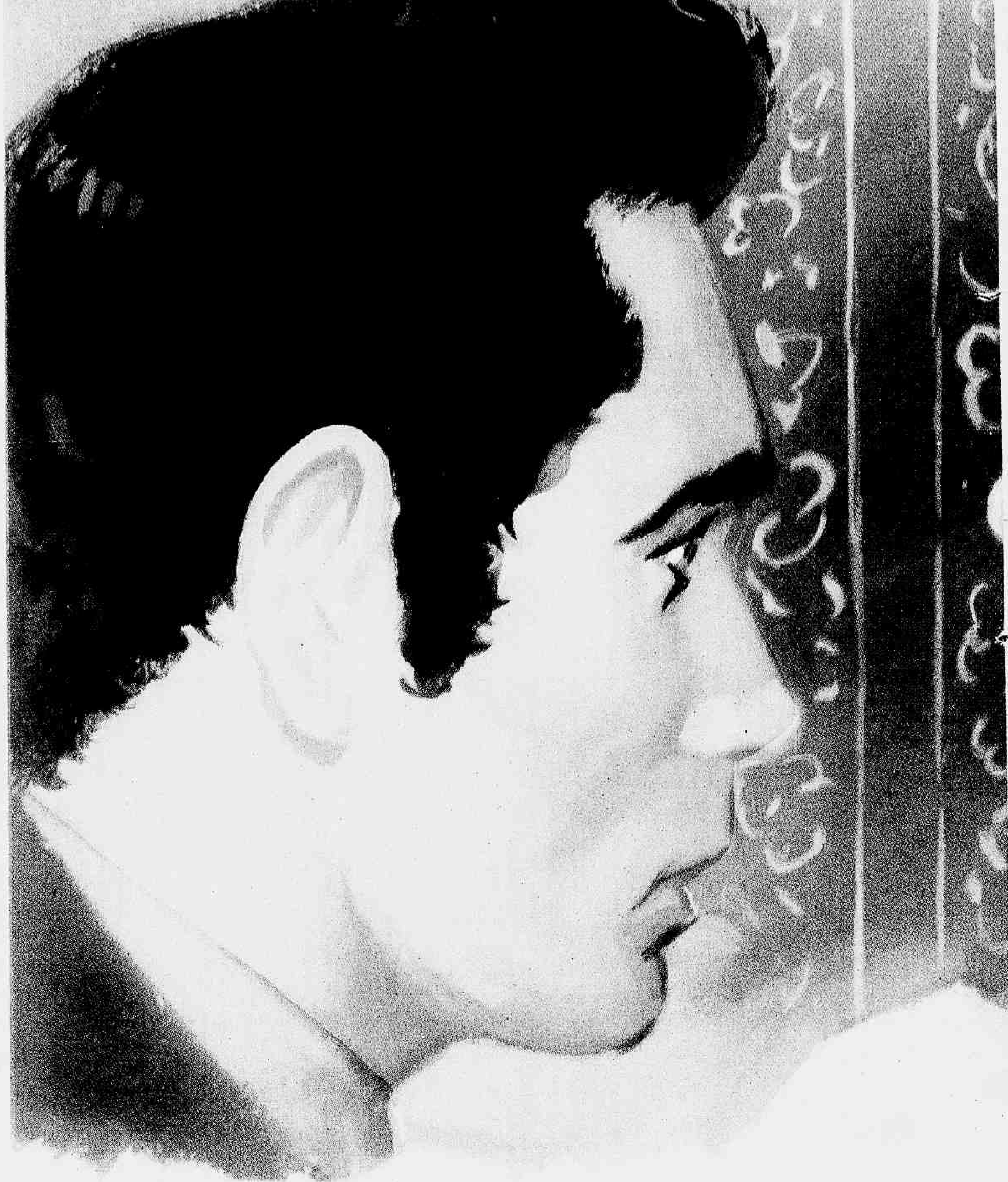
Durante uma hora desfilaram em minha imaginação todos os quadros horrorosos que viriam após uma desgraça e na qual não podia deixar de pensar, sem que meu coração se contraísse dolorosamente.

Começava a amanhecer; algumas linhas luminosas entravam pelas bandeiras das portas e janelas; a luz da lâmpada foi tornando-se cada vez mais pálida; ouviam-se já os cantos das aves e dos animais domésticos.

Entrou o doutor.

— Chamaram-no? — perguntei.

— Não, é que preciso estar aqui agora. Como vai tudo?



MARIA

Romance de JORGE ISAACS **Desenho de RAMÓN**

Indiquei-lhe o que havia observado. Tomou o pulso, olhando ao mesmo tempo o relógio.

— Absolutamente nada, disse como para si mesmo. A poção? — indagou.

— Tomou mais uma vez.

— Vamos dar outra. E para não incomodá-lo de novo, agora poremos cáusticos.

Fizemos tudo, ajudado por Ema.

O médico se achava visìvelmente preocupado.

XXXVII

Depois de três dias, a febre resistia ainda a todos os esforços do médico para combatê-la: os sintomas eram tão alarmantes que nem a êle mesmo era possível ocultar em certos momentos a angústia que o dominava.

Eram doze da noite. O doutor me chamou dissimuladamente ao salão, a fim de dizer-me:

— Você não desconhece o perigo em que se acha seu pai. Não me resta já outra esperança que aquela que tenho nos efeitos de uma farta sangria, que vou dar-lhe, e para a qual se acha preparado convenientemente. Se ela e os medicamentos que tomou esta tarde, não produzirem até o amanhecer uma excitação e um delírio crescente é difícil conseguir uma crise. E' tempo de lhe manifestar, continuou depois de uma pausa, que nada mais me resta a fazer. Agora, faça com que a senhora se retire, porque, caso suceda como desejo, ela não deve se achar em casa — é mais de meia-noite e êsse é um bom pretexto para suplicar-lhe que descanse um pouco.

Agora começo a apressar a minha história, porque ela se acha próxima do fim. A respeito da doença de meu pai, posso dizer que tudo ocorreu de um modo rápido e quase imprevisto. Maria e Ema, no quarto, aguardavam certos sinais que o doutor havia dito que se manifestariam. E de fato, para alívio nosso, não tardou muito em que o doente apresentasse aspecto melhor. Pouco a pouco foi entrando em convalescença, e já lia mesmo seu livro predileto, «Diário de Napoleão em Santa Helena», leitura que sempre o comovia fundamente.

Com as sensíveis melhoras de meu pai, vi aproximar-se o momento em que teria de dizer a êle francamente, minhas intenções. Cheguei mesmo a atacar o assunto, mas com surprêsa minha, êle o evitou.

— Não falemos disto agora, meu filho, deixa para outra ocasião.

Insisti, convencido de que era apenas timidez que não o deixava seguir meu pensamento.

— Mas pai, o senhor tem necessidade de quem o ajude. Até agora tenho tratado de sua correspondência, e depois de sua doença, essa precisão ainda se faz mais forte.

Êle balançou a cabeça:

— Não, meu filho, não é aqui, pelo menos no momento, o seu lugar.



— Acredite, tornei eu, que depois do sucedido, não considero mais sua palavra empenhada o fim de terminar meus estudos. Poderemos resolver tudo de outra forma e...

Olhou-me com olhos quase úmidos:

— Agradeço filho, sua intenção, mas realmente não é preciso. Mais tarde, sim...

E inclinando-se para mim:

— Olha, quando você estiver formado, daqui a quatro anos, poderá vir desposar Maria. Eu sei que ela o aguardará.

Agradeci, sentindo apesar de tudo que sua decisão era inabalável.

Quando encontrei Maria, e narrei o que havia sucedido, ela se desfêz em pranto.

— Ah, que será de mim agora?

Com os dias que sucederam, vieram as tristes fainas de preparar todo o meu material para a partida que se fazia iminente. Uma carta que eu esperava chamando-me, já se acha em meu poder. Assim, enquanto as lágrimas me nublavam os olhos, empacotava meus livros e Maria dobrava minha roupa. Muitas vêzes, de costas, eu a surpreendi chorando.

— Que é isto, dizia eu, como quer você que eu tenha valor? Assim não, Maria, assim não pode ser.

— Ah, se ao menos fôsse um período menor... Mas quatro anos! — bradava ela, numa extrema aflição.

LIII

Às onze da noite de vinte e nove, separei-me da família e de Maria no salão. Velei em meu quarto até que ouvi o relógio dar uma hora da manhã, primeira hora daquele dia tanto tempo temido, e que finalmente chegava. Não queria que seus primeiros instantes me encontrassem adormecido.

Com o mesmo traje que me achava, recostei-me na cama assim que saíram as duas. O lenço que Maria havia me dado, perfumado ainda com o perfume que ela sempre usava, trabalhado por suas mãos e umedecido de lágrimas, jamais se apartaria de mim.

Um estremecimento nervoso me despertou duas ou três vêzes em que o sono veio aliviar-me. Então meus olhares percorriam o quarto já desmantelado e em desordem para os preparativos de viagem, quarto onde esperei tantas vêzes a alvorada de dias venturosos. E procurava conciliar de novo o sono interrompido, porque dêste modo voltava a vê-la tão bela e corada como nas primeiras tardes de nossos passeios depois do meu regresso. Pensativa e calada como costumava ficar quando ouvia minhas primeiras confidências, nas quais quase nada haviam dito nossos lábios e quase tudo nossos olhares e sorrisos.

Ainda não eram cinco horas, quando depois de ter-me esmerado em ocultar as marcas de tão dolorosa insônia, e eu já passeava no corredor, escuro ainda.

Não tardou muito e Maria surgiu. Era chegado o momento de reunir tôdas as minhas fôrças. Minhas esporas ressoaram no salão vazio. Empurrei a porta da sala de costura de minha mãe, que precipitou-se do lugar em que se achava aos meus braços| Ela sabia que as demonstrações de sua dor podiam fraquejar meu ânimo, e entre soluço e soluço, procurava falar-me de Maria e fazia-me ternas promessas.

Todos haviam umedecido meu peito com lágrimas. Ema, que havia sido a última, apontou-me a porta do oratório, e nêle entrei. Duas luzes irradiavam no altar seu esplendor amarelo. Maria, que ali já havia chegado, deixou escapar um débil grito ao me ver, volvendo a deixar a cair a cabeça sôbre o assento. Ocultando-me assim o rosto, levantou a mão direita para que eu a tomasse: meio ajoelhado, banhei-a com lágrimas e a cobri de carícias. Mas ao pôr-me de pé, como temerosa de que me afastasse, levantou-se de súbito, para cair soluçante em meus braços.

Meus lábios descansaram sôbre sua fronte. Maria, sacudindo a cabeça, fêz ondular os cachos de sua cabeleira, e escondendo a face em meu peito, estendeu um dos braços para mostrar-me o altar. Ema, que acaba de entrar, recebeu-a inanimada, pedindo-me com um gesto suplicante que me afastasse. Obedeci.

LIV

Já faziam duas semanas que eu me achava em Londres, quando uma noite recebi cartas da família. Rompi o envelope com mão trêmula, reconhecendo o lacre de meu pai. Havia uma carta de Maria. Antes de desdobrá-la procurei sentir nela aquêle perfume demasiado conhecido para mim da mão que a havia escrito. Ainda o conservava, e nas dobras, encontrei um pedacinho de açucena. Meus olhos nublados quiseram inùtilmente ler as primeiras linhas. Abri um dos balcões do meu quanto, porque parecia não me ser suficiente o ar, que havia nêle. Rosais do horto dos meus amôres! Montanhas americanas, montanhas minhas! Noites azuis...

Durante um ano ainda tive por duas vêzes cartas de Maria. As últimas se achavam cheias de melancolia tão profunda, que comparadas com elas, as primeiras que recebi pareciam escritas em nossos dias de felicidade.

Em vão,havia procurado reanimá-la, dizendolhe que essa tristeza destruiria sua saúde. Respondia-me: «Sei que não pode faltar muito para que eu te veja, e desde essa hora não poderei ficar mais triste. Estarei sempre ao teu lado. Não, não, noda poderá tornar a nos separar».

A carta que continha essas palavras foi a única que recebi no espaço de dois meses.

Nos últimos dias de junho, apresentou-se uma tarde diante de mim o sr. A. que acabava de chegar de Paris, e a quem não havia visto desde o inverno passado.

Trago para você cartas de casa, disse-me depois de me haver abraçado.

— De três correios?

— De um só.

E após um silêncio:

— Devemos trocar antes algumas palavras.

Notei em seu semblante, algo sinistro que me perturbou.

— Vim, acrescentou depois de ter passeado silencioso pelo quarto, para ajudá-lo a regressar a América.

— Ao Cauca! exclamei, esquecido por um momento de tudo, menos de Maria e de meus pais.

— Sim, respondeu-me, porém você já terá adivinhado a causa.

— Minha mãe... — exclamei, desconcertado.

— Está boa, respondeu.

— Quem, então? gritei.

— Ninguém morreu.

— Maria, Maria! exclamei, como se ela pudesse acudir à minha voz.

(Conclui no próximo número)

RESUMO DAPARTE JA PUBLICADA

● Efraim, ainda criança, fôra mandado pelos pais a um internato educacional, êm Bogotá, capital de seu país. Além dos filhos, criava o casal uma menina de nome Maria, filha de um irmão do pai de Efraim. Efraim e Maria, criados como irmãos, embora não ignorassem a verdade. Quando Efraim voltou à casa paterna, surpreendeu-se com a beleza da irmã de criação e o mais intenso amor manifestou-se entre ambos. Nesse ínterim, o médico que estava tratando de Maria declarou que a moça sofria de ataques epilépticos, e que a vertigem que tivera fôra causada por tal doença. Efraim parte para caçar, matando um tigre. Após descansar, regressa, encontrando Carlos em sua casa, pretendendo a mão da moça. Debulhada em lágrimas, Maria é informada da pretensão. Recusa, no entanto, alegando que é doente e jamais pretende se casar. Efraim confessa que é amigo de Carlos e que lhe perdoa tudo, Maria pedelhe então que jamais desfaçam aquela amizade. Êle concorda e retira-se para trabalhar com o pai. Êste, recebendo uma má notícia, sente-se mal, adoecendo.

Notinhas úteis

SAPATOS MOLHADOS — O melhor que se tem a fazer, para secar o mais ràpidamente possível os sapatos molhados, é enchê-los com papel de jornal e colocá-los em lugar ventilado. O papel de jornal absorve a umidade.

MÓVEIS DE VIME — Limpam-se os móveis de vime com água, sabão e um pouco de amoníaco, esfregados com uma escovinha de piassava. Se estiverem escurecidos, use água oxigenada diluída para clareá-los.

ESPELHOS — Qualquer mancha nos espelhos sairá com um paninho embebido em álcool. Depois que o álcool se evapora, passa-se uma flanela ou camurça sêca, ou, então, o que também os deixa bem polidos, um papel de jornal amassado.

MANCHAS DE NOZES — Se suas mãos ficaram escurecidas pelas nozes que descascou para fazer bôlo, limpe-as com um pouco de vinagre forte, e lave-as com água e sabão.

QUADROS TORTOS — Será fácil manter os seus quadros de parede sempre na posição correta, se tiver o cuidado de colocar por detrás da moldura, nos dois ângulos inferiores, uma tirinha de borracha.

CONVERSA DE MULHER

LÍGIA JUNQUEIRA

PARA AS COZINHEIRAS DISTRAÍDAS

Uma firma norte-americana lançou no mercado uma invenção destinada às cozinheiras distraídas que, freqüentemente, deixam queimar o assado ou o cozido. A nova descoberta é uma panela que, toca uma campainha e, ainda por cima, acende uma lampadazinha vermelha, quando a iguaria está no ponto de ser retirada do fogo. O sinal visual foi acrescentado porque a experiência demonstrou que só o ruído (como os apitos das panelas de pressão) não é suficiente, quando a cozinheira se distrai a conversar com alguma amiga.

SINAL DOS TEMPOS

Já se viu criança nascer em avião ou em navio, mas o primeiro caso de bebê que nasceu em elevador aconteceu na Inglaterra, ainda que pudesse muito bem ter se dado no Rio... O fato é que faltou fôrça elétrica exatamente quando o elevador de uma maternidade da cidade de Hastings transportava uma senhora na iminência do parto. O ascensor ficou parado entre dois andares e o bebê veio à luz (aliás luz também não havia) ali mesmo, assistido como foi possível pelo pai aflito e por uma enfermeira. Felizmente foi um parto bem sucedido, apesar da carência dos recursos entre o 3.º e o 4.º andar.

O PREÇO DAS ESPÔSAS

Um assunto que está preocupando o parlamento da Nigéria, desde o ano passado, é o crescente custo... do preço das mulheres. Os pais pedem cifras fabulosas em troca de suas filhas e os jovens que querem se casar não as podem pagar. Está sendo discutido um projeto de lei que "tabela" o preço das espôsas.

A única mulher deputada da Nigéria, senhora Ekpo, a propósito do assunto declarou:

— Não falem mais, por favor, de "preço das espôsas". Essa definição nos enoja. Põe-nos no mesmo nível dos animais. Por que não usam a palavra "dote", em vez de "preço"?

LEITO ELÉTRICO

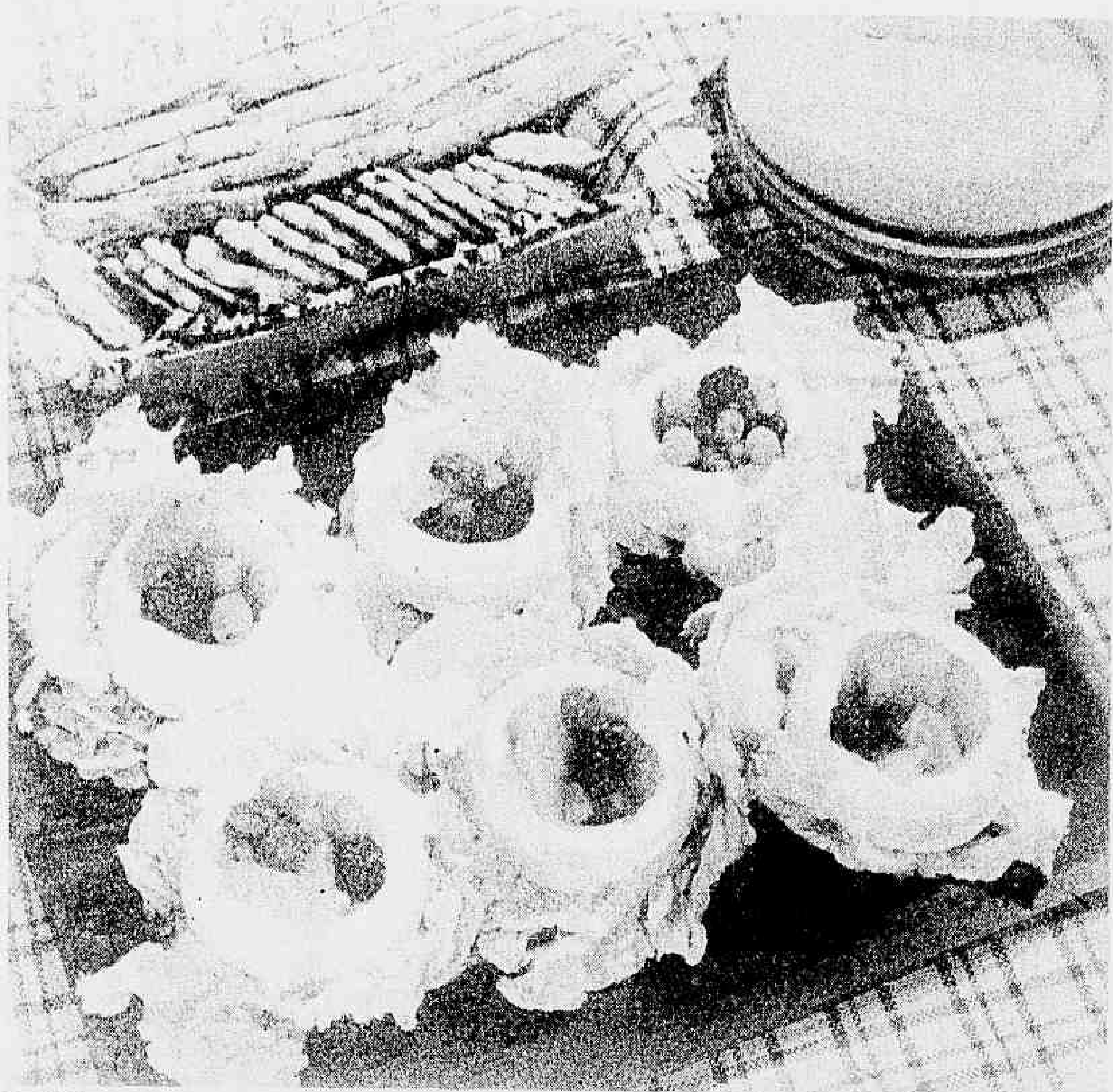
Num moderno hospital de Los Angeles foram instalados "leitos elétricos", que permitem muito maior descanso às enfermeiras. Realmente, graças a um jôgo de 14 botões elétricos, o doente pode executar, êle mesmo, 14 tarefas, para as quais antes tinha que tocar a campainha e pedir ajuda. Eis algumas das coisas que o leito elétrico executa mecânicamente, apertando-se o botão competente:

— levanta a parte da cama sob a cabeça ou sob os pés
— abre ou fecha as janelas do quarto
— traz para perto do doente uma bacia com água quente e sabonete
— faz chegar à cama do doente uma mesinha onde êle pode ler ou escrever.

... devido ao sucesso da invenção, muitas donas de casa norte-americanas já encomendaram leitos assim equipados para ter de reserva em casa, em caso de necessidade.



SUGESTÃO PARA O LAR Um grande sofá em ângulo, em todo o comprimento de duas paredes é muitas vêzes a melhor solução para uma sala de estar destinada a a receber muita gente para «bates-papos» ou para assistir ao programa de televisão. Principalmente os jovens sentem-se bem nesses ambientes modernos e confortáveis, e, por isso, a sugestão fica aqui para famílias com filhos na idade em que se começa a gostar de receber colegas e amigos. Analisando melhor a foto, pode-se observar o interessante efeito decorativo do tapête fantasia, em trançado colorido, contrastando com o estofamento sóbrio, e numa só tonalidade, do grande sofá. Almofadinhas em côres diferentes também ajudam a completar o aspecto alegre displicentemente elegante do conjunto. Uma mesinha de centro, com tampo de fórmica, abajur bem moderno, algumas gravuras, e basta.



WEEK-END NA COZINHA

Em ocasiões festivas, ou quando têm um convidado para a refeição, a dona de casa caprichosa gosta de ornamentar sua mesa com um prato bonito, ao mesmo tempo que saboroso. Especialmente idealizada para essas circunstâncias é a receita de hoje

ANÉIS DE QUEIJO COM SALADA

1 — Misture 2 xícaras de queijo creme (amassado com um garfo), com uma pitadinha de sal, uma colher das de chá de açúcar, uma colher das de sopa de suco de limão, e meia xícara de creme de leite.

2 — Dissolva uma colher das de sopa de gelatina com sabor de limão em 1/4 de xícara dágua quente, e acrescente a mistura com queijo. Mexa bem, e coloque em forminhas individuais ou numa fôrma grande para pudim, em forma de anel. Deixe gelar até ficar bem firme.

3 — Desenforme, esquentando ligeiramente a fôrma em água quente. Arrume dentro do anel a salada, de vegetais ou de frutas, como preferir.

A receita foi calculada para seis porções.

NOVAS CÔRES...

Em tôdas as estações, quando em Paris, Nova York ou Londres os costureiros lançam seus modelos, algumas côres ficam em evidência como preferidas.

Não corra, porém, a comprar um vestido na côr da moda, sem verificar se fica bem em você, se combina com a tonalidade de sua pele, e seus cabelos. Se não combinar, não insista.

UM POUCO DE BELEZA

OS CABELOS E O VERÃO

Cuide conevnientemente de seus cabelos para mantê-los brilhantes e macios apesar do sol e dos banhos de mar.

● Tôdas as mulheres sonham com cabelos bonitos, sedosos, fáceis de serem ajeitados. Se os seus não são assim e, ao contrário, mostram-se indóceis depois de cada xampu, não se preocupe, pois poderá tratá-los em casa com sucesso. A primeira condição para que os cabelos se mantenham saudáveis é a limpeza. Lave-os mais vêzes por semana durante o verão, pois há mais transpiração em sua cabeça e mais secreção de óleos capilares. Lave-os porém de maneira correta, com um bom xampu, e esfregue-os com uma escôva regularmente dura. Depois, enxagüe-os bem, até sentir que todo o sabão se foi. Deixe-os secar ao ar livre.

CABELOS RESSECADOS PELO SOL — readquirem o brilho primitivo se você usar um xampu oleoso e demorar mais tempo com a espuma nos cabelos. Existem também xampus especiais que restauram a oleosidade do couro cabeludo.

CABELOS REBELDES — podem ser ajeitados com sucesso, se você souber como prendê-los e se executar essa operação com paciência e cuidado. Divida os cabelos em mechas, mergulhe o pente numa loção para assentar, e umideça cada mecha. Enrole o cabelo em cachinhos, prendendo-os com grampos.

Lembre-se de que a água salgada tende a ressecar os cabelos. Por isso, se vai muito à praia, embeba os cabelos em óleo de rícino ou azeite de oliveira pelo menos uma vez por semana.

Se nada sem toucas, tenha o cuidado de remover completamente a água salgada depois do banho de mar.



● Quando se pratica muitos esportes ao ar livre, os cabelos tendem a se ressecar. Marilyn Erskine revelou-nos a fórmula que conserva os seus sempre brilhantes e macios:

— Unto-os, de vez em quando, com um preparado muito simples, cuja receita pode ser aviada em qualquer farmácia.

15 gramas de parafina branca ★ 4 gramas de espermacete ★ 10 gramas de ácido esteárico ★ 70 gramas de vaselina liquida ★ Algumas gotas de minha essência preferida.

Quando aplico êsse preparado nos cabelos faço, ao mesmo tempo, uma leve massagem com a ponta dos dedos.





DESPEDE-SE

O Negus, quando de sua triunfal viagem pela Europa, saúda os milharês de «fans» que o vão saudar numa gare da Suíça...

Por êsse Mundo de Deus

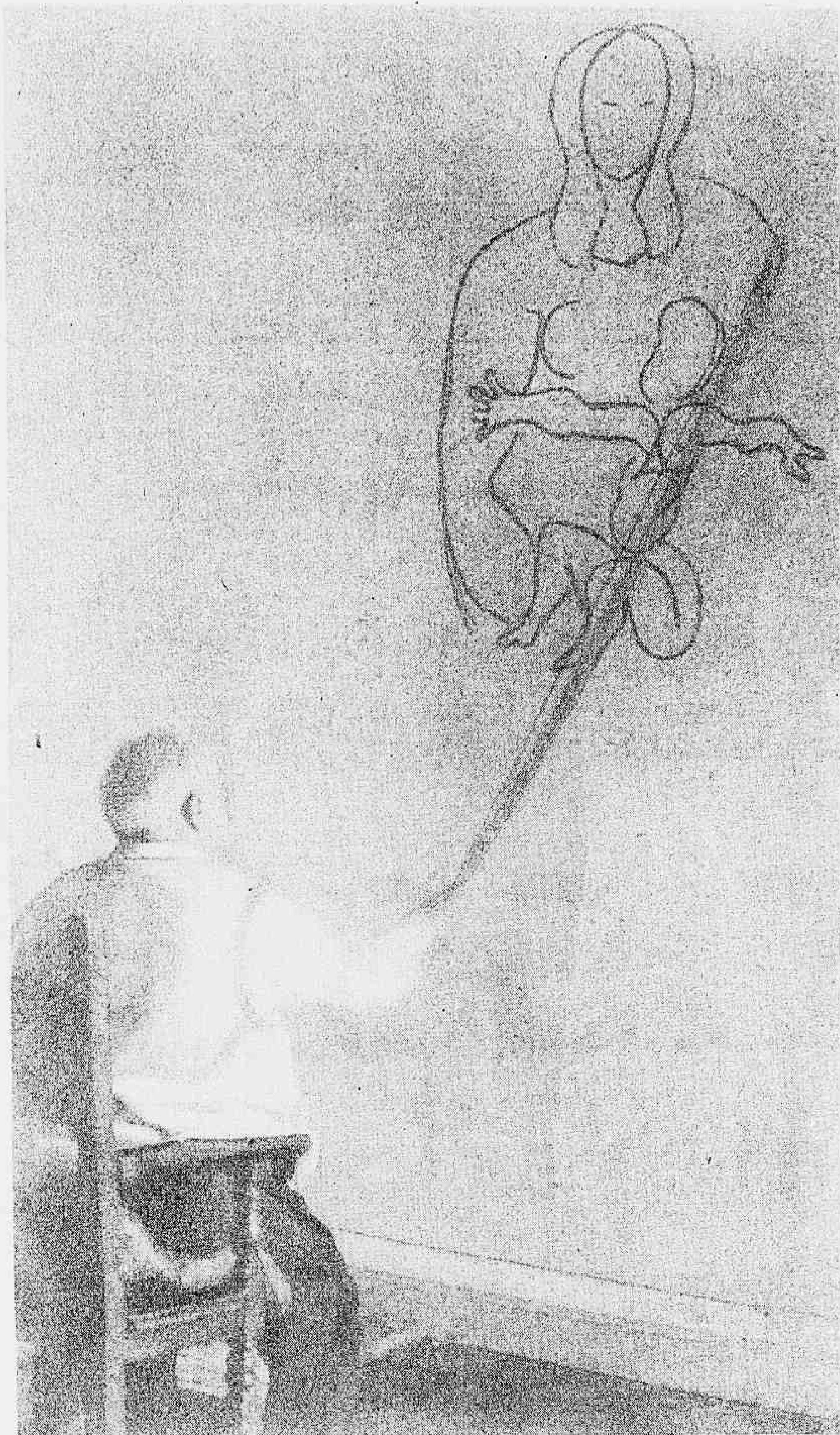
APOGEU

Nem sempre a morte apanha as pessoas no apogeu, mas o caso de Jacques Fath é sintomático. Ei-lo em 1954 à frente de todo o pessoal de sua casa, famosa no mundo inteiro.



REBECCA

Esta é a famosa romancista Daphne Du Maurier, entre o marido e um dos filhos. A famosa autora de Rebecca possui uma casa especial onde escreve romances, e onde passa sòzinha a maior parte do ano. Como se sabe, Du Maurier é dos autores que mais se vendem no mundo.



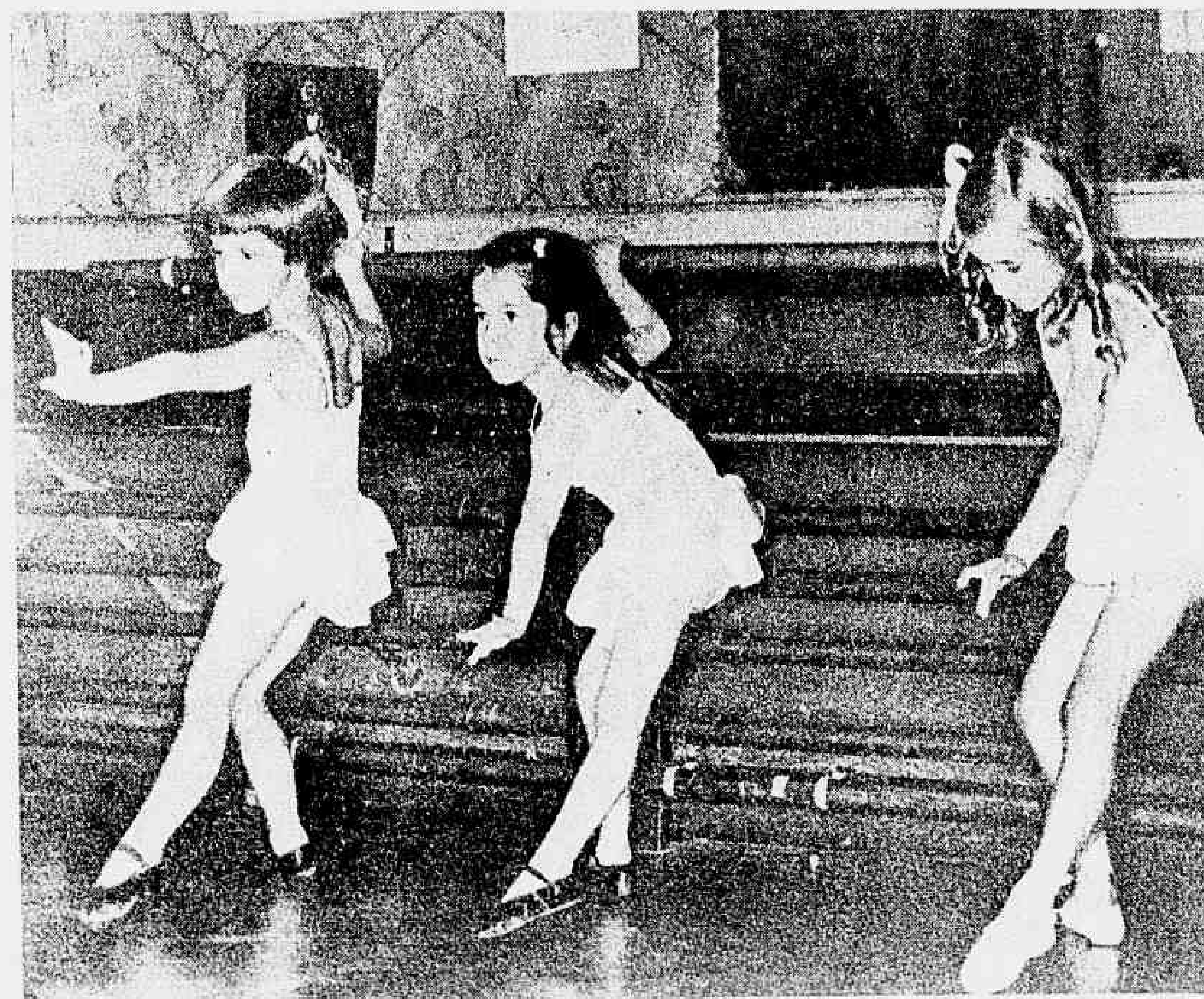


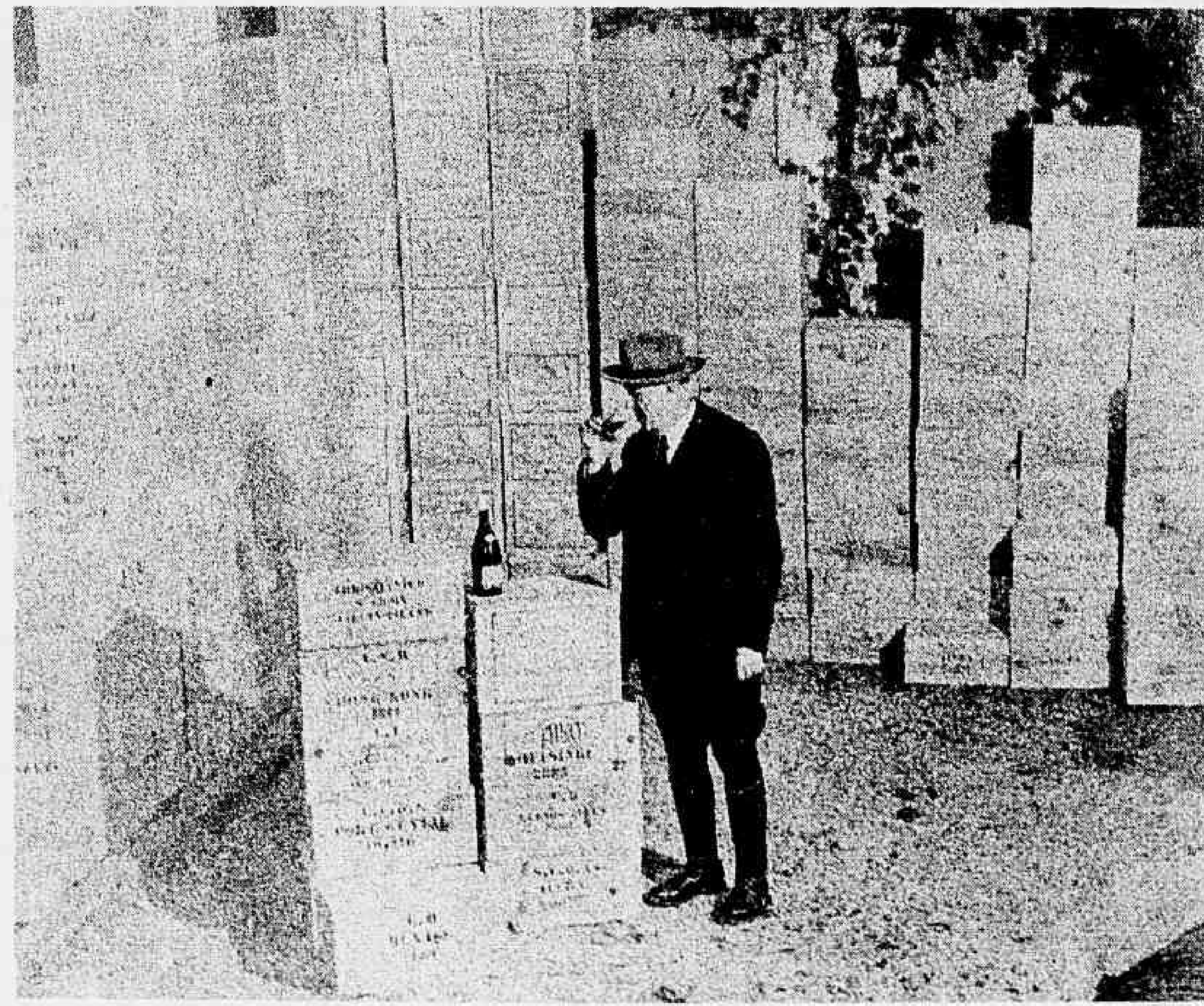
O FIM

O fim de um grande homem é sempre curioso. Matisse, em seus últimos dias, sentado, pinta com um crayon amarrado à ponta de um bastão.

RAINHA

Danielle Darrieux, atriz inconfundível do cinema francês, vive no campo e se diverte com o jôgo de malha como muito bem podemos observar.





DE PEQUENINO

... é que se torce o pepino, como se diz. A filha de Chaplin, herdeira dos talentos do pai, começa cedo a aprender dança.

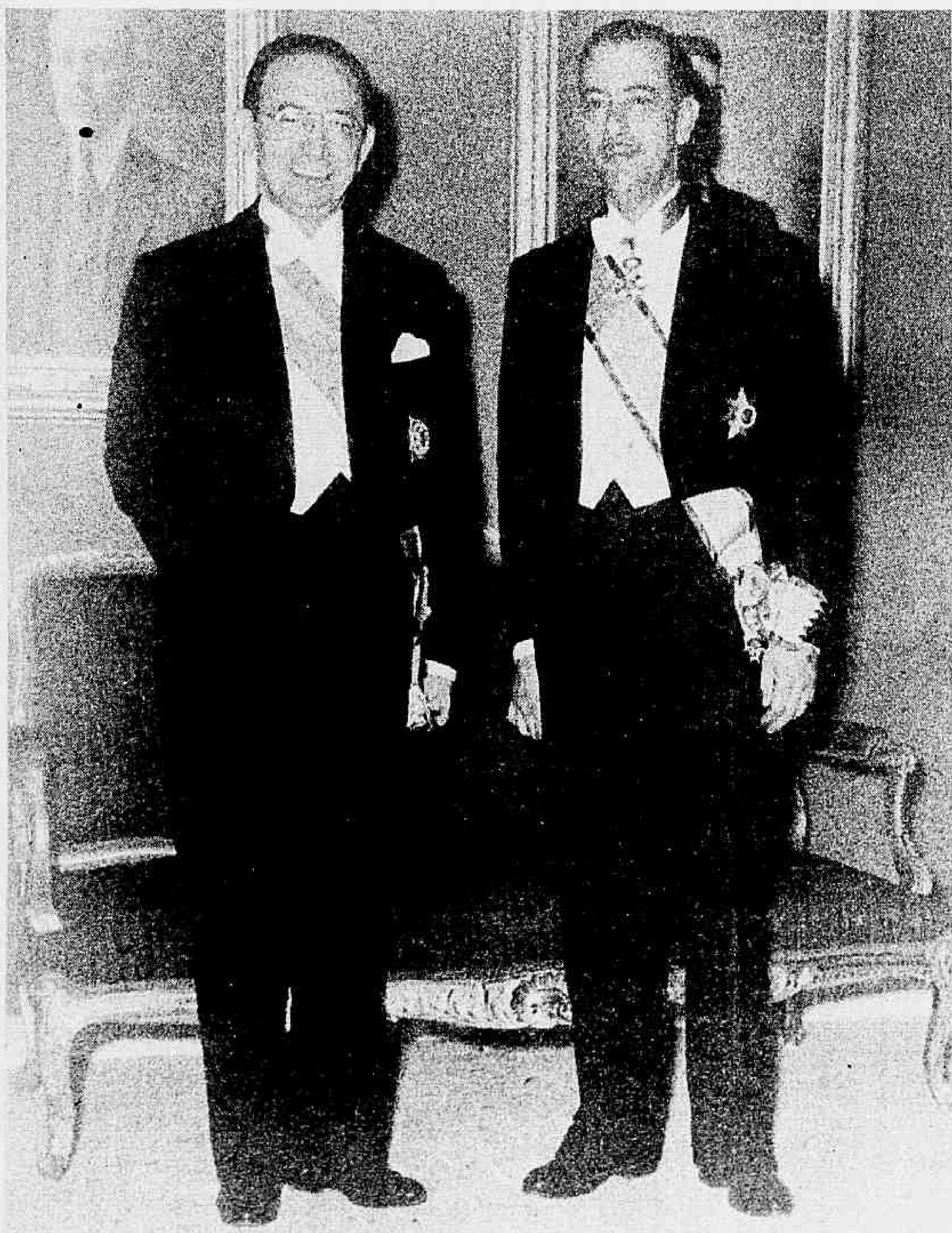
EMBAIXADOR

Muita gente pensa que os embaixadores são os diplomados, mas neste caso, nenhum mais autêntico que êsse fabricante de conhaques e vinhos.

PARANÁ — 101 ANOS



Palácio Iguaçu, nova sede do govêrno paranaense, maravilha da arquitetura moderna. Em primeiro plano, parte da grande Av. Caetano de Abreu.



Uma pose para a história: o Presidente Café Filho e o governador Munhoz da Rocha no Palácio Iguaçu, na noite de 19 de dezembro último.

Café Filho inaugurou:

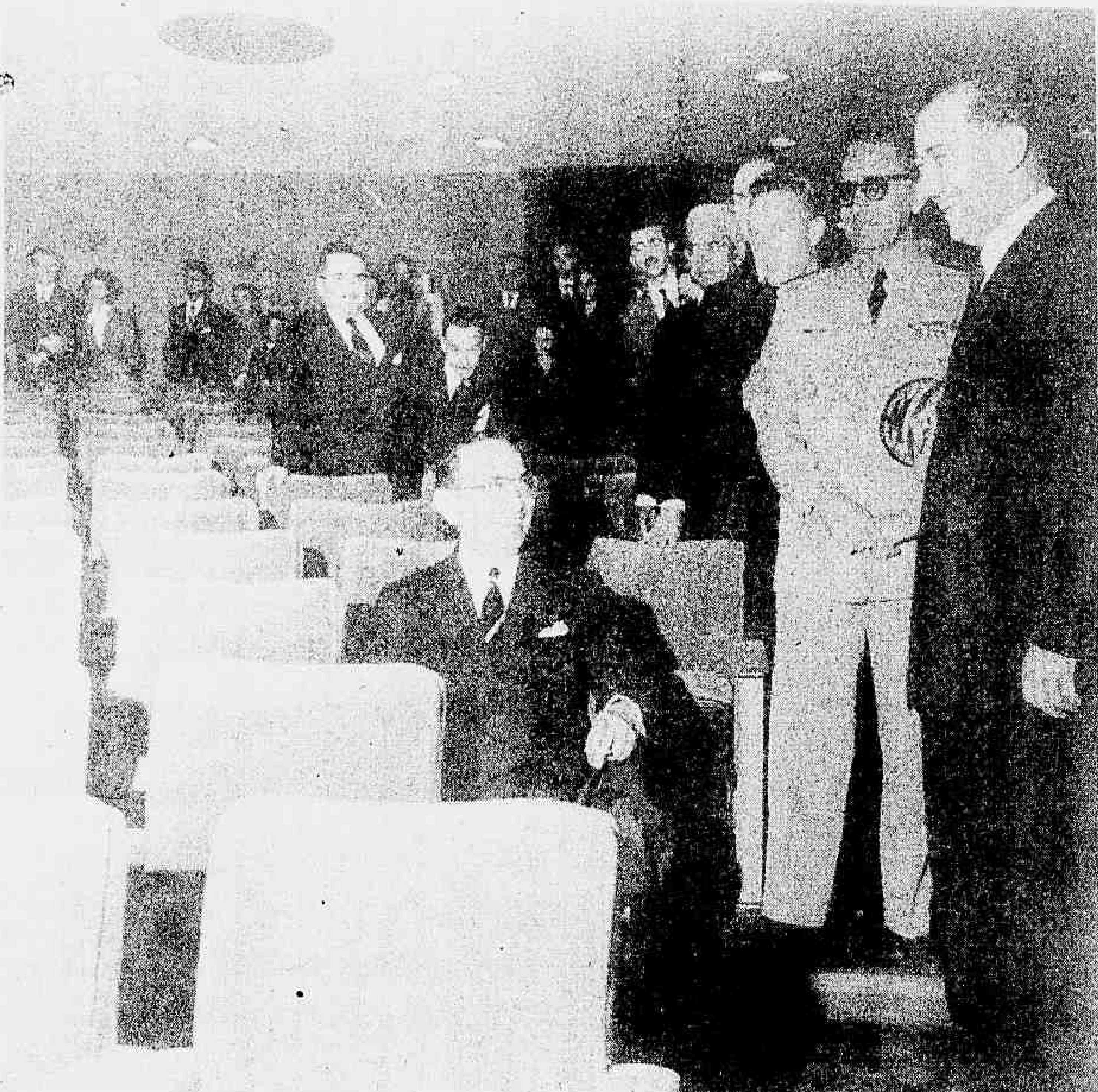
PALÁCIO IGUAÇU, BIBLIOTECA PÚBLICA CONJUNTO RESIDENCIAL, GRUPO ESCOLAR, entre outros

Reportagem de
ADALBERTO MENDES

COMEMORANDO mais um ano de sua emancipação política, o Estado do Paraná recebeu a visita do Presidente da República, sr. João Café Filho, ministros de Estado e altas autoridades públicas. Um programa festivo foi organizado. Mas um programa diferente, quase que inteiramente dedicado a inaugurações de importantes obras públicas. Afora o banquete de gala oferecido ao Chefe de Estado ali presente, honraria que a praxe e a tradição impoem seja prestada ao primeiro magistrado da Nação, particularmente em uma visita oficial, nada mais houve senão a abertura festiva de grandes empreendimentos, que marcaram a passagem dêsses 101 anos de existência autônoma com o sinete do incontível progresso que empolga

UM PROGRAMA DE INAUGURAÇÕES FESTEJOU O 19 DE DEZEMBRO

e domina a terra auraucariana. O majestoso Palácio Iguaçu — monumento que os homens do presente oferecem às gerações futuras — abriu a série dessas inaugurações. E' preciso falar dêsse palácio com todos os entusiasmos cabíveis. Fazendo parte de um conjunto de edifícios públicos dos maiores até hoje planejados no país, a futura sede do govêrno do Paraná possui quatro pavimentos com a área de três mil metros quadrados cada um, revestidos externamente de mármore paranaense. Está dotado de tôdas as dependências necessárias ao funcionamento da parte administrativa do govêrno, bem como das peças indispensáveis à representação oficial, tais como salões de recepção e de banquetes e outras, sendo iluminado por mil e duzentos pontos de luz. E' êle o tema central de notável conjunto em construção, que abrangerá os três poderes do Estado dentro de um esquema funcional da mais moderna concepção arquitetônica. O Grupo Escolar «Paula Gomes» destaca-se, dentre as obras inauguradas, como uma das mais notáveis no gênero. Tem 13 salas de aula, 4 conjuntos sanitários, salas de professôres, diretoria, secretaria, gabinetes médico e dentário, biblioteca, cantina e 400 mts2. de pátios cobertos, possuindo um auditório para 800 pessoas, tudo isso numa área total de 2.100 mts.2, abrigando uma população escolar de 1.755 alunos. Um conjunto residencial de 55 casas para funcionários públicos, a Biblioteca Pública, novos pavilhões do Instituto de Biologia e o peque-





Ao alto — Café Filho inaugura o pequeno auditório do Teatro Guaíra. Em baixo — Damas da sociedade no banquete de gala ao Pres. da República.

Ao alto — O Presidente, a sra. Munhoz da Rocha e outras ilustres damas. Em baixo — Representante das colônias estrangeiras oferece frutas a Café









Café Filho ofereceu recepção no Palácio Iguaçu, que ficou repleto. Atendeu a quantos lhe quiseram falar ou apertar a mão. Em baixo — À esquerda, o belo edifício da Biblioteca do Paraná. À direita — O Presidente Café, e o casal Munhoz da Rocha, vendo as coleções de livros.

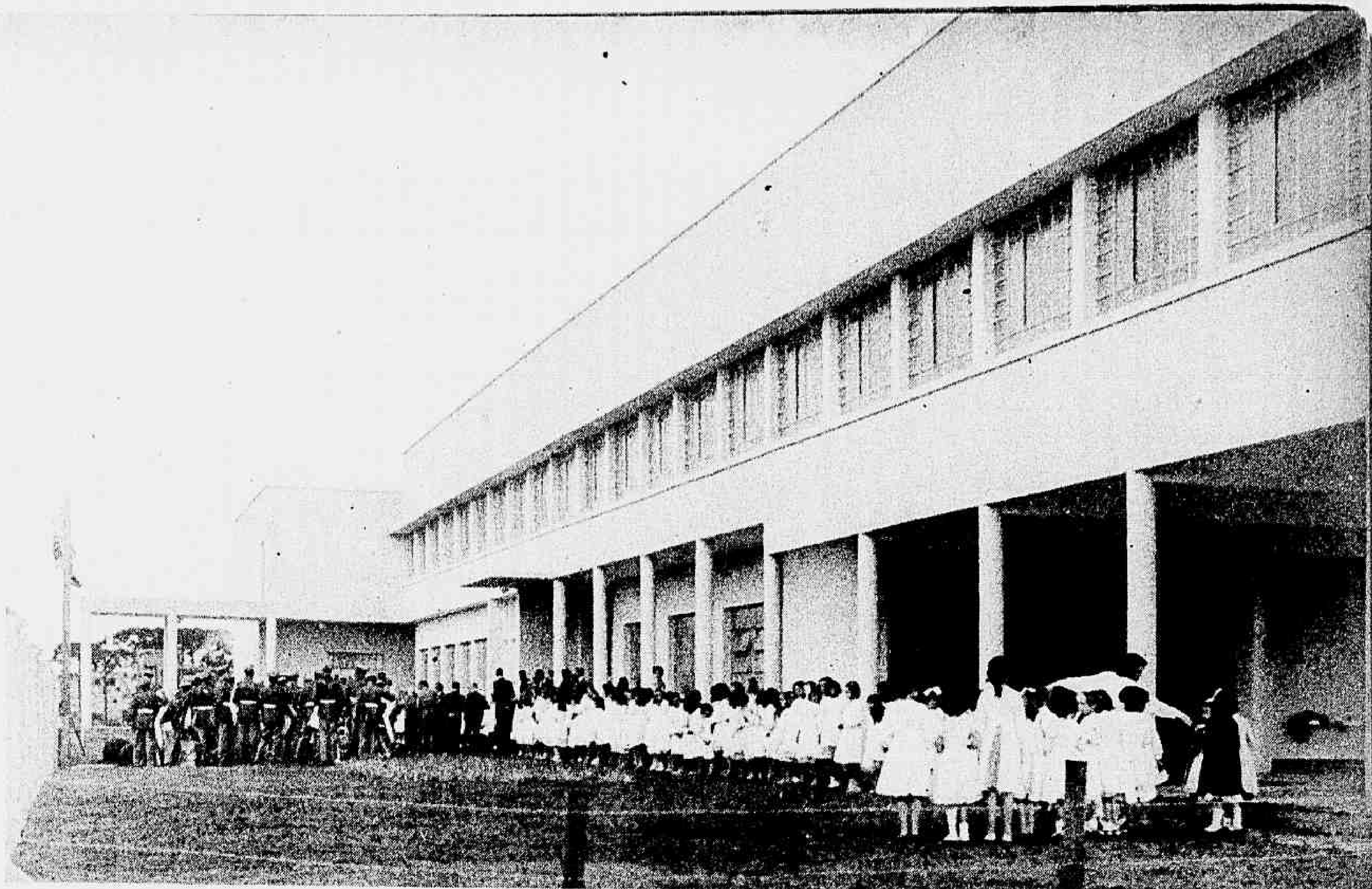




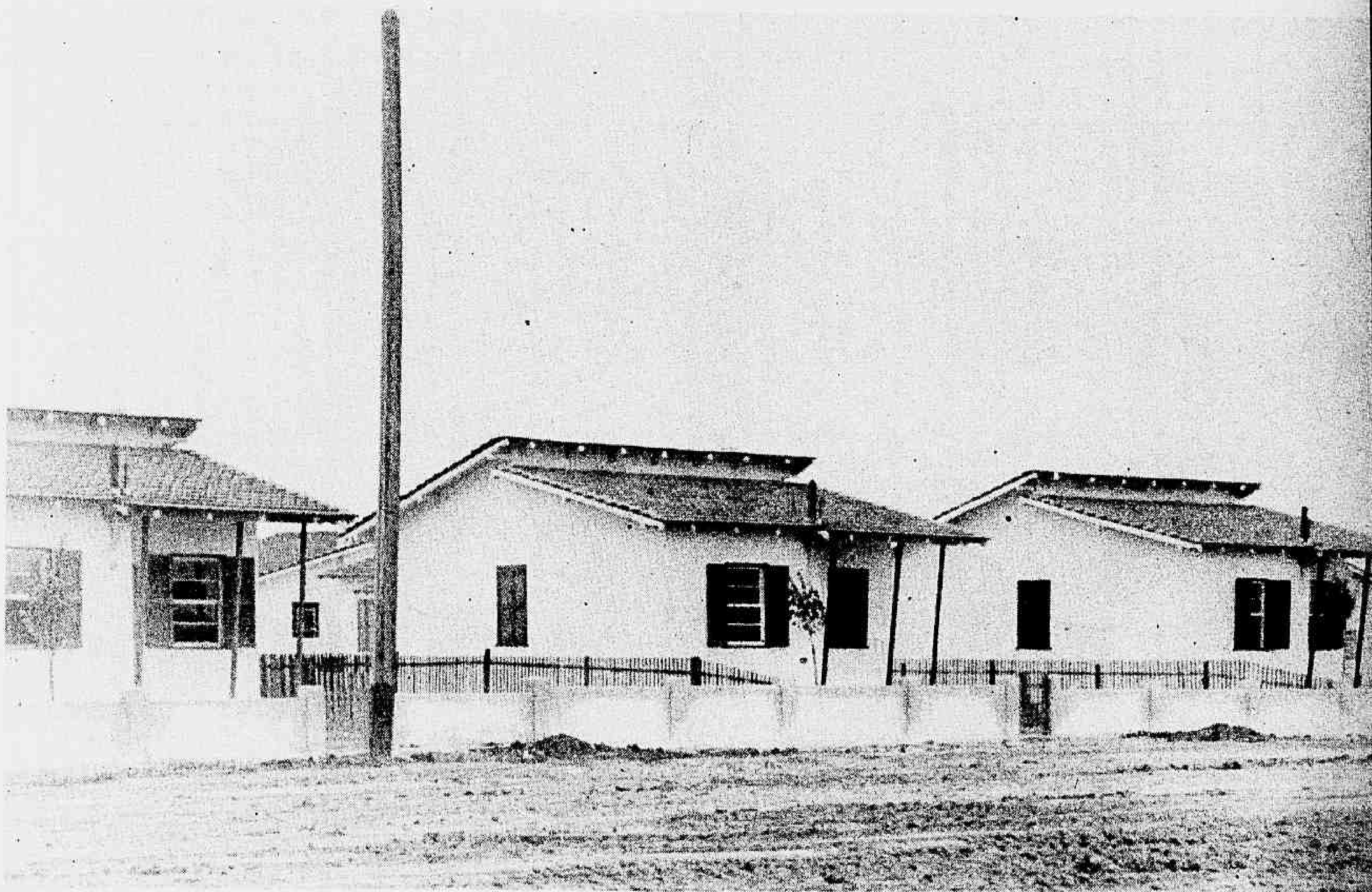
PARANÁ...

no auditório do Teatro Guaíra foram outras obras de real mérito também abertas ao público, delas sobressaindo a Biblioteca, que vem suprir antiga lacuna, concebida e construída em proporções compatíveis com o progresso cultural do Paraná. De sentido nitidamente popular, a Biblioteca obedece aos mais modernos requisitos pedagógicosi com divisões especializadas para os diversos ramos destinados a crianças, adolescentes e adultos, que serão orientados através de processos apropriados. Um programa assim fala muito alto, diz mais do que números festivos que passam e são logo esquecidos. Foi dessa maneira que os governantes do Paraná comemoraram o 101º aniversário de sua vida política autônoma, entregando ao povo o que de direito o povo pode exigir dos responsáveis pela coisa pública: realizações úteis à coletividade.

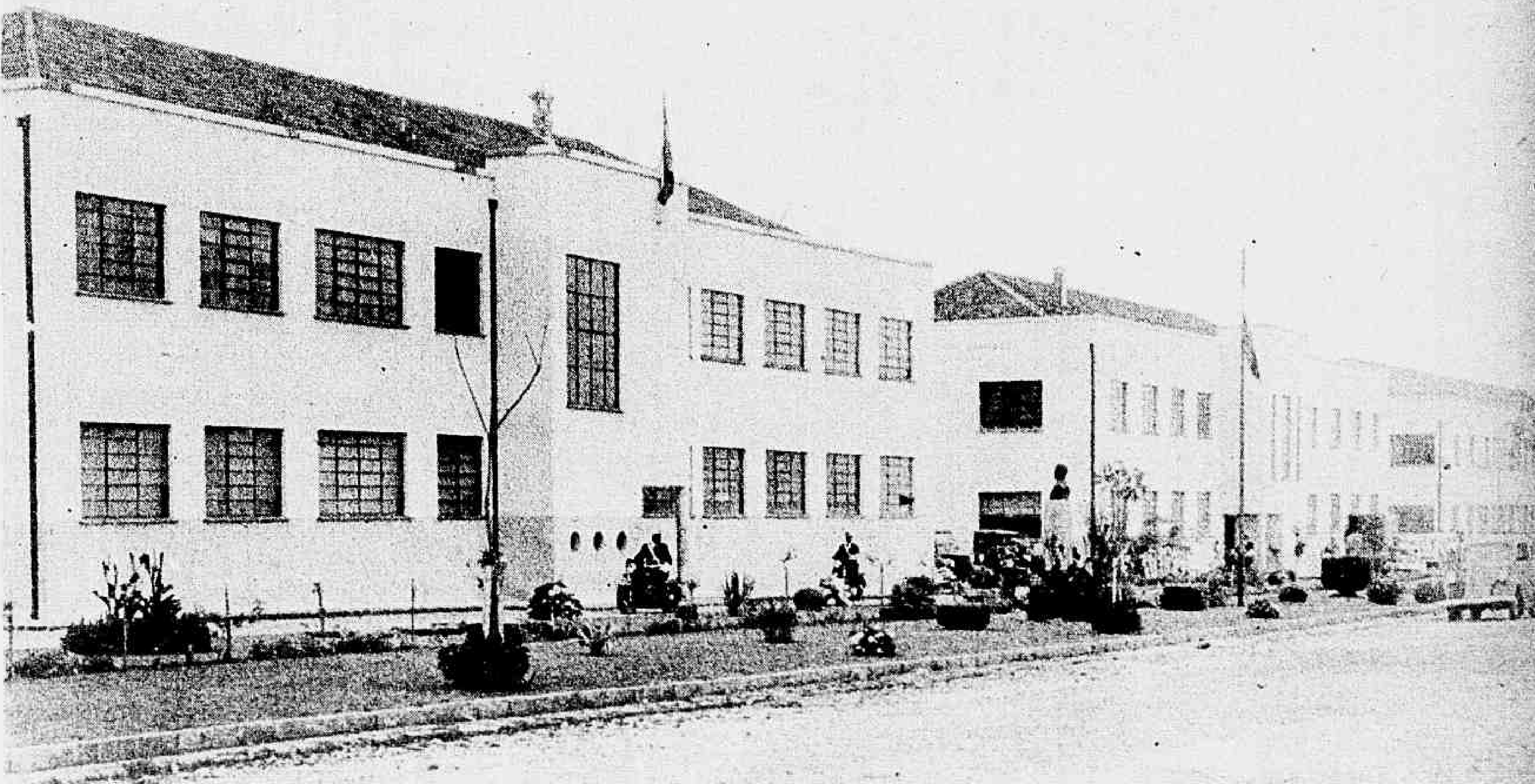
A presença do sr. João Café Filho deu inegàvelmente uma significação especial às comemorações de que nos ocupamos nesta reportagem. Café foi recebido e distinguido pelo povo paranaense com as mais sensíveis demonstrações de simpatia e aprêço, que brotavam expontâneamente da alma popular, sem artifícios nem dirigismos. Sua personalidade simples e cativante logo a todos conquistou e a audiência pública que concedeu no Palácio Iguaçu, literalmente cheio, foi um episódio que o ligou definitivamente àquele povo. Antes, no banquete de gala realizado naquele mesmo palácio, o presidente mantivera cordial contacto com as maiores expressões da sociedade curitibana. Foi uma festa de elevada distinção, do espírito e da inteligência. O Palácio Iguaçu resplandeceu naquela noite memorável, comparável à sua imponência. Uma sociedade refinada — mais de três mil convidados — lá estêve para homenagear o Chefe da Nação, e o fêz com a graça e a elegância que lhe são próprias. E êsses contactos terminaram com a solenìssima Assembléia Geral Universitária, presente tôda a Congregação da Universidade do Paraná, quando foram saudados o Presidente da República e o Governador do Paraná pela palavra do professor Flávio Supplicy de Lacerda, Magnífico Reitor, e do desembargador Munhoz de Mello. Nessa ocasião foi entre-



Nesta coluna, do alto para baixo — Grupo Escolar «Paula Gomes» (capacidade para 1.755 alunos), o maior do Estado; conjunto residencial (55 casas para funcionários públicos), e novas



instalações do Instituto de Biologia. O govêrno do Est. do Paraná realiza uma grande obra.



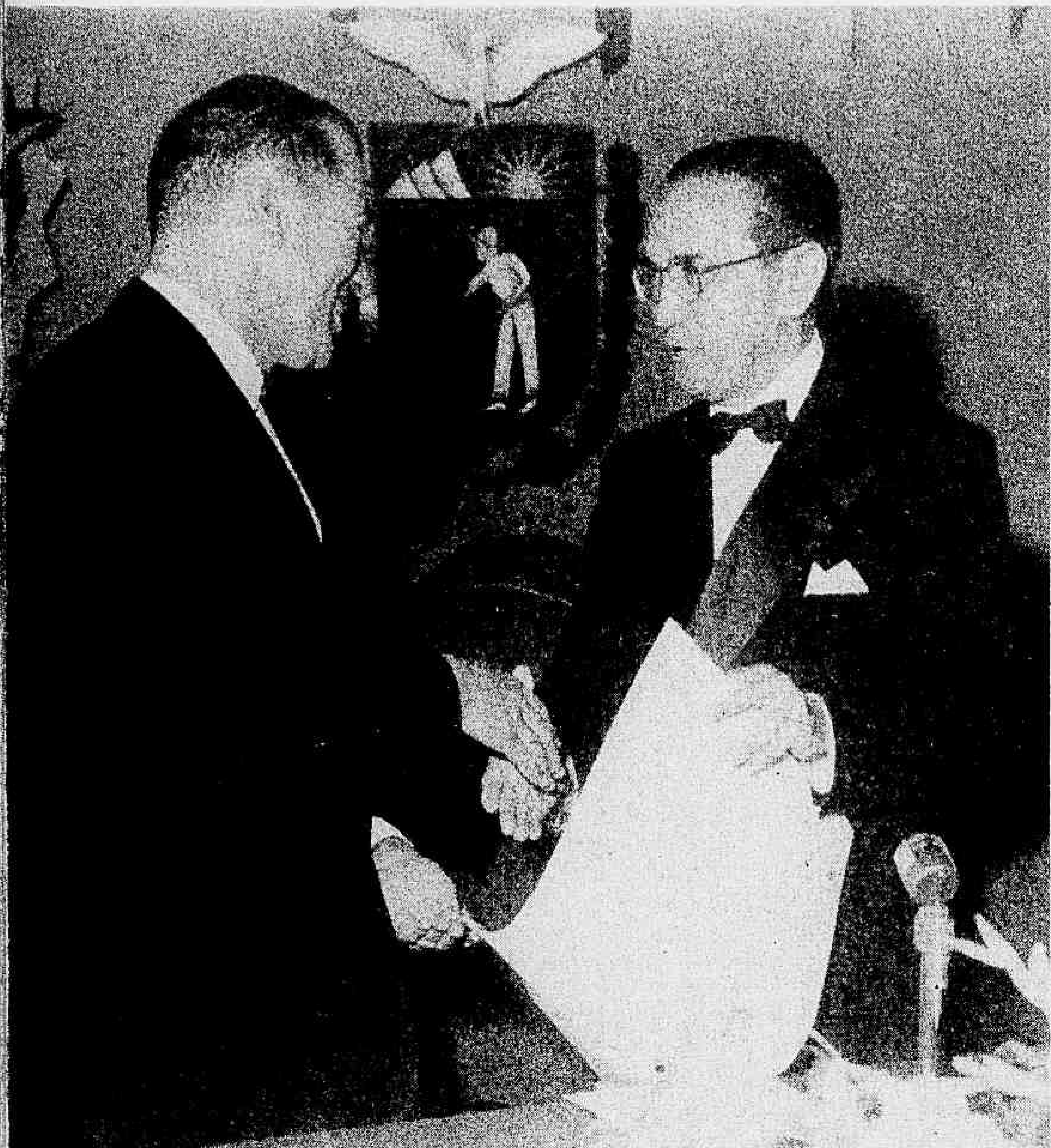
PARANÁ 101 ANOS



À esquerda — O Magnífico Reitor da Universidade do Paraná, prof. Flávio de Lacerda, saudando o Presidente da República e o governador do Paraná.

gue ao sr. Munhoz da Rocha o diploma de Benemérito da Universidade do Paraná, concedido pelo Conselho Universitário em reconhecimento aos serviços prestados àquele centro de ensino superior, que na manhã do dia 19 foi longamente visitada pelo Presidente Café Filho, que percorreu as diversas dependências da Universidade do Paraná, em companhia do governador Munhoz da Rocha e do Reitor Flávio Lacerda, recolhendo uma impressão de ordem, de trabalho, de organização que podem ser consideradas exemplares no setor pedagógico nacional.

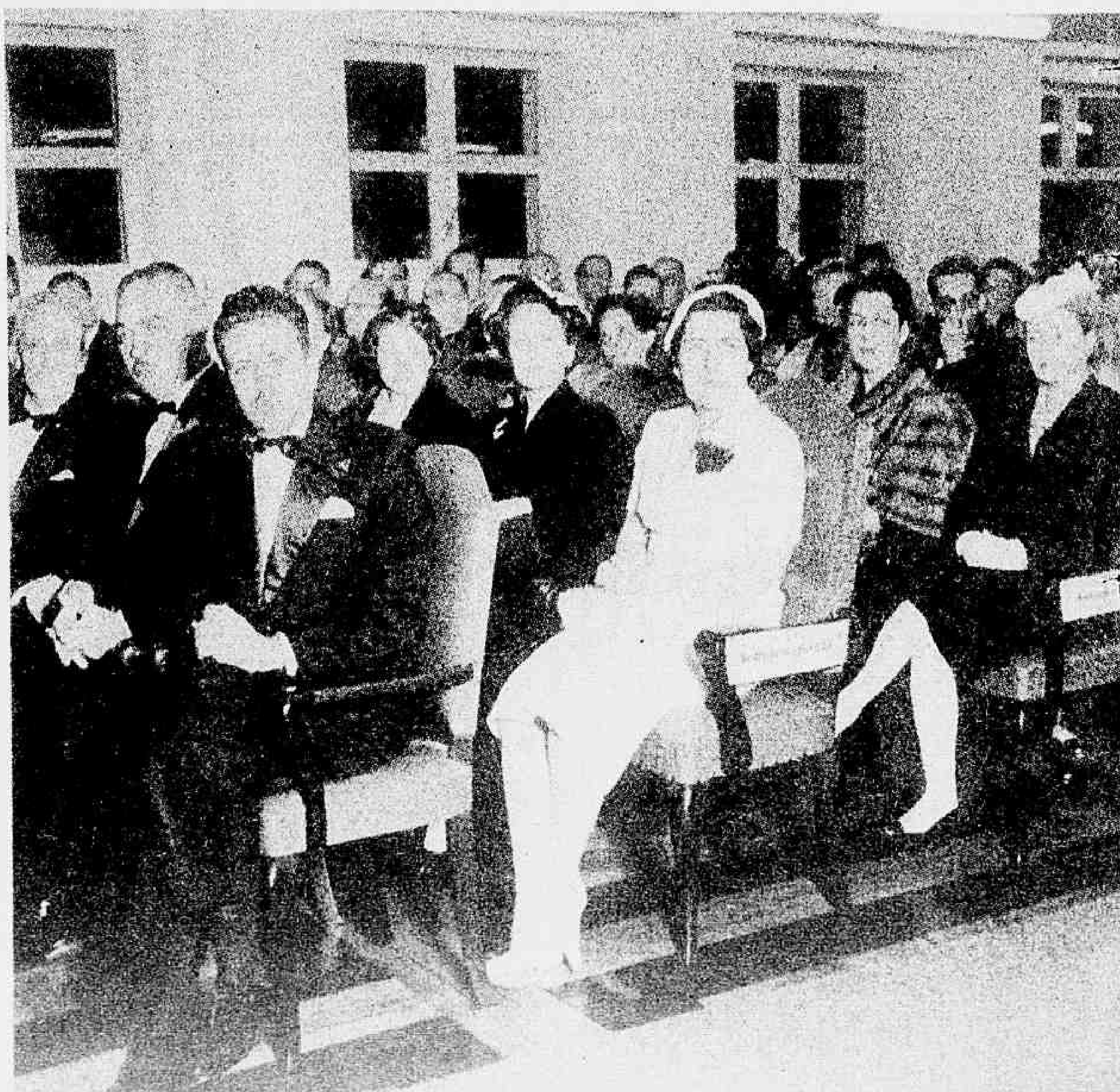
O dia 19 de dezembro último foi intensamente vivido pelo govêrno e pelo povo paranaense, que irmanados com os altos poderes da República, festejaram mais uma etapa da sua existência como unidade federada e mais um passo agigantado do seu vertiginoso progresso.





À esquerda — Café Filho entrega a Munhoz da Rocha o diploma de Benemérito da Universidade do Paraná. À direita — Flagrante da visita do Presidente da República às instalações daquela Universidade. Em baixo — Dois aspectos da assistência à Assembléia Geral Universitária, na qual foram homenageados os senhores Café Filho e Munhoz da Rocha.

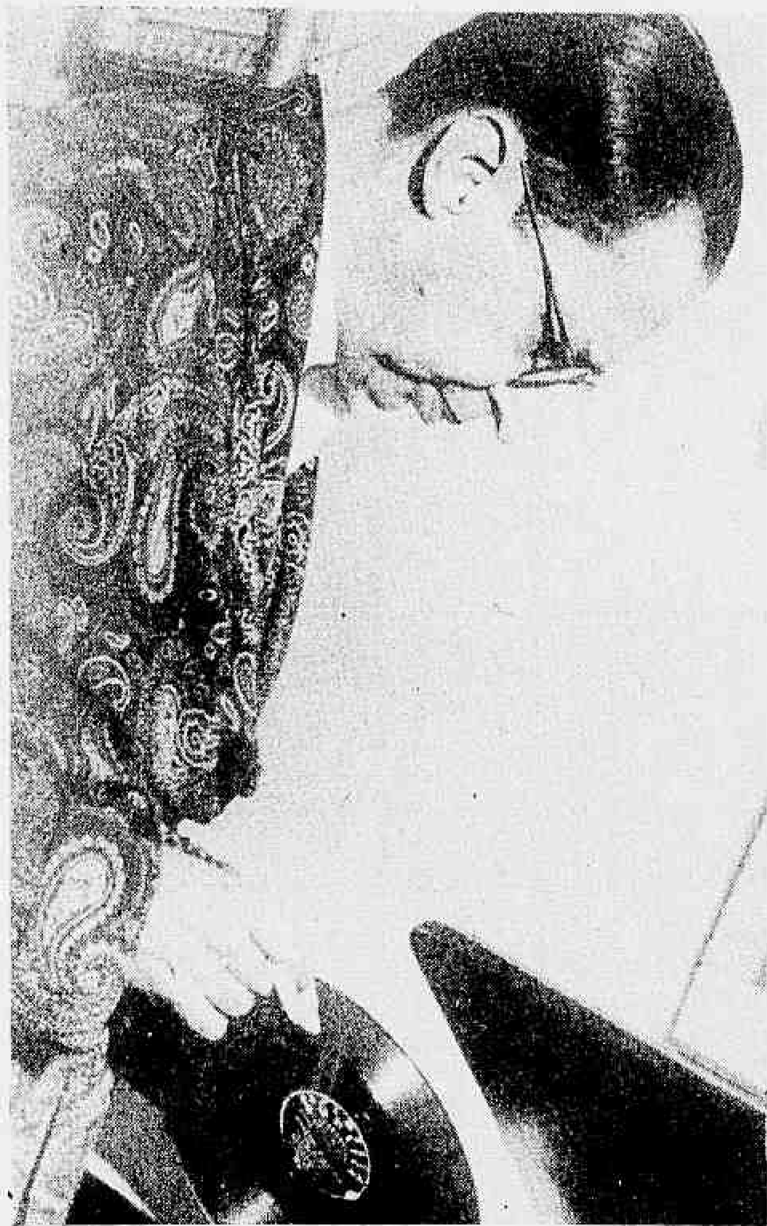




CRÔNICA:

BANDEIRA E DRUMMOND

ANTÃO PEDROSO



Manuel Bandeira

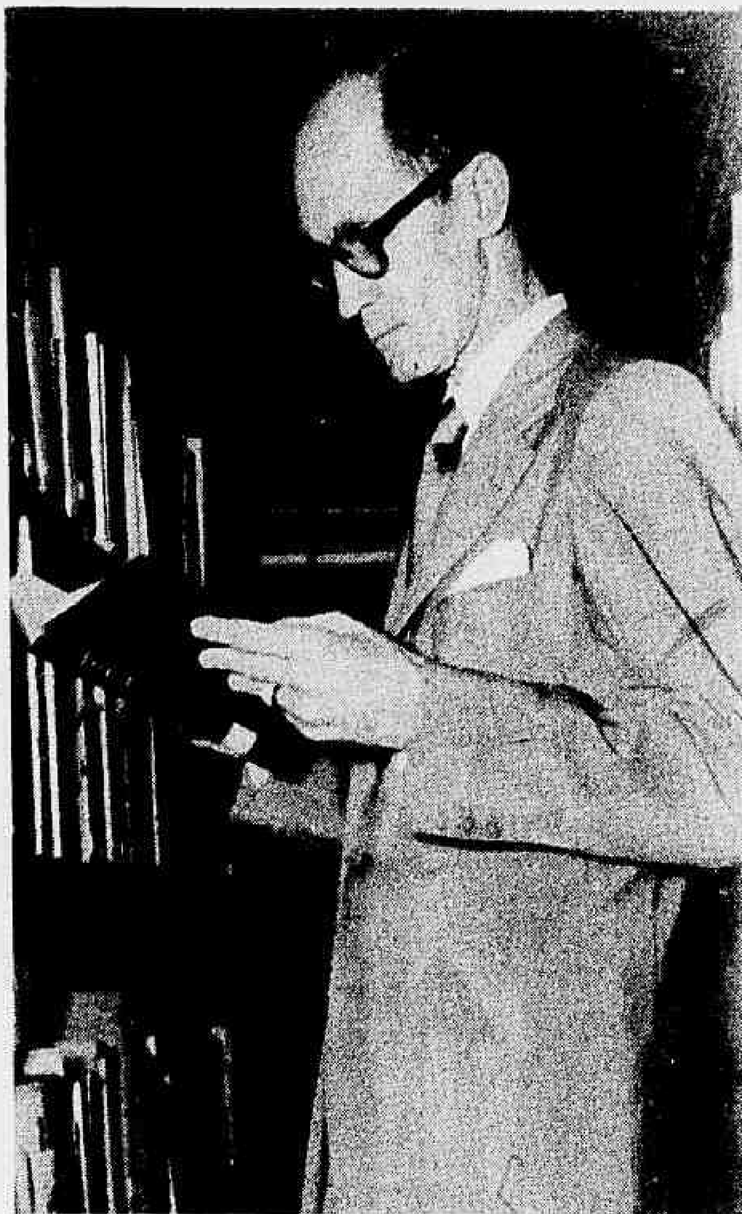
● Foi perfeita a idéia de José Olympio, de ajuntar em fins de 54, no mesmo almôço e na mesma homenagem, dois poetas como Bandeira e Drummond. Como foi perfeita a idéia de reunir em volumes que se poderiam chamar de definitivos, as obras dêsses poetas, por assim dizer também já definitivos em nossa história literária.

O mais extraordinário é que êsses dois artistas, tão bem irmanados no espaço e no tempo, tiveram começos diferentes e se reúnem como que no centro de suas obras; de pontos que se poderia assinalar como opostos, em seu nascimento, convergem lentamente em direção um ao outro, encontrando-se afinal, aqui e ali, separando-se de novo, e erguendo, em última analise, êsses dois monumentos solitários que seriam monumentos em qualquer literatura.

Bandeira já nasceu largo, de um largo cuidadoso e extremamente consciente em seus arremessos; Drummond nasce esquivo, para ir-se apalpando ao longo de tôda a sua obra, e constituir-se, enfim, o poeta amplo e de inspiração elevada que hoje celebramos.

Nem Bandeira diminuiu, nem Drummond aumentou. O que nêles é mais autêntico, é exatamente a precisão com que sempre foram fiéis às suas naturezas de poetas, de grandes poetas, a estranha fôrça e a fidelidade a seus temperamentos sofridos e cruéis, ao mesmo tempo tão requintados e tão abertos a todos os sentimentos do mundo. Cruéis porque implacáveis, consigo mesmo e com a metamorfose das coisas, como diria o próprio Drummond. Disse uma vez, não sei mais onde, que Bandeira infundia uma certa confiança na vida. Passado tanto tempo, ainda é o sentimento que me fica da releitura da sua obra. Nela não há um julgamento, uma desesperança latente e consignada — há um esfôrço, uma conquista, um ultrapassamento que bem pode preludiar, neste Bandeira vagamente melancólico de agora, o Bandeira futuro e final, desdobrando-se além de sua humana condição, num outro Bandeira claro e triunfante, empunhando as trompas da alegria, que muito nos lembraria a apoteose derradeira de um Schiller, por exemplo.

O mineiro Drummond, ao contrário, é mais soturno, mais desesperado em sua concentração. Enquanto sua poesia se expande, abrindo-se em fôrça e em luminosidade, nalguns dos mais belos versos de nossa língua, a essência íntima do poeta debruça-se aflita e crepuscular sôbre si mesma, e exprime uma concepção travada e amarga das coisas, onde explode às vêzes, como um relâmpago, um grito de puro terror e pura náusea.



Drummond de Andrade

Mas, o que em ambos se pode escolher, indefinidamente, e isto é outro sinal inequívoco de grande poesia, é esta ou aquela fase, êste ou aquêle poema, tal ou tal momento. Gloriosamente êles se pertencem a si mesmo, e são intactos, na exaustiva realização dessa obra, os poetas que desde o primeiro instante se anunciaram ao público.

Confesso que leio e releio os dois; apesar dos contrastes, que são muitos, e dos fundos e dos altos, dos eclipses e das erosões que situam a personalidade de um e de outro, hesito, passo uma e outra página, e acabo ficando com o Bandeira dos primeiros tempos, com o Drummond dos últimos.

O QUE ÊLES DIZEM

NO BRASIL:

Augusto Frederico Schmidt: «Antes das lutas políticas da esquerda-direita e de tôdas essas histórias a que demos quando moços uma importância exagerada, com a brevidade e a melancolia de nossa existência, hoje o sabemos, não justificavam...» Helas, Schmidt!

★ Marques Rebelo: «Agora sou defunto, mármore, e a sensação é muito melhor do que eu esperava.»

★ De uma notícia sôbre os «Exilados de Paris»: «Para rebater o vatapá, foi servido como sobremesa um cuscus caprichado, sendo todo o «aprés-midi» regado a batida pernambucana e cervejota geladinha». Ora, para um grupo de exilados de Paris, e principalmente com êste calor, o melhor seria caviar com «champagne» bem gelada.

POESIA

DÚVIDA

Estranho, o que em mim tu procuras:
O descanso que na vida não tiveste
Ou simplesmente tu a mim vieste
Em busca de fugazes aventuras?

Eu fiz das promessas um paraíso...
Vivi um novo sonho em cada beijo
E vi um a um dos meus desejos
Morrer na indiferença de um sorriso.

Não vou te pedir fidelidade
O que vale no amor é a saudade
De um momento feliz, de uma ilusão.

Que importa o adeus, quando êle deixa
Só lembranças de amor, nenhuma queixa
Só pedaços de sonhos no coração...

CARLOS RENATO

NOTICIÁRIO

O escritor Hormino Lyra vai editar um novo livro de poesias sob o título de «Crisol». Hormino Lyra já publicou quatro livros, mas é o primeiro de poesias que publica. Segundo cálculos do poeta, deve ser lançado por todo o mês de fevereiro.

★ «Madrugada sem Deus» é o nome do novo romance que Mário Donato acaba de publicar. Obra exaustiva, de quase quinhentas páginas «que se pode aplaudir ou combater, mas não ignorar», como diz a orelha.

★ Homero Homem promoveu um coquetel para lançamento do seu livro, que é uma edição de luxo, desenhada e orientada pelo pintor Bandeira.

★ Vinícius Lima, que é daqui de casa, publicou um livro «Eu voltei do inferno», em que narra algumas de suas melhores reportagens.

IEMANJÁ

RAINHA DO MAR E DOS "CADILLACS"

«UMBANDA», CRENÇA DE NEGRO QUE SE TORNOU RELIGIÃO DE BRANCO ★ PRIMITIVISMO AFRICANO SÔBRE O ASFALTO DO RIO ★ O «EX-BAIXO ESPIRITISMO» TOMOU CONTA DE COBACABANA ★ REPORTAGEM E HISTÓRIA DE MAIS UMA RELIGIÃO QUE SURGE

Reportagem de JOÃO ALVARENGA

Há 10 anos passados, as ofertas a Ogum e Iemanjá, (O Cristo e a N. S. dos umbandistas) sòmente eram feitas em praias desertas, longe das vistas da polícia e de curiosos porque fazer "despachos", jogar flôres e alimentos para a "Rainha do Mar", "era coisa de gente atrasada", e além disso, tal procedimento contrariava a lei de Posturas Municipais e os "nossos brios de povo civilizado". Mas os tempos mudam. Nos dias em que vivemos já existe até uma "Confederação de Umbanda", dirigida por um alto funcionário do Banco do Brasil, (dr. Jaime Madruga) que faz propaganda ostensiva de sua crença, através de vários jornais de propriedade da Confederação que dirige, e da qual, segundo êle, fazem parte respeitáveis patentes do Exército, Marinha e Aeronáutica.



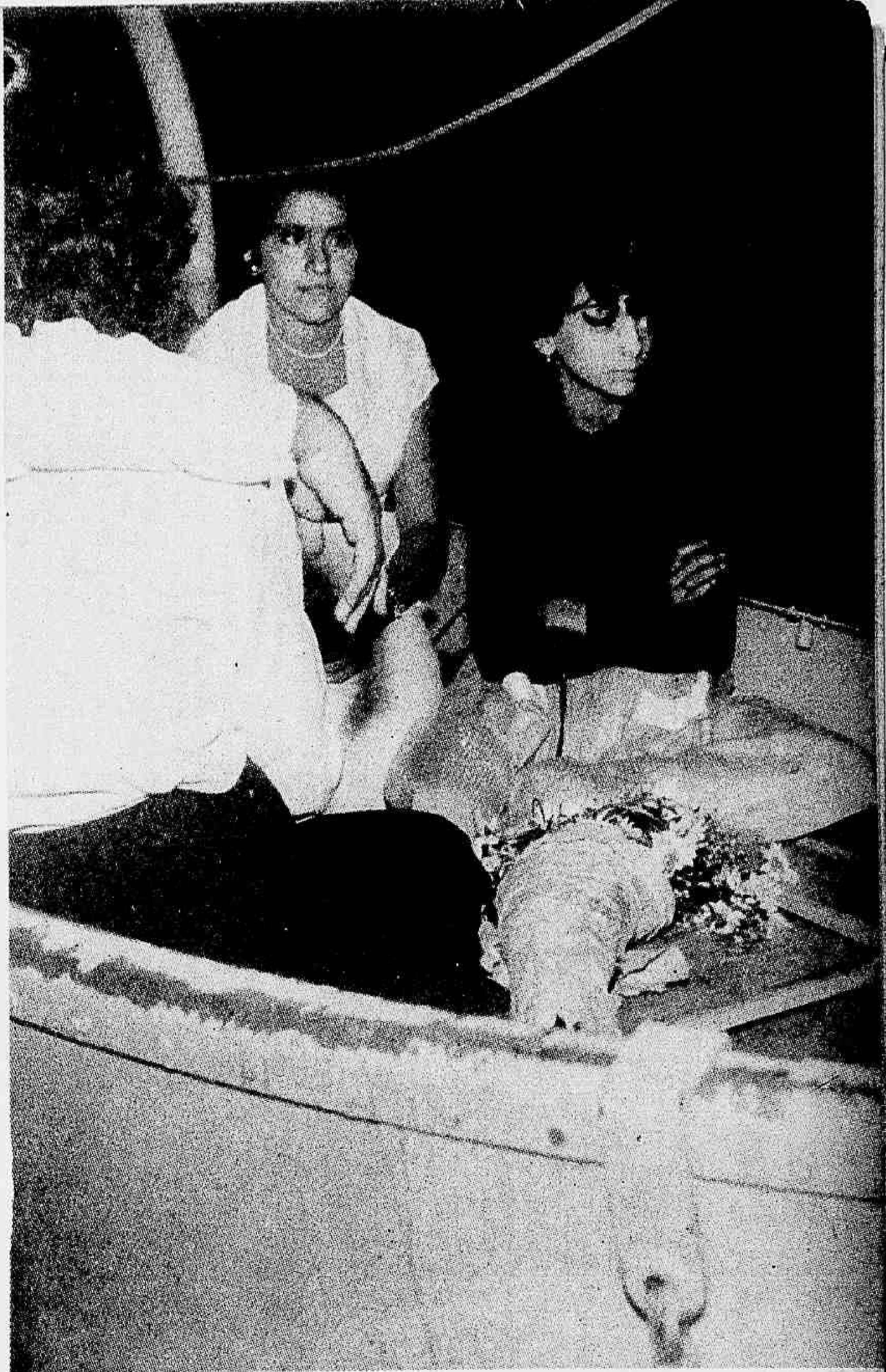
A tenda do «Caboclo Ubirajara», durante um ritual, à meia-noite, no Arpoador. Cachaça, charutos, moedas e velas, mais tarde lançadas ao mar.

FESTA PRIMITIVA

De uns tempos para cá, os adeptos de "Umbanda" deixaram as praias desertas e invadiram a famosa Copacabana, Leblon e Ipanema; Arpoador e Praia Vermelha. Antigamente, essas mesmas pessoas, a pé, de bonde ou em carros de luxo, discretamente lançavam suas oferendas para a "Deusa do Mar", nos lugares mais distantes possíveis, para não serem criticados pelo público e mesmo porque ficava feio que os amigos tomassem conhecimento dêsse "estranho" procedimento. Agora no entanto, os umbandistas resolveram fazer a "coisa" às escâncaras, convocando inclusive a imprensa que antes temiam, para declarar que se reuniriam na praia do Arpoador, no momento em que deveria ser rezada a missa (transferida para 20 do corrente) do Congresso Eucarístico Internacional, no atêrro de Santa Luzia, no Calabouço.

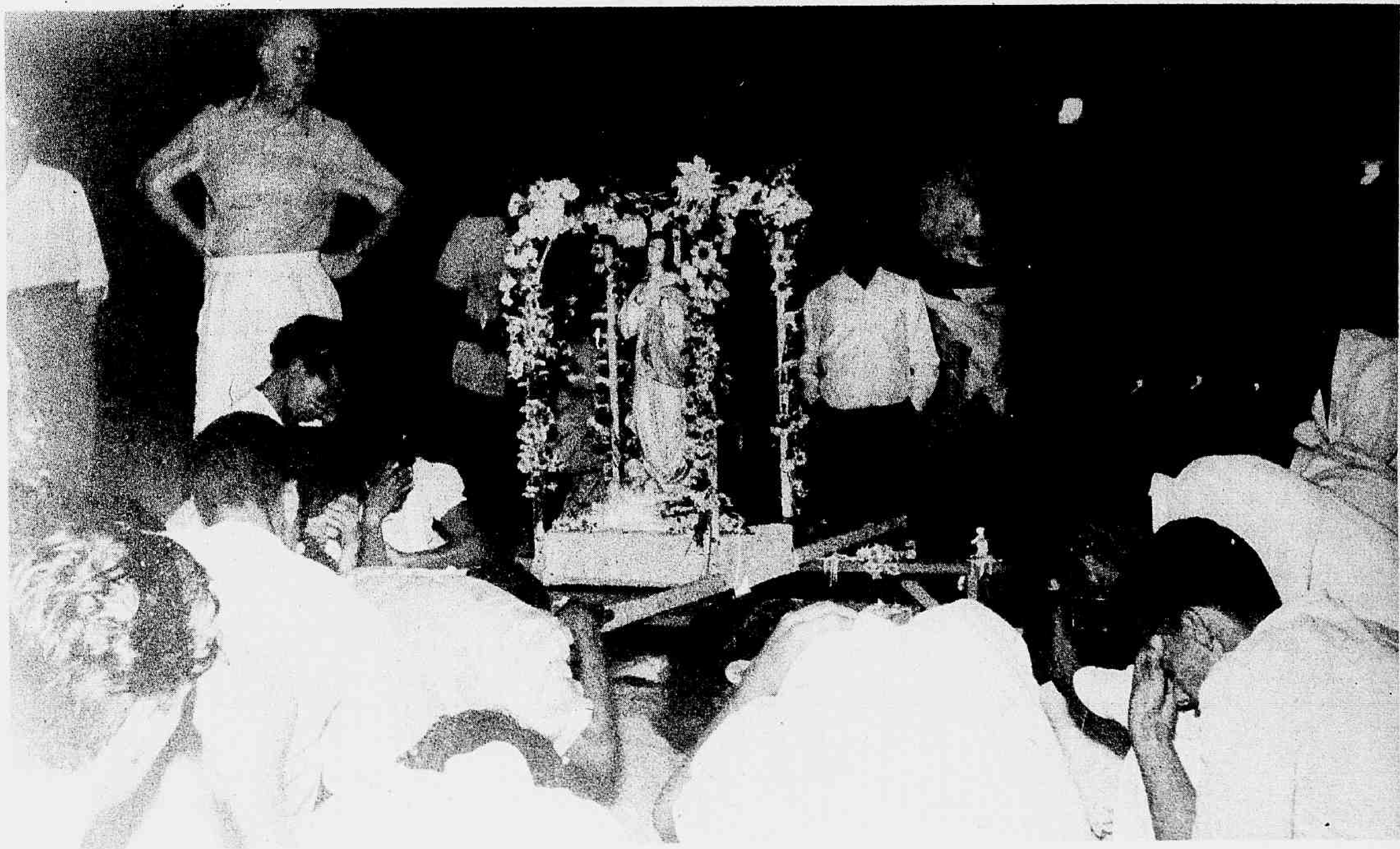
A LINHA DE UMBANDA

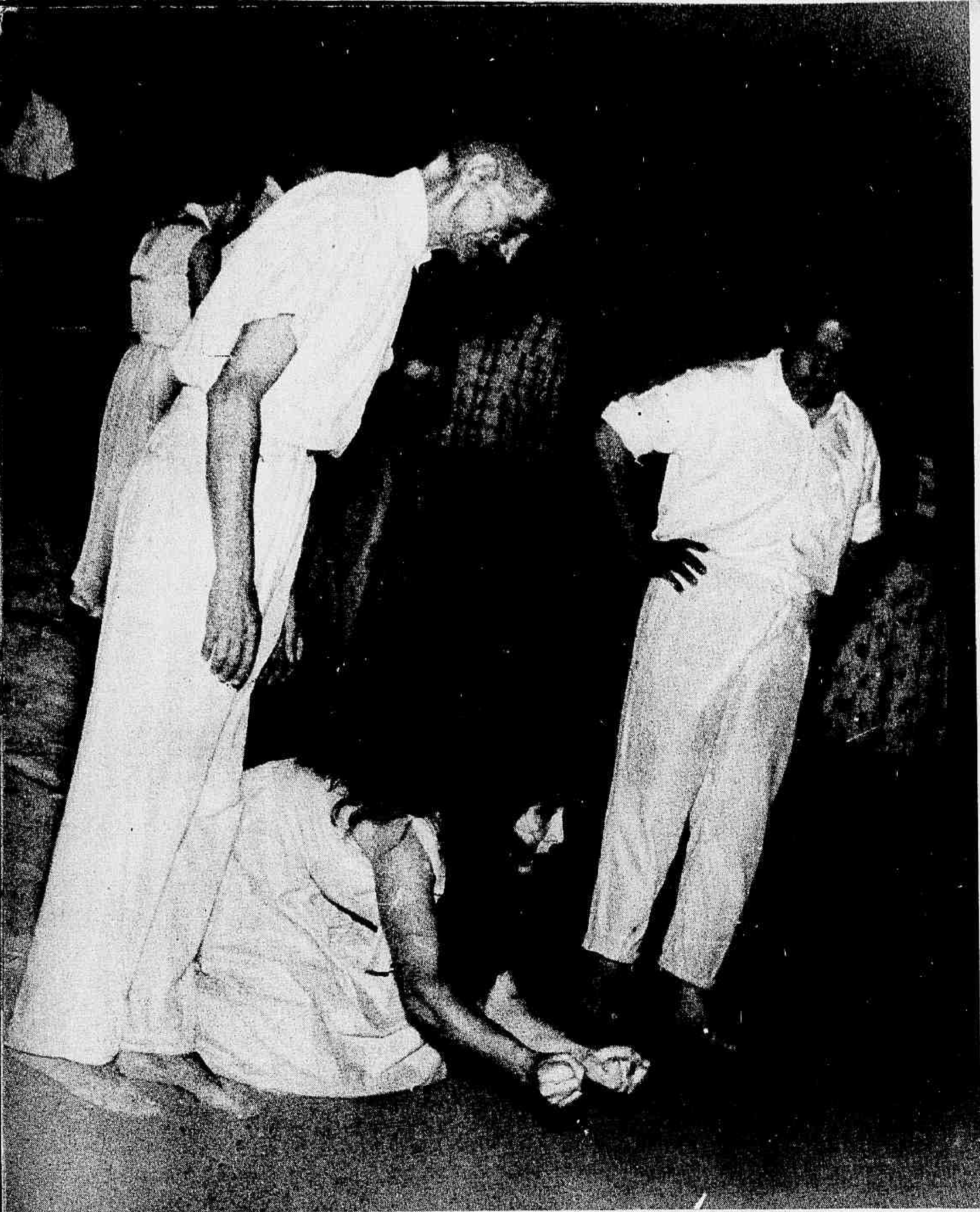
A linha de Umbanda é um ecletismo religioso porque reúne elementos de três ramos, daí o seu avanço no Brasil. Explica-se o fato: É que Umbanda é um movimento heterogêneo em relação à nossa formação racial, porque cultua santos da Igreja Católica, tais como S. Jorge, Cosme e Damião e S. Pedro; da mesma forma que venera santos por êles denominados "Santos Ameríndios", a saber. "Caboclo Ubirajara", "Pai João" e muitos



De barco para ir mais longe. São assim os crentes de Umbanda. E para agradar Iemanjá, lançam flôres longe da costa, que é melhor!

A imagem de Iemanjá, lançada à água após a meia-noite de 31 de dezembro. A «Deusa do Mar» dos umbandistas é a Virgem Maria.





Êxtase ou alucinação? Essa moça afirmava estar vendo Iemanjá. Seu pai, ao lado, olhava-a invejosamente, feliz porque a filha é considerada uma das maiores da crença.

À MEIA NOITE

ÀS 22 horas do dia 31 de dezembro último, já era apreciável o número de umbandistas na praia do Arpoador. Metidos em suas roupas brancas e sobraçando flôres, milhares de pessoas (brancos em sua maioria) à pé, de bonde e de "cadillac", proporcionaram à massa de curiosos que ali se comprimia, um espetáculo completamente novo para o século em que vivemos, pois aquêles, milhares de umbandistas "atuados" se contorciam em êxtases, davam gritos e gargalhadas que causavam horror aos turistas.

Madrugada a dentro, iam entoando seus hinos àquela que êles denominam de "Rainha do Mar", e "Ogum". Indiferentes a tudo e a todos, cantavam: "A rolinha, Sinhá. A rolinha, Sinhá, "assentada" na beira-mar..."

E os tambores, maracás, reco-recos acompanhavam o alarido que se confundia com o barulho das ondas.

Tudo às claras, tudo legal. Nem parecia "gente de Umbanda", outrora perseguida pela polícia, pois era elevado o número de "Cadillacs" e "Mercurys", além de "Chevrolets" e "Jaguares": pretos, brancos e mestiços, que rendiam suas homenagens a Ogum e Iemanjá, "santos" de uma antiga crença africana, transformados em "deuses" de uma nova religião brasileira, e particularmente do carioca.

outros. E para completar os umbandistas também cultuam os orixás, que são os "santos" africanos.

KARDECISTAS E KIMBANDISTAS

Segundo ilustre político (que pediu para que seu nome ficasse em sigilo), os umbandistas situam-se entre os kardecistas e a Kimbanda, (baixo-espiritismo) sendo por isso a crença intermediária entre êsses dois extremos. Adotam símbolos como a igreja católica, combatem o baixo-espiritismo (Kimbanda) porque acham que é feita sòmente para o mal, e quanto aos kardecistas, o combate vem do fato de serem os umbandistas combatidos pelos adeptos de Alan Kardeck.

De qualquer maneira, o fato inconteste é que a mistura de raças influi decididamente no avanço da chamada linha de Umbanda, que é também uma mistura de religiões, assim como somos uma mistura de raças. Outra explicação para o progresso da "ex-macumba", são as dificuldades de vida que atraves-

Numa barca da «Frota Carioca», essa senhora conduz as flôres que prometeu plantar em Niterói e jogá-las numa praia do Rio.





Uma particularidade interessante, são as roupas dos umbandistas, feitas especialmente para a ocasião e que são depois incineradas. Uma roupa não pode ser usada duas vêzes.

Gente simples, vinda de longe, faz fila dentro da noite, para dar sua oferenda de flôres à Rainha do Mar, que conquista, cada ano, novos fiéis.



samos... Mas, que dizer das pessoas umbandistas que não têm problemas de ordem material e que vão fazer seus "despachos" e oferendas ao volante de "cadillacs"?...

Para êsses, a única explicação poderia ser ignorância, se se tratasse de "coronéis" da roça e se o fato se passasse no sertão nordestino ou nas selvas amazônicas. Mas a verdade é que a "Rainha do Mar" está sendo venerada pelos cariocas endinheirados que nela depositam sua esperança. E principalmente porque "Umbanda" permite que seus adeptos sejam até mesmo católicos ou protestantes.

Flôres que as águas levarão: angélicas, rosas e jasmins irão ter às mãos da «Deusa das águas», levadas pelas águas do Arpoador.



POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

A SEMANA EM REVISTA

PAULO ANDRADE LIMA

● **HOMENAGEM**

A «Ala esquerda da direita» do Sindicato de Fiação e Tecelagem, representada pelo que de mais expressivo existe naquela entidade, prestou uma significativa homenagem a Vicente de Paula Galiez. Motivo: trinta anos de serviços devotados na Secretaria Geral do poderoso sindicato. Galiez vai revidar, oferecendo um almôço aos seus amigos.

● COMÉRCIO ENTRE VIZINHOS

As autoridades brasileiras não cooperam eficientemente com os nossos exportadores de tecidos, de modo que lhes permitam colocar sua produção no mercado argentino. Em compensação, o nosso país está em negociações com Buenos Aires para a aquisição de um milhão de toneladas de trigo, o que representa uma sangria, nas nossas já magríssimas divisas, de oitenta milhões de dólares.

● **ACADEMIA**

José Lins do Rêgo, candidato à Academia na vaga de Celso Vieira, será eleito no primeiro escrutínio — são as previsões. Alvaro Lins e Gilberto Freyre também pleitearão as outras vagas existentes na casa de Machado de Assis.

● CANDIDATOS

Candidato de Café Filho à Presidência da República: Munhoz da Rocha.

Candidato de Alberto Pasqualini: José Américo.

Candidato de Eduardo Gomes: Cordeiro de Farias.

Candidato de Carlos Lacerda: Cordeiro ou Etelvino.

● **CONSTA**

Diz-se que o sr. Jango Goulart obteve seis milhões de cruzeiros da atual administração do Banco do Brasil, como empréstimo, tendo dado, como garantia, seus imensos campos de criação de gado, situados na fronteira do Rio Grande do Sul.

● «EMPRÉSTIMO»

A Rêde Viação Paraná — Santa Catarina obteve 350 milhões de cruzeiros, para a renovação do seu parque ferroviário graças à operosidade do seu antigo diretor, general Iberê de Matos, e do atual, engenheiro sr. Flausino Mendes.

● **O PROFESSOR COMPRA ESCULTURA**

O professor Santiago Dantas acaba de adquirir do escultor Alfredo Ceschiatti, uma composição por Cr$ 200 000,00, que foram pagos à vista, para a residência da rua Redentor. A êsse mesmo professor, o presidente Café Filho encomendou o esbôço de um anteprojeto, para a extinção das ações ao portador.

● ALIANÇA MINEIRA

Os deputados Lúcio Bittencourt, Monteiro de Castro e Magalhães Pinto, os dois últimos ferrenhos políticos do primeiro, em Minas Gerais, fizeram uma sociedade comercial, no Rio, numa livraria muito bem decorada, que foi inaugurada na última semana, na Esplanada do Castelo, da Revista Forense, da qual participa ainda o sr. Santiago Dantas. Para completar a sociedade faltaria apenas a inclusão do sr. Juscelino Kubitschek.

● **INTRIGA**

Esforça-se a UDN mineira na tentativa (até agora frustrada) de cindir o PSD das Alterosas. Através de entrevistas, discursos e declarações, as vozes mais autorizadas do udenismo mineiro insistem na tese de que o PSD dificilmente marchará unido com a candidatura Kubitschek. Mas a realidade dos fatos é bem outra. Na verdade, quem está totalmente desunida é a própria UDN, com a sua bancada, na Câmara Federal, minada pelos desentendimentos. O motivo principal dessa desarmonia origina-se do fato de que, nas últimas eleições, muitos candidatos (entre os quais se destaca o sr. Bilac Pinto) não respeitaram as «zonas eleitorais» dos correligionários, num trabalho de catequese que sacrificou muitos e quase derrota outros. Um dos sacrificados foi o sr. Pedro Aleixo. Além de Bilac Pinto, também os srs. Afonso Arinos e José Bonifácio estão sendo acusados de terem faltado a compromissos assumidos antes do pleito.

Leiam A CENA MUDA

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Enderêço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO



A «REVISTA DA SEMANA» custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil.

DESERTO CINEMATOGRÁFICO

OTÁVIO DE FARIA

● O fim do ano não nos traz sòmente o calor. Acarreta uma outra calamidade: o deserto cinematográfico. E não é apenas o fim do ano. Os primeiros meses do ano que em seguida começa não nos proporcionam melhoria alguma. Torna-se necessário que venha uma outra calamidade cinematográfica, o carnaval, (com o seu cortejo de infamérrimos filmes musicais), para que os nossos exibidores se decidam a declarar aberto o novo ano cinematográfico. Só então os cinemas recomeçam a exibir normalmente as suas «produções do ano».

Até êsse momento, porém, nada feito. É como se os espectadores não existissem mais ou estivessem todos êles em vilegiatura. Ou absorvidos em preparativos carnavalescos. Do dia para a noite, ficamos mergulhados num mar de reprises, quase sempre sem nenhuma justificativa técnica. Ou então, exibem-nos os «encalhados» do ano. Num como no outro caso, trata-se, para os exibidores, de «gastar pouco». Fazem-se mil mágicas, mas sempre se acaba descobrindo uns abacaxizinhos pelos quais não se paga muito e que servem para «vencer» o verão. Conseqüência lógica: entramos, nós, no período do jejum forçado. E podemos comprar camelos: estamos em plena travessia do deserto...

Naturalmente, nesse deserto, surgem de quando em quando pequenos oásis. Não se sabe como, nem a que santo agradecer, mas um belo dia um bom filme «escapa» das mãos ávidas dos nossos exibidores. Às vêzes, simples coincidência. Às vêzes, irônica conseqüência da política do «gastar pouco», pois, como se sabe, nem sempre coincidem filmes caros e bons filmes. De qualquer modo, o fato é que existem êsses oásis — e ainda êste ano que finda, nós o tivemos bem grande, logo no início de Janeiro, com o maravilhoso «Brinquedo Proibido», de René Clément. (Neste dezembro que acaba, apenas um leve pequeno oásis: «A Lôba», de Alberto Lattuada, não obstante o «cocktail» de estilos que quase o invalida totalmente.)

Quanto ao mais: deserto, o imenso areal que vai de fins de novembro a princípios de abril. E o mais curioso de tudo isso é que essa «política» dos nossos exibidores me parece provir de um «preconceito». De uma impressão errada, — viciada pela sua inatualidade. De um falso diagnóstico, — mantido por comodismo e descuido.

De fato, por que essa política de «fazer o deserto» durante o verão? Se lhe formos buscar as raízes, veremos que o terreno em que medraram foi o Rio de Janeiro de há anos atrás, quando o cinema dava ainda os seus primeiros passos mais seguros e nem se pensava em cinema falado e refrigeração. O Rio era, então, uma cidade muito menor — o público de cinema incrìvelmente mais limitado. Quando chegava o verão e os «veranistas» começavam a «subir», (Petrópolis, Teresópolis, Friburgo), os cinemas sentiam a diferença de um modo muito vivo. Se a própria cidade — nesse tempo, Copacabana ainda estava caminhando para ser Copacabana — sentia, como é que os cinemas não haveriam de sentir?...

Hoje, na grande metrópole em que o Rio se transformou, quando chega o verão e Copacabana como que «espouca», mal se percebe que os «veranistas» já «subiram». Ou será que alguém, passando por essa Copacabana, num domingo de sol, ainda pensa que está no Rio do tempo do cinema Palais ou do Rialto? Ou imagina que aquela multidão de «cariocas» vai deixar, à tarde ou à noite, de ir aos seus cinemas — agora refrigerados, mais ou menos confortáveis — só porque chegou o período do verão?...

Os nossos exibidores precisam esquecer (pelo menos, um pouco) o preconceito do «tempo de verão». Trata-se de um fato já mais ou menos superado. Um anacronismo, na política «realista» que êles tanto gostam de seguir. Continuem a programar os seus «bons filmes» e ninguém «fugirá» dos cinemas. O que não é possível, o que não é lógico, é êles instituírem o «deserto» e quererem que o público se delicie em atravessá-lo...

NOTÍCIAS

O processo «3-D» alcança Jane Russell, que parece ser um bom motivo comercial. Assim, teremos dentro em breve uma reprise do medíocre «French Line» agora visto sob os óculos polaróides...

★

Não se tem notícia de quando serão levadas em nossas telas as outras produções que compuseram o «Festival Art-Filmes», entre elas «Humberto D», «A insatisfeita» e «Soldados e ladrões».

★

Nos estúdios nacionais continua animada a filmagem do «Rio, 40 graus», com que Nelson Pereira de Almeida faz a sua estréia de diretor.

★

Outro «nacional» em marcha: «Carnaval em Marte», de Watson Macedo, com Anselmo Duarte, Ilka Soares, Violeta Ferraz, etc. O argumento é de Leon Eliachar. «Helena de Tróia», que reúne Rossana Podestá e Jacques Sernas, está concluído e será apresentado dentro em pouco às platéias da Europa.

★

Martine Carol continua sua série de «mulheres fatais». Depois de Lucrécia Bórgia, já em trânsito pelos nossos cinemas, teremos a francesinha em «Madame Dubarry».

★

Anuncia-se a exibição entre nós do famoso «Otelo», que Orson Welles realizou longe dos estúdios de Hollywood.

Outra novidade nacional: Alex Vianny dirigirá o argùmento de Jorge Amado que Cavalcânti ia filmar na Bahia.

★

E o mesmíssimo Cavalcânti filmará qualquer coisa por trás da Cortina de Ferro, segundo se anuncia.



KERIMA, intérprete de «A Lôba», de Lattuada.



Marilyn, uma possibilidade em «O rio das almas perdidas".

FINALMENTE A VENDA O MARAVILHOSO

ALMANAQUE

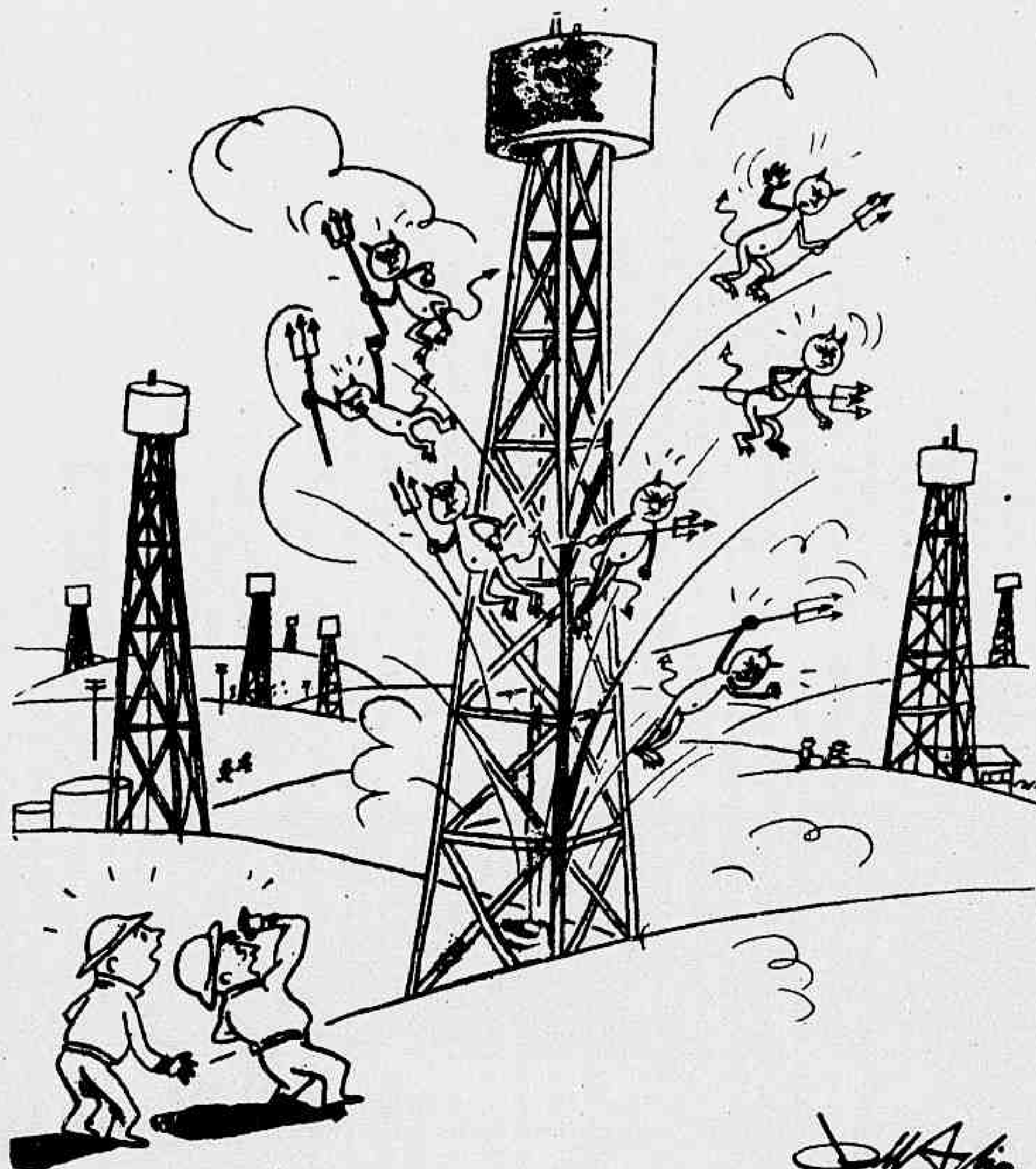
EU SEI TUDO



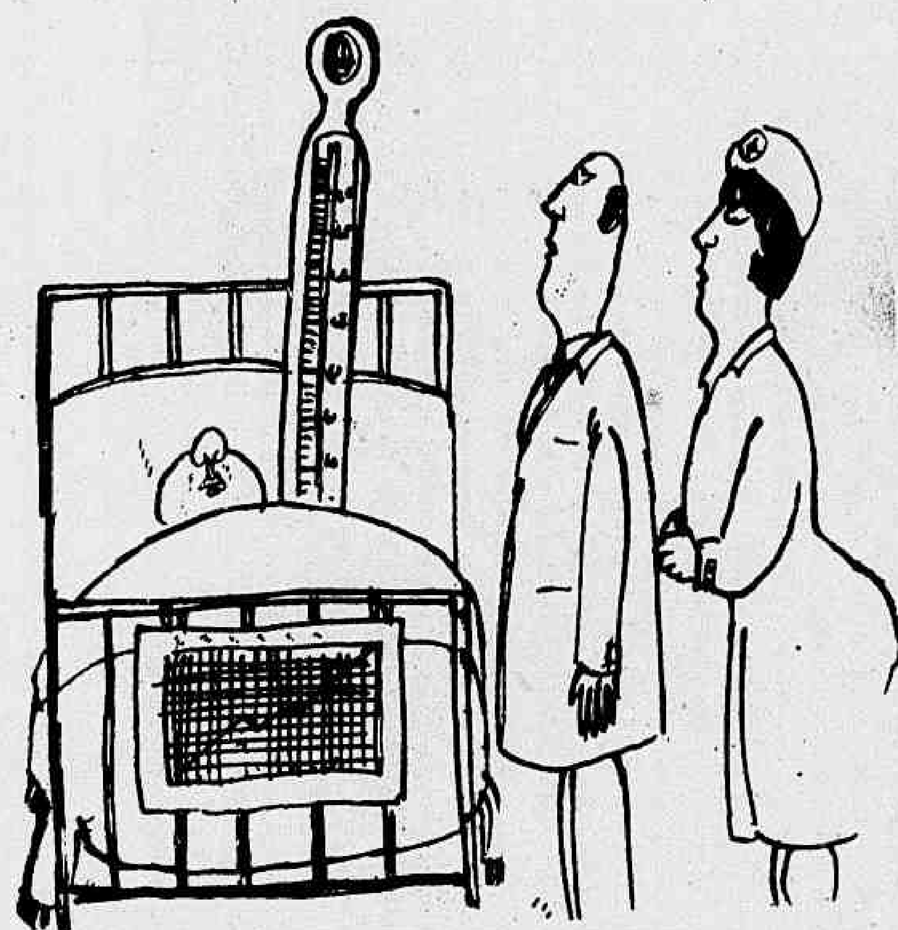
ARTE - CIÊNCIA - MEDICINA - POLÍTICA - RELIGIÃO

CINEMA - ASTROLOGIA - HISTÓRIA - PASSATEMPO - ETC.

Companhia Editôra Americana - Maranguape, 15 - Rio - Lapa



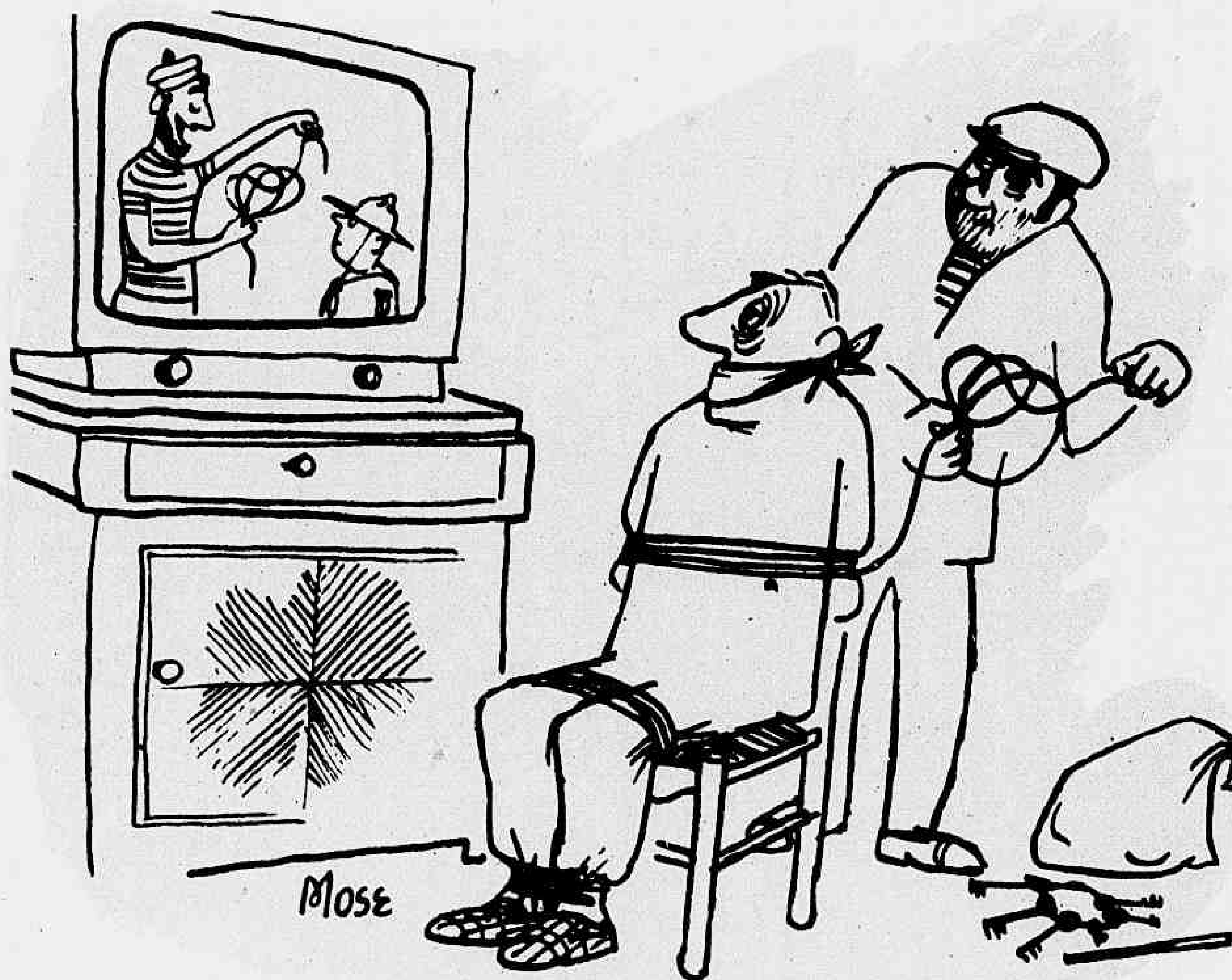
— Êsse petróleo não é nosso...



— A febre continua subindo. Coloque um termômetro maior...

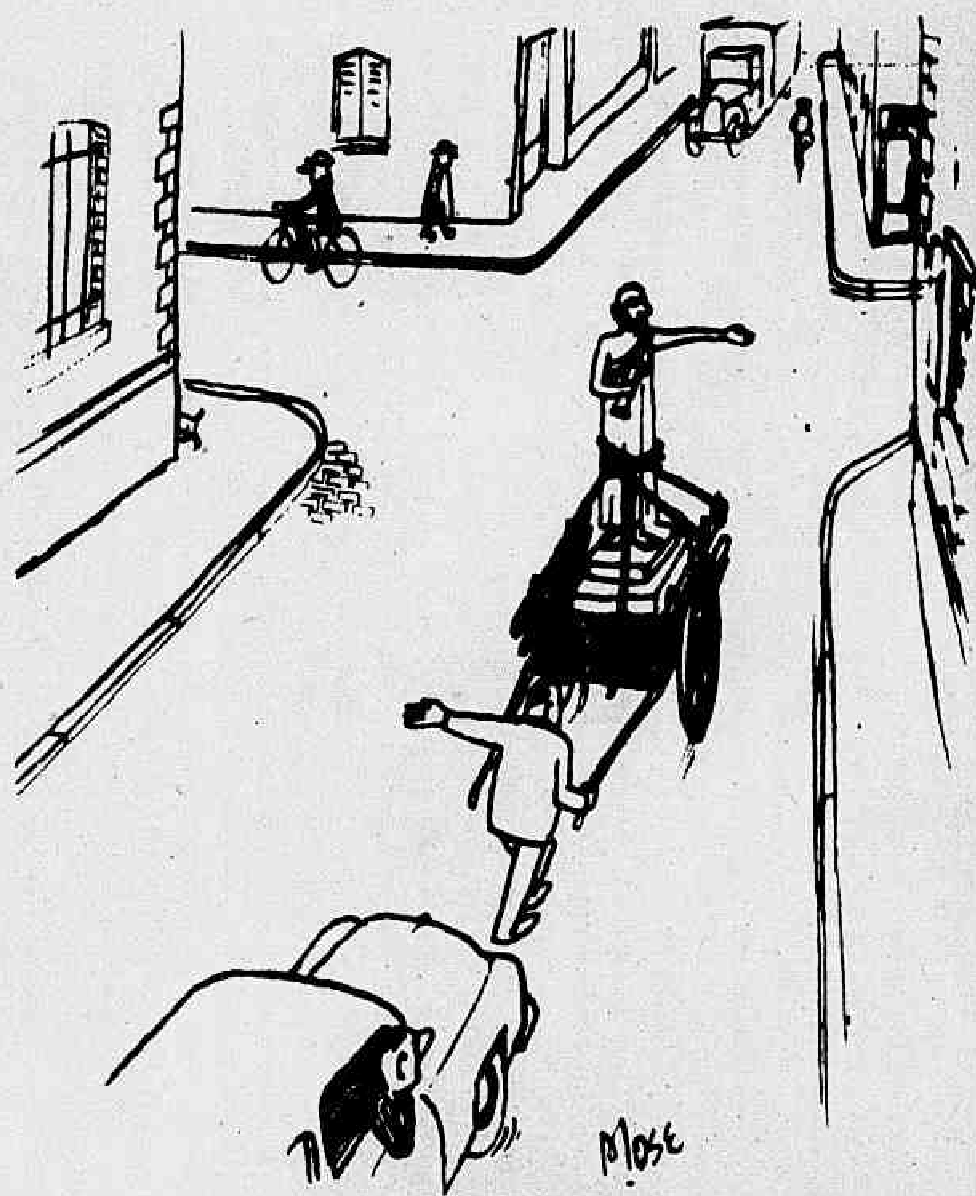
O RISO DOS OUTROS

VIA PARIS-ROMA



Sem Legenda

(Paris Match)



Sem Legenda

(Paris Match)



Sem Legenda

(Paris Match)



WATSON MACEDO

O CINEMA BRA

NOS INTERVALOS DA FILMAGEM DE «CARNAVAL EM MARTE», A EQUIPE ARTÍSTICA DE WATSON MACEDO FAZ UMA LIGEIRA PAUSA INTERPLANETÁRIA ★ VOLTA DE ANSELMO E ILKA AO MUSICAL CARNAVALESCO ★ PITUCA, REVELAÇÃO CÔMICA ★ VISITA AO ESTÚDIO

Texto e fotos de LUÍS SODRÉ

Ilka Soares e Anselmo Duarte, juntos na tela novamente, voltam ao cinema carioca, estreando no carnavalesco «Carnaval em Marte». Nesta cena do filme dirigido por Watson Macedo, o «repórter» Anselmo com sua namorada de tôdas as horas.

O filhinho do casal Soares passa o dia inteiro no estúdio, quando mamãe Ilka tem filmagem. Nosso fotógrafo indiscreto surpreendeu-a quando dava de mamar ao «baby».

SILEIRO VAI A MARTE

O movimento nos estúdios da Brasil Vita Filmes era intenso. Parecia mesmo que a turma se preparava para uma longa viagem interplanetária. Mas não era nada disso: estava-se filmando "Carnaval em Marte". Num canto do estúdio, Watson dava instruções ao carpinteiro, virava-se ràpidamente, ensaiava os atores e gritava: "Tôda luz! Ação!" E a câmara começava a rodar. Estávamos na imensa residência de D. Petrolina (Violeta Ferraz) que queria, de qualquer maneira, ser a rainha do Carnaval. Ela tinha também uma sobrinha (Ilka Soares) que namorava um repórter (Anselmo Duarte) com manias de Discos Voadores. E de tal maneira impregnaram a cabeça de D. Petrolina que, durante uma briga ela desmaia e passa a sonhar que está no planêta Marte, soberana absoluta. Quando a cena acabou de rodar, o diretor (e produtor) Watson Macedo nos esclareceu:

— "Pretendo fazer de "Carnaval em Marte" um carnavalesco diferente de todos que tenho feito até agora. A história, de minha autoria e de Alinor Azevedo, contou também com a colaboração especial do humorista Leon Eliachar — e se desenrola em dois planos: o terrestre (real) e o marciano (imaginário). Êste, aliás, é o primeiro filme de uma série (seis por ano) que pretendo realizar nos estúdios da Brasil Vita Filmes".

Quando Watson terminava de falar, o fotógrafo Edgard Eichorn acabava de iluminar a próxima cena e Watson se afastou. Aproximamo-nos de Anselmo, que tomou a palavra:

— "Eu fiquei, realmente, muito bem impressionado com a história e achei-a engraçadíssima e muito limpa. O meu papel é o de um repórter entusiasta de assuntos interplanetários a que ninguém dá crédito. Ainda assim, consigo, no filme, ser o único jornalista a fotografar os Discos Voadores, o que causa grande confusão e vem dar muito movimento ao filme. Como não podia deixar de ser, minha pequena na fita é Ilka Soares, minha espôsa na vida real".

Neste momento, Ilka aproxima-se de nós. Fazemos então uma pergunta indiscreta, querendo saber como ela se arranja em dividir o seu tempo entre o Júnior e o seu trabalho no filme:

— "Muito simples — respondeu-nos ela com um sorriso — nos dias de filmagem o Anselminho passa o dia inteiro no estúdio. Nos intervalos, eu mesmo trato dêle, e quando estou filmando todos fazem questão de brincar com o menininho. Acho mesmo que é uma boa solução para a família estar tôda reunida".

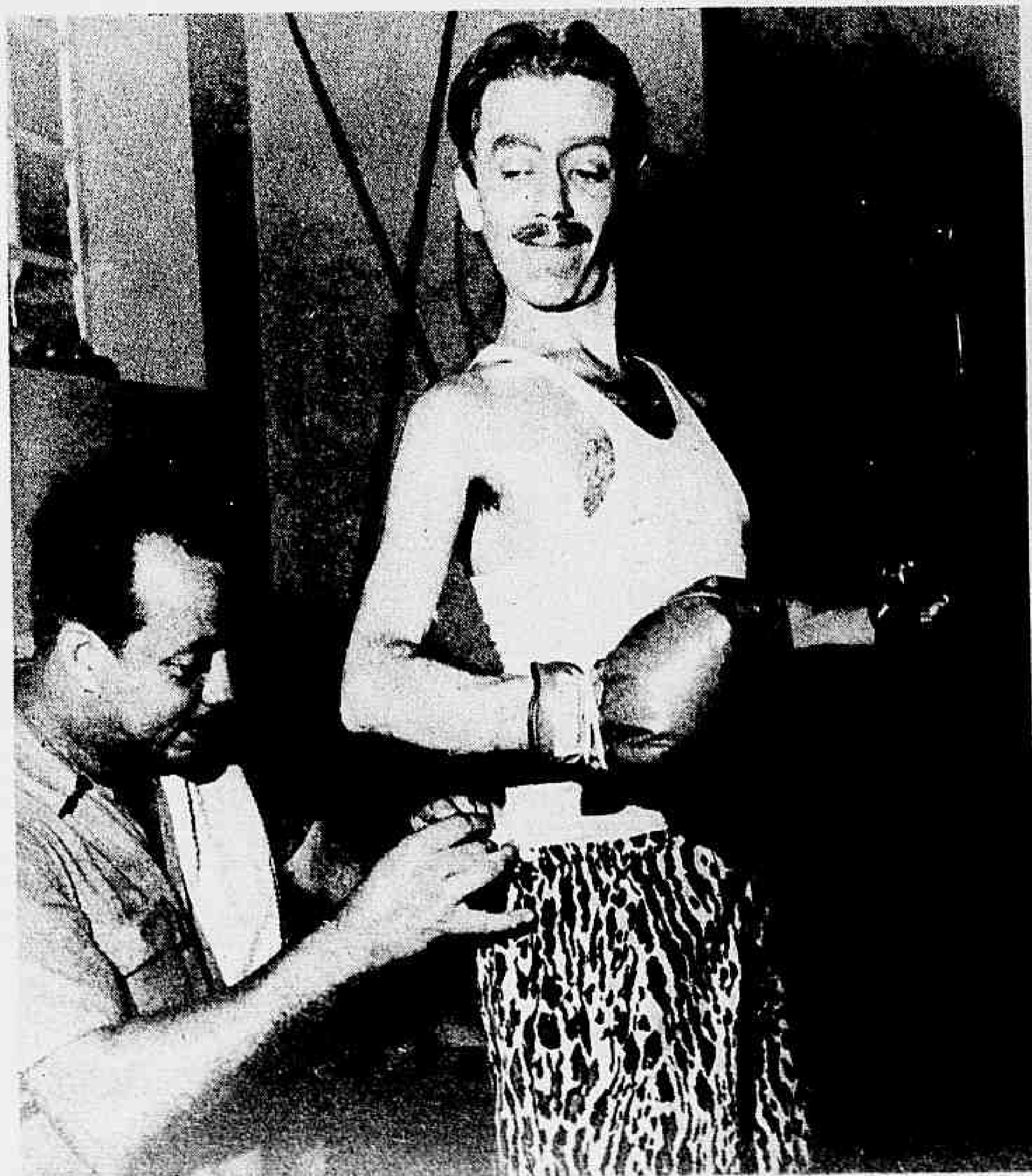
Pituca, a revelação teatral de Zilco Ribeiro e que estreou no cinema em "O Petróleo é Nosso", estava sentado, ao lado, lendo o "script". Fomos apresentados e pouco depois assistíamos a uma cena dêle. Pituca faz o marido de Violeta Ferraz e é caçador de borboletas, e passa o dia inteiro a quebrar os objetos valiosos da espôsa. Confessamos que o rapazinho impressionou muito bem e promete ser um dos melhores atores cômicos do cinema brasileiro. Está a caminho.

Despedimo-nos de todos e fomos dar uma olhadinha no resto do estúdio. Na carpintaria, estava sendo construído um Disco Voador, disco êsse que aterrissaria na Barra da Tijuca, onde serão feitas algumas cenas de exterior. No Departamento de Vestiário, estavam sendo acabados os trajes das marcianas, que promete nos mostrar lindas e assoviáveis garôtas. Verdadeiras garôtas do outro mundo.



Num intervalo de filmagem Anselmo e Pituca estudam o «script», de autoria de Watson Macedo e Alinor Azevedo, com a colaboração especial do humorista Leon Eliachar.

Pouco antes de entrar numa engraçadíssima cena de luta de box, o «alfaiate» do estúdio ajeita o calção de Pituca.



ÚLTIMO FLASH

MIRE-SE NESTE ESPELHO!

PARA suprir a falta de sinais luminosos em vários cruzamentos de ruas desta Capital, a Inspetoria de Trânsito acaba de introduzir uma inovação, constante de um mirante com espelhos conjugados, capazes de refletir os veículos em marcha, nos quatro sentidos, dentro de um raio de aproximadamente 35 metros. Dêsse modo, os motoristas podem perceber qualquer veículo que trafegue pela transversal, ficando prevenidos para evitar as constantes colisões registradas nesses locais, pois a convenção de "via preferencial" nem sempre é respeitada. O primeiro da série foi instalado no cruzamento das ruas São Francisco Xavier com Mariz e Barros. (Foto Nestor Leite, cedida pelo "O Globo".

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 3 — RIO DE JANEIRO — 15-1-55

Propriedade da
Companhia Editôra Americana
Diretor-Presidente .... **Gratuliano Brito**
Diretor-Comercial .... **Ivan Guimarães**
Diretor-Gerente .... **Wenceslau Quintais**
Redatores e corretores... **S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega**
ENDERÊÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A figura em foco



A. P.

Com êsse "mais-que-prefeito"
Nem Santo Antônio se agüenta!
Arrasa um morro no peito
E o faz em câmara lenta.

Com êle não tem bandeira
Pois topa qualquer corrida.
E acabou com a vergonheira
Dos "fantasmas" da Avenida.



MENDEZ

FORTUNA (um tanto decepcionado) APRESENTA

AINDA NÃO

Charles Laughead, médico do Colégio de Agricultura de Michigan, lente de Apocalipse e catedrático em Juízo Final, anunciou que o fim do mundo seria no dia 21 de dezembro último.

TODO MUNDO ESPEROU

E O MUNDO NÃO ACABOU...



AINDA BEM!
POIS SE A GENTE TIVESSE A CERTEZA DE QUE O MUNDO IA ACABAR MESMO...



FOI DESTA VEZ!

GUERRA FRIA LAMENTAVEL

INFLAÇÃO

O trabalho forçado

A ONU condenou o trabalho forçado, contra os votos da Rússia

Usaria a defesa européia as armas termonucleares

REARMAMENTO ALEMÃO

MAIS UM CASO DE MUDANÇA DE SEXO!

— Os aviões americanos lançariam bombas atômicas caso a Rússia atacasse

CRIME

ESCÂNDALO

O uso de armas atômicas será definido pela OTAN



— Então, doutor, já que o mundo não acabou, retira a profecia?

— Absolutamente! Do jeito como as coisas vão, basta adiar a data.





O tecido desta primavera é

Popelinita

MARCA REGISTRADA

- Um novo tecido, mercerizado e brilhante, em 2 tipos: moiré, para toilette, e liso, para trajes esportivos e passeio.
- 10 cores modernas que não desbotam
- Macio e flexível como a popeline
- Resistente e encorpado como a lonita
- Feito com fio de algodão Seridó - o melhor do mundo



A venda nas boas casas do ramo!

UM PRODUTO DAS INDÚSTRIAS GASPARIAN

Grant

87.519